



MAPA NACIONAL

Paraíba tem terceira menor taxa de consumidores inadimplentes

Levantamento do BB mostra que paraibanos já renegociaram mais de R\$ 273 milhões em dívidas. **Página 17**

Vagas ociosas da Zona Azul geram debate sobre a eficácia da cobrança

Após quase um ano da implantação do sistema, lojistas questionam o impacto da medida no movimento do comércio.

Página 5

Editais ofertam vagas com salários de até R\$ 37 mil no serviço público

Seleções oferecem mais de quatro mil vagas imediatas e cadastro de reserva para todos os níveis de escolaridade.

Página 16

Carlos Azevêdo lança, amanhã, livro que reúne suas crônicas semanais

Obra, com textos publicados no jornal **A União**, será apresentada às 18h, na livraria da Editora Ideia, em João Pessoa.

Página 9

Correio das Artes

Tomás Santa Rosa deixou legado como criador e pioneiro da cenografia moderna

Cenógrafo e ilustrador paraibano faleceu há quase sete décadas, mas, antes, revolucionou o teatro nacional e as artes gráficas.

Ilustração: Tônio



Foto: Leonardo Ariel



Participação do eleitorado negro é desafio para 2026

Com elevada taxa de abstenção nas urnas, no último pleito, os eleitores pretos e pardos demonstram apatia diante da ausência de representatividade política nos espaços de poder, mesmo representando a maioria da população do estado.

Página 13

■ “Preso em casa para não perder a inocência, vim saber o que era liberdade no internato do Pio XI. Justamente onde a grande maioria achava uma prisão”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Vencedor do Prêmio Camões, Germano Almeida relembra trajetória

Em entrevista ao escritor paraibano Thélío Farias (E), o contador de histórias cabo-verdiano relata sua relação com a literatura e com a própria cultura.

Página 4



Foto: Arquivo pessoal

Trilha ecológica valoriza saberes e amplia o desenvolvimento do Cariri

Rota Caminhos das Águas busca conectar turismo, conservação ambiental e geração de oportunidades para a população da região.

Página 8

Foto: Divulgação/Sebrae-PB



Presença das mulheres no cangaço modificou a imagem do fenômeno social

Nem sempre espontânea, a participação feminina no bando de Lampião começou a partir de Maria Bonita e foi sendo ampliada a cada nova ação do grupo. Elas não viviam para cozinhar para os homens nem eram recrutadas para lutar, mas não podiam deixar o bando e nem criar os próprios filhos.

Página 25



Ilustração: Tônio

Editorial

Tremores do mundo

A imprevisibilidade parece ser uma das marcas registradas do tempo presente, no que diz respeito aos níveis de violência de eventos climáticos extremos e de fenômenos geológicos, a exemplo de enchentes e inundações, ondas de calor e de frio, estiagens e secas, incêndios florestais e terremotos. Ora, o planeta está desassossegado com o desequilíbrio ambiental, e a humanidade, claro, também sofre as consequências desse estresse.

Os terremotos originam-se de deslizamentos e de atritos entre placas tectônicas, portanto, podem não estar diretamente relacionados à degradação ambiental, além do que o número de ocorrências, registrado neste ano, não difere tanto assim de outros períodos da história recente. Agora, o alto poder destrutivo de alguns abalos sísmicos, ocorridos nos últimos meses, realmente tem assustado até mesmo os estudiosos do assunto.

Alguns tremores de terra tiveram magnitude 7 e outros foram ainda mais fortes, com consequências devastadoras para os países afetados, cujas populações sofreram com os desmoronamentos de casas e edifícios, as mortes constatadas e o desaparecimento de centenas de pessoas. O medo anda de mãos dadas com a dor nas regiões mais pobres, abaladas por terremotos, diante da possibilidade de novos estremecimentos de terra.

Cenas de prédios desabando e de pessoas desesperadas foram captadas pelas câmeras de profissionais da Comunicação ou pelos celulares de testemunhas oculares das tragédias. Foi assim, por exemplo, em Tonga (24 de março), no Afeganistão (3 de abril), no Japão (20 de abril), nas Filipinas (8 de junho), na Venezuela (24 de junho), na Colômbia (10 de agosto), na Indonésia (15 de agosto) e no Peru (20 de agosto).

Quanto mais economicamente pobre o país, mais contundentes são os efeitos dos terremotos. Nesses momentos terríveis, a solidariedade social transforma-se no bem mais precioso, haja vista que os governos nem sempre estão preparados para prestar a devida assistência a um número tão grande de vítimas, como também para a remoção segura dos destroços em busca de pessoas que se encontram soterradas sob os escombros.

Se é certo que as hecatombes naturais estão na ordem do dia e não têm lugares preferidos para acontecer, caberia aos governos das nações esforçarem-se para um pacto solidário global, com vistas a um prestar socorro ao outro, quando um ou outro for vítima de tragédias provocadas por abalos sísmicos ou eventos climáticos extremos. Mas o que se vê é a intensificação da corrida armamentista, ou seja, para apagar o fogo, andam jogando gasolina.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Quando a palavra enfrentou o medo

Nunca o Theatro Santa Roza havia recebido um público tão numeroso quanto naquela noite de 15 de agosto de 1968. Por medida de precaução e para permitir que a multidão, que se aglomerava no interior daquela casa de espetáculos e na Praça Pedro Américo, pudesse ouvir a conferência de Dom Hélder Câmara, os organizadores do evento decidiram transferir a solenidade para a rua.

Num palanque improvisado, montado sobre uma camionete equipada com alto-falantes, o arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires, deu início à solenidade de instalação do Instituto de Formação para o Desenvolvimento, saudando o conferencista. Logo depois, o economista Ronald de Queiroz fez um pronunciamento de apresentação daquela que foi a grande atração da noite, classificando dom Hélder como “o mais atuante humanista da América Latina”.

Transcrevo, a seguir, alguns trechos da conferência de dom Hélder: “Nosso povo está marginalizado e é terrível ficar à margem. Não só a população do Brasil, mas a da América Latina e de todo o Terceiro Mundo, está à margem do desenvolvimento econômico, social, educacional, moral e religioso. Não atacamos pessoas quando denunciemos esses problemas. São estruturas antigas, caducas e injustas que terão de ceder. E, quando caírem, quando cederem, desejo que os nossos centros de reflexão tenham encontrado as estruturas acertadas”.

Ao fim da palestra, Dom Hélder foi advertido por alguns estudantes de que aquele era um momento de grande tensão, o que os inibia de participar mais livremente da conferência e de fazer as perguntas que desejavam.

Na Praça Pedro Américo, a presença de agentes do Dops e de policiais militares era ostensiva e ameaçadora. O ambiente deixava claro que qualquer manifestação poderia provocar uma reação das Forças de Segurança.

Dom Hélder, então, decidiu encerrar seu pronunciamento conclamando a população a dar uma demonstração de responsabilidade e autocontrole, retornando tranquilamente às suas casas, sem qualquer manifestação que pudesse ser interpretada como atentado à ordem pública.

Foi impressionante a forma como o povo atendeu ao seu apelo. A multidão dispersou-se calmamente, sem que fossem registrados incidentes os quais pudessem empanar o brilho daquele acontecimento histórico.

Àquela noite de 15 de agosto de 1968 ficou marcada não apenas pela presença de uma das mais importantes vozes da Igreja progressista brasileira, mas também pela demonstração de coragem, maturidade e disciplina de uma população que, mesmo sob a vigilância ostensiva da repressão, soube ouvir, refletir e voltar para casa em paz.

“

Na Praça Pedro Américo, a presença de agentes do Dops e de policiais militares era ostensiva e ameaçadora

Foto

Legenda

João Pedrosa



Velocidade em forma de cuidado

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Uma volta a padre Odilon

Rematando o café, abro o jornal, o mesmo jornal que chegava pelos Correios (três exemplares diários) para a Biblioteca dr. Zamenhof, de Alagoa Nova, em 1948, ano em que, com a morte de meu pai, deixei o Pio XI de Campina Grande sem deixar o hábito solitário da leitura. O atraso dos Correios não chegava a mais de três dias, o que não impedia de se aguardar com interesse a sua chegada, mesmo que o rádio antecipasse o noticiário, além da vantagem das transmissões esportivas ao vivo. O papel principal do jornal impresso, como continua sendo hoje, era confirmar ou corrigir o que informava a instantaneidade do rádio. O rádio ouvíamos no picolé anexo à padaria do grande e gordo José Floro, até hoje um modelo de homem bom dos que não perderam seu lugar no grato recesso de minha memória.

Criado sem muita liberdade, preso em casa para não perder a inocência com a molecagem da rua, da vez que me destinaram ao seminário, vim saber o que era liberdade no internato do Pio XI. Justamente onde a grande maioria achava ser uma prisão. Mas prisão entre paredes de um quarteirão que se estendia de uma rua a outra, com uns sessenta ou setenta internos juntos. A liberdade, para mim, não exigia mais espaço nem maior animação.

Além do privilégio de vir de Alagoa Nova sabendo ajudar a missa, logo feito acólito no internato. E privilégio maior de me ver aproximado de padre Odilon Pedrosa, o diretor, um homem de letras afeito à leitura do mundo, que vim reencontrar aqui, já em 1951, dirigindo *A Imprensa*, logo punido com transferência para o interior por sua crítica ao governo, acusado de remover professoras por motivação política. E que governo? O de ninguém menos que José Américo. (Já na condição de amigo, bons anos depois, estando a sós com o autor de *A Bagaceira*, arrisquei ferir o assunto: “Pode ter vindo de agrado, mas eu não pedi” — replicou rápido, a tolerância esboçada num discreto sorriso).

Padre Odilon Pedrosa, quem dos seus pupilos conseguiu desvencilhar-se de sua vigilância de educador a cobrar mais e mais dos nossos pendores?

“

Criado sem muita liberdade, preso em casa para não perder a inocência, da vez que me destinavam ao seminário, vim saber o que era liberdade no internato do Pio XI

Adivinhando meus sonhos de rueiro encarrega-me, rezada a missa, de apanhar a assinatura dos seus jornais na Rui Barbosa, a três quarteirões do colégio. Folga para as minhas pernas. O que eu poderia fazer em 10 minutos, gastava o suficiente para uma esticadinha até a Praça da Bandeira, viveiro de pombos e, não sei se ainda hoje, do espírito cívico da cidade. Plataforma da oratória de Felix Araújo, de Hortêncio Ribeiro, de Argemiro de Figueiredo e de Raimundo Asfora, orador nascente.

Vejo, hoje, 80 anos depois, que se a vida me faltou com o racionalismo indispensável à mais simples equação, não me negou esse jeito de viver que não tem melhor nome do que simpatia ou mesmo empatia. Que dotes poderia ter um caboclo de 12 anos, mal saído das grotas brejeiras, para ganhar a simpatia daquele padre-mestre? Desde minha primeira ocupação, recenseador do Censo de 1950, até os dias de hoje, foi rara a oportunidade ou a confiança que me tenha sido dada através do concurso. O único que fiz e logrei aprovação não valeu para o regime militar instalado anos depois. No entanto, pessoas que eu nunca tinha visto, deram-me a mão de boa vontade. E para todo o sempre.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Gisa Veiga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
ASSINATURAS IMPRESSAS: **anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4**
CONTATO: **redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br**

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

MULHERES QUE FAZEM

Programa busca fortalecer o protagonismo feminino

Paraíba tem cerca de 160 mil empreendedoras no comando de pequenos negócios

Nalim Tavares
nalimtavaresdo@gmail.com

Com cerca de 160 mil mulheres no comando de pequenos negócios na Paraíba, o desafio de superar a informalidade — que atinge 70,5% delas, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) — vem sendo respondido a partir da união entre as empresárias. Por meio do programa Mulheres que Fazem, a Federação das Indústrias do Estado (Fiepb) vem conectando empreendedoras a oportunidades de mercado, cursos de capacitação e redes de apoio que incentivam as lideranças femininas. Atualmente, a iniciativa, que ganhou destaque nacional, está se preparando para ampliar suas ações, reformando uma sala na sede da federação, em Campina Grande, para o atendimento específico de participantes e interessadas.

Com o objetivo de oferecer visibilidade, oportunidades e construir um espaço permanente de conexão para mulheres que empreendem, o projeto foi concebido, em 2025, como um evento de formação profissional e *networking*, idealizado pela empresária Narriman Napy Pereira, da Toca do Saci. Segundo ela, uma coleta de dados realizada pela Fiepb encontrou os mesmos resultados que a pesquisa do Sebrae: o número de mulheres empreendedoras estava crescendo de forma considerável, mas, em decorrência de fatores como necessidade urgente de renda, dupla jornada de trabalho, falta de recursos ou desconhecimento acerca da burocracia, a maior parte delas operava de maneira informal.

“O evento seria uma forma de aproximar as mulheres, tanto umas das outras quanto da federação. A primeira edição foi realizada no ano passado, em março, por ser o mês da mulher, e foi um sucesso imediato. Recebemos 400 mulheres na federação e, enquanto o dia se desenro-



Foto: Divulgação/Fiepb

Fiepb vem conectando empreendedoras a oportunidades de mercado, com cursos e redes de apoio

lava, senti o quanto aquele evento era necessário. Havia uma lacuna que esse projeto estava preenchendo,” conta Narriman.

Em decorrência da resposta positiva, a Fiepb sentiu-se confiante para ampliar o programa e, na edição seguinte, realizada em abril deste ano, o evento ganhou uma programação de dois dias, alcançou o dobro de empreendedoras e realizou uma feira de negócios, dedicada à valorização das indústrias lideradas por mulheres no estado. A agenda contou com palestras voltadas para temas como protagonismo econômico feminino, liderança, gestão, reforma tributária, inovação e saúde da mulher, além de capacitações e oficinas de cupcake, bem-casado, comidas de boteco e produção de artefatos em couro.

O preconceito e a falta de suporte são algumas das razões que dificultam o crescimento de negócios liderados por mulheres. Estereótipos de gênero ainda afetam a confiança que clientes e investidores possuem no potencial das gestões femininas, embora pesquisas da Bain & Company, empresa global de consultoria e gestão estratégica, indiquem que negócios liderados por mulheres tendem a adotar práticas mais inclusivas, colaborativas e com foco em impacto social, contribuindo para reduzir desigualdades e promovendo relações comunitárias mais fortes.

Para Narriman, a criação de redes de apoio reduz a solidão no empreendimento feminino, fornece mais aprendizado e cria oportunidades, além de favorecer a troca de experiências entre mulheres — contato que favorece a autoconfiança das empreendedoras e as ajuda a superar os desafios do mercado. Dentro da rede, o *networking* iria muito além de uma troca de contatos entre as empresárias, proporcionando, também, acesso a recursos como conhecimento especializado, financiamento, projeção e visibilidade para as marcas. “O Mulheres que Fazem vai muito além da realização desses eventos. Na primeira edição, percebemos que muitas empreendedoras realmente não conheciam a federação, nem as demais instituições vinculadas que colaboram com o fortalecimento da indústria paraibana. Queremos que essas mulheres se aproximem desse sistema, que comuniquem o que precisam. E, a partir daí, podemos encontrar formas de prestar todo o nosso apoio,” ela explica.

Estandes do Serviço Social da Indústria (Sesi), foco em saúde, segurança do trabalho, cultura e educação básica, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), voltado para educação profissional, cursos técnicos e inovação e tecnologia industrial, e do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), que atua em capacitação gerencial, es-

tágios e desenvolvimento de carreiras e empresas, estavam presentes nas edições do Mulheres que Fazem, trabalhando em conjunto com a Fiepb, entidade superior de representatividade industrial da Paraíba, para tirar dúvidas e fortalecer o apoio às empreendedoras. “Foi uma imersão bem bacana e, acredito, parte do sucesso total do projeto veio de um olhar sensível a respeito das mulheres na indústria,” afirma a idealizadora do projeto.

Entre as empresárias convidadas para participar do Mulheres que Fazem, está Vanuza Almeida Pereira, do Grupo das Neves. “Estamos no mercado desde 1988, atuando na fabricação de produtos de limpeza, no esmagamento de caroço de algodão e na produção de óleo, ração para gado e ração *pet*, segmento em que somos a maior empresa do estado,” revela a empreendedora. De acordo com ela, o programa permite que negócios de todos os tamanhos apresentem seus produtos, conquistem novos parceiros e ampliem sua visibilidade para fora do estado. “Como membro do sindicato da indústria de sabão e velas da Paraíba, estamos inseridos na federação há mais de 25 anos e nunca havíamos tido uma oportunidade como essa. Na atual gestão do Fiepb, estamos tendo essa visibilidade que a indústria paraibana necessita para mostrar sua força e seu potencial,” declarou.

Fiepb oferece curso e uma padaria artesanal

A participação nos eventos é aberta ao público, mediante inscrição realizada por meio de um *link*, que fica disponível, antes de cada edição, no Instagram do projeto, o @mulheresquefazempb. Entretanto, a federação e demais instituições ficam à disposição para atender mulheres e outros integrantes do setor produtivo. “Temos, inclusive, uma equipe que está sempre alimentando a conta do programa, atenta a quem procura falar conosco. Então é possível procurar o nosso departamento de comunicação, nossas redes sociais, e deixar uma mensagem. A gente entra em contato para chegar junto,” fala Narriman Pereira.

Através do Mulheres que Fazem, o Fiepb também organizou um curso de corte e costura, no Centro de Referência de Assistência So-

cial (CRAS) da prefeitura de Campina Grande. “Os profissionais da unidade perceberam que muitas mães ficavam ociosas. Eles tinham uma sala com máquinas de costura, e nos procuraram para ver se poderíamos ajudar. Entramos em contato com o Senai e viabilizamos professores, matérias-primas e insumos para a realização dos cursos. Também entregamos certificados após a capacitação, e assim as mulheres estavam prontas para o mercado de trabalho, para costurar em casa e para encontrar novas oportunidades,” a empresária discorre.

Uma outra ação, realizada por meio do programa, é o projeto Padaria Artesanal, que oferece capacitação gratuita e completa de panificação, a fim de fortalecer a geração de renda, estimular a autonomia financeira e

abrir novos caminhos para o desenvolvimento profissional de mulheres paraibanas, nos municípios de Campina Grande e Puxinanã. “Quando somos procurados, seja por mulheres ou instituições, encontramos formas de viabilizar ações que impulsionam as mulheres produtoras em nosso estado, com todo o apoio que a federação puder dar,” assegura Narriman.

Repercussão nacional

Com o interesse que despertou desde sua primeira edição, o Mulheres que Fazem ganhou reconhecimento em todo o país e passou a inspirar debates e iniciativas voltadas à liderança feminina na Confederação Nacional da Indústria (CNI). Segundo Narriman, que também atua como representante paraibana no Fórum Nacional da

Mulher Empresária da confederação, o protagonismo feminino nos negócios é uma realidade que precisa ser cada vez mais incentivada e que, por meio do contato com a federação e instituições parceiras, é possível transformar ideias em negócios concretos — uma chance para quem busca caminhos para conquistar autonomia através do empreendedorismo.

“É muito gratificante perceber que o nosso objetivo ultrapassou os muros da federação e do estado. Sabemos que ainda há muito a ser feito, mas ver o Mulheres que Fazem crescer e gerar resultados concretos mostra que, quando criamos oportunidades e conectamos pessoas em torno de um propósito, somos capazes de transformar muitas histórias,” pontua a idealizadora.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A insônia de Mark Fisher e a nossa

Descobri Mark Fisher numa madrugada de insônia, dessas em que o silêncio da casa parece ter a textura áspera de uma lixa. A tela do computador brilhava no escuro como um aquário fosforescente, e foi ali, entre abas abertas sobre notícias desoladoras e vídeos aleatórios, que esbarrei com o conceito de “realismo capitalista”. Lembro-me de ter lido a definição — “a sensação generalizada de que o capitalismo é o único sistema viável, e de que é impossível imaginar uma alternativa coerente” — e sentido um arrepio, como se alguém tivesse, enfim, dado nome a um mal-estar que eu carregava sem conseguir verbalizar.

Fisher, filósofo e crítico cultural britânico, foi um homem obcecado por esse bloqueio da imaginação. Em seus escritos, ele diagnosticava com uma clareza quase cirúrgica a paralisia de nossa época: vivemos num mundo onde é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Não se trata de uma frase de efeito, mas de uma constatação cotidiana. Basta observar como os filmes distópicos proliferam, enquanto as utopias tornaram-se artigo de museu. Fisher lembrava-nos que a cultura, a música, o cinema, a literatura, que um dia foi um laboratório

“

Sua morte, em 2017, por suicídio, ecoa como uma nota dissonante em sua própria teoria

de futuros possíveis, hoje limita-se a reciclar o passado, num loop infinito de remakes, reboots e nostálgicos retrôs.

Há algo de profundamente melancólico nessa análise. E a melancolia, aliás, não era um tema estranho a Fisher. Ele escreveu abertamente sobre sua depressão, transformando sua dor pessoal em lente para entender o sofrimento coletivo. Em *Ghosts of My Life*, ele fala sobre

a perda do futuro, sobre como a cultura popular deixou de nos oferecer a promessa de um amanhã diferente. Para Fisher, a depressão não era apenas um desequilíbrio químico individual, mas um sintoma de uma sociedade que sequestrou o desejo, que nos convencionou de que o único horizonte possível é a gestão eficiente da própria sobrevivência.

Enquanto lia seus ensaios naquela madrugada, sentia que suas palavras me devolviam algo que eu não sabia que tinha perdido: a raiva. Uma raiva lúcida, direcionada não a inimigos abstratos, mas a uma estrutura que nos captura pelo cansaço. Fisher escrevia sobre a precarização do trabalho, sobre a “depressão de mercado” que transforma cada um de nós em empresário de si mesmo, sobre a ansiedade como afeto dominante. E, no entanto, não havia em sua prosa o tom panfletário ou ressentido. Havia uma elegância taciturna, uma busca desesperada por frestas de luz.

O “estranho e o familiar”, expressão que ele usou para descrever certas experiências estéticas, define bem o encontro com sua obra. Tudo o que ele dizia me parecia estranhamente óbvio, como se eu sempre tivesse sabido daquilo, mas nunca tivesse encontrado as palavras certas. Fisher nomeava o desconforto de viver num presente que não consegue se imaginar como história, em que o futuro é apenas uma repetição exaurida do que já foi.

Sua morte, em 2017, por suicídio, ecoa como uma nota dissonante em sua própria teoria. Como conciliar a lucidez de quem diagnosticou a paralisia com a incapacidade de escapar dela? Talvez a resposta esteja na honestidade radical de Fisher: ele não oferecia fórmulas mágicas, não prometia redenção. Ele apenas insistia que reconhecer o impasse é o primeiro passo para quem sabe, começar a desmontá-lo.

Naquela madrugada, quando o céu começou a clarear atrás da janela, fechei o computador com uma sensação ambígua. A insônia continuava, mas já não era a mesma. Havia agora uma companhia: a consciência de que o mal-estar que eu sentia não era apenas meu, mas um sintoma de uma época inteira. E, estranhamente, saber-se doente junto com o mundo pode ser um alívio. Pode ser, até mesmo, uma forma de começar a curar.

Colunista colaborador

Germano Almeida

Escritor cabo-verdiano

“Não sou escritor, sou contador de histórias. Estórias de minha gente”



Foto: Arquivo pessoal

Em entrevista, o vencedor do Prêmio Camões de 2018 destaca sua trajetória e também fala sobre literatura brasileira

Thélio Farias
Especial para A União

Mindelô, Ilha de São Vicente. A segunda maior cidade de Cabo Verde ocupa a baía do Porto Grande, porto natural formado por uma cratera submarina vulcânica. É uma cidade alegre, com bons restaurantes, belo casario colonial e uma grande tradição musical, com uma riqueza melódica com *mornas*, *coladeras*, *funaná*s e *kizombas*. Uma das personalidades da cidade é Cesária Évora, a cantora de maior reconhecimento da história de Cabo Verde, vencedora do Grammy de Melhor Álbum de *World Music* e de diversas premiações e condecorações internacionais, como a Legião de Honra da França. Foi nesse cenário que amanchei no Santa Cruz Boutique Hotel, situado na Rua São João, no Centro Histórico mindelense. Tinha um encontro marcado com Germano Almeida.

Germano Almeida nasceu na Ilha de Boa Vista, no ano de 1945. É um dos maiores nomes da literatura lusófona. Estudou Direito em Lisboa, com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, e dedicou-se à advocacia na Ilha de São Vicente. Foi deputado-geral e exerceu o cargo de procurador-geral da República de Cabo Verde. Foi um dos cofundadores da revista literária *Ponto & Vírgula* e criou a Ilhéu Editora. Publicou mais de 30 livros, dentre romances, contos, crônicas, história e livros jurídicos. Destacam-se as seguintes obras: *O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* (1989); *O dia das calças roladas* (1992); *O meu poeta* (1990); *A ilha fantástica* (1994); *Os dois irmãos* (1995); *Estórias de dentro de casa* (1996); *A morte do meu poeta* (1998); *A família Trago* (1998); *Estórias contadas* (1998); *Dona Pura e os Camaradas de Abril* (1999); *As memórias de um espírito* (2001); *Cabo Verde – viagem pela história das ilhas* (2003) — apresentação histórica das nove ilhas habitadas de Cabo Verde; *O mar na Lajinha* (2004); *Eva* (2006); *A morte do ouvitor* (2010); *De Monte Cara vê-se o mundo* (2014); *O fiel defunto* (2018); *O último mugido* (2020); e *Infortúnios de um governador nos trópicos* (2023).

Após o café da manhã reforçado com *cachupa*, saí do hotel e caminhei para a Praça Dom Luís, nas imediações da Av. Marginal, onde vislumbrei dois grandes painéis de arte de rua em homenagem a duas personalidades locais: Cesária Évora e Vozinha, o goleiro da seleção nacional. Acenei com a mão para um táxi. Parou um velho carro de fabricação japonesa. Eu portava uma sacola transparente repleta de livros. Entrei no Toyota e fui abrindo o WhatsApp no celular, em busca do endereço da casa do escritor. Ao ver o nome de Germano Almeida, o taxista disse “Não precisa do endereço. Conheço o Germano”. De nome “Januário”, o motorista tinha trabalhado como pedreiro e pintor na construção da casa do literato, que fica no Alto de Santo Antônio, na localidade Mira Mar, atrás de um centro espírita intitulado “Racionalismo Cristão”.

Em poucos minutos, estava defronte de uma casa branca, de dois pavimentos, com janelas verdes e vários portões. Toquei na campainha eletrônica, onde constava o nome “Germano Almeida”. Pelo interfone, uma voz feminina disse: “Entre pelo portão verde da esquerda e suba a escada”. Assim o fiz. Ultrapassado o último degrau, uma voz calma me recebeu: “Thélio, pode entrar!”.

Entreí. Era uma espécie de escritório/biblioteca. Germano Almeida veio me receber com o rosto sorridente. Sua fala afável não combina com sua altura, de 1,95 m. Já sua simpatia me impressionou tanto como sua estatura. Falei que era uma honra conhecê-lo pessoalmente, já que tínhamos mantido conversas por telefone, videoconferência e WhatsApp, apresentados virtualmente que fomos pelo poeta e ativista cultural português José-Manuel Diogo — tive a responsabilidade de substituir Germano na FliParaíba 2025, na mesa “Territórios literários em trânsito”, em virtude da impossibilidade do cabo-verdiano de viajar para o Brasil.

Na biblioteca, com muitos livros, alguns empilhados por falta de espaço, obras de escritores brasileiros como Machado de Assis, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Jorge Amado, Chico Buarque, João Ubaldo Ribeiro, dentre inúmeros outros. O paraibano José Lins do Rego já foi lido por Germano, que adorou *Banguê* e *Fogo morto*. Tinha lido também o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. A obra completa de Gabriel Garcia Marquez, Mario Vargas Llosa, José Saramago e os clássicos internacionais (Cervantes, Eça de Queiroz, Dante, Camões, Dostoiévski, Wilde, Dickens, Kafka, Montaigne, Balzac, Stendhal, etc.) também estavam presentes em sua biblioteca.

Germano chamou sua esposa, Filomena Figueiredo, apresentou-me e pediu que servisse um aperitivo. Dentre um gole e outro de *gin tônica*, acompanhado de batatas e salgadinhos, Germano Almeida respondeu perguntas que fiz, num encontro pautado por bom humor e simpatia.

A entrevista

■ *Thélio Farias* — Você não gosta de ser chamado de escritor, por quê?

Germano Almeida — Prefiro contador de histórias, de estórias do povo de Cabo Verde. É porque eu aprendi — nunca época em que não havia luz eléctrica, não havia televisão, não havia nada — a contar histórias com os

nossos contadores de histórias/estórias que nos contavam a história à noite, à porta de casa. Quando eu escrevo, tem sempre alguém a quem estou a contar uma história. Tem sempre um interlocutor, ainda que invisível. Daí que eu digo sempre que sou contador de histórias. Por outro lado, a

ideia que eu tenho é que os escritores têm que ter regras e princípios que eu não quero ter. Por exemplo, o rigor na linguagem. Eu não quero ter esse rigor na linguagem. Não que eu escreva mal o português, obviamente. Mas não quero empregar aquilo que a gente chama de palavras difíceis. Quero empregar palavras do dia a dia. Por isso é que a minha escrita é coloquial, porque eu estou a falar com as pessoas.

■ *Thélio Farias* — E o seu processo de escrita, você tem uma rotina para escrever, um momento do dia, um protocolo? Sua escritura vem da inspiração ou da transpiração?

Germano Almeida — Porque eu costumo dizer, eu sou um contador de estórias. Se tenho uma estória para contar, eu pego o computador e escrevo. Se não tenho uma estória para contar, há tantas outras coisas que eu posso fazer, livros ainda que eu preciso ler. De maneira que nunca estive diante de um computador a pensar o que escrever. Mas digamos que nunca me aconteceu de ficar no computador a esperar. Não, se não sai, não vem. Acho piada os escritores que se torturam para escrever.

■ *Thélio Farias* — Você já se inspirou com alguma coisa que viu na rua, na cidade?

Germano Almeida — É normal ocorrer que a inspiração apareça com as pessoas que a gente fala, que a gente vê na rua; às vezes a gente vê uma pessoa na rua e cria um personagem inspirado nesse indivíduo. Eu aprendi a contar histórias com os nossos contadores de histórias que nos contavam a história à noite, à porta de casa. Bem, nunca pretendi qualquer papel particular para as minhas estórias, apenas contá-las por prazer. Misturar factos com ficção é divertido e gosto de o fazer.

■ *Thélio Farias* — A escrita é filha da leitura? Você sempre teve acesso aos livros? E como surgiu a vontade de escrever?

Germano Almeida — Na Boa Vista não; na minha casa, não havia muito hábito de leitura. Havia poucos livros lá em casa. Eu não sei como me cruzei com os livros. Os primeiros livros eram aqueles que chamavam de romancinhos de *cowboy*, que agora acho que desapareceram. Mas eu lia milhares. Depois, romancinhos de amor, li também centenas. Depois descobri a ficção científica. Mas eu sabia de gente, na Boa Vista, que tinha livros e ia pedir emprestado. Eu lembro ainda, com prazer, de ter lido o *Volta-mundo de dois aventureiros*. São 12 volumes deliciosos. Quando acabaram, fiquei triste, porque não havia mais continuação. Mas lia tudo o que encontrava para ler. Eu acho que, digamos, a gente gostar de ler quase que leva, por outro lado, também à tendência para escrever. Foi o que descobri em mim. De repente, as histórias que eu lia devem ter-se transformado em alguma coisa que eu senti a necessidade de dizer, de escrever. Sobre tudo de dizer, porque, no contar histórias, a gente precisa de ter um interlocutor. Mas eu nem sempre tinha interlocu-

tores. Nem sempre as pessoas apreciavam estarem a suportar-me com as minhas histórias. Então resolvi escrever. Escrevia pelo prazer de contar histórias a mim próprio.

■ *Thélio Farias* — Você escreve na solidão de sua biblioteca/escritório ou consegue produzir com pessoas ao lado?

Germano Almeida — De fato, escrever é uma atividade solitária. Eu quando escrevo tenho como companheiros os personagens; gente viva, não! Não suporto escrever com gente presente. Os personagens fazem-me companhia. De todas as maneiras, nem sempre custa, mas gasta-se uma parte do nosso tempo dedicando à escrita.

■ *Thélio Farias* — Você escreve em português, mas em Cabo Verde também se fala, especialmente nas ruas, o crioulo. Qual o motivo da escolha do português como a língua de sua escrita?

Germano Almeida — Os cabo-verdianos precisam do português para se fazer conhecer do mundo. O português é um instrumento de expressão da cultura cabo-verdiana. O crioulo também deveria ser língua oficial junto com o português; 10% da população fala; talvez 50% entenda, mas não sabe se expressar em português. Mas nós precisamos do português para nossa inserção no mundo. Toda minha educação formal foi em português. Então eu escrevo na língua portuguesa e estou convencido que, dominando a língua portuguesa, mais depressa chegamos ao crioulo. Para mim a língua portuguesa tem o mesmo peso que a língua cabo-verdiana. Sou filho de pai português e de mãe crioula, cresci com as duas línguas, mas aprendi a escrever em português e não pretendo começar a escrever em crioulo. Eu expresso a cultura cabo-verdiana usando a língua portuguesa. Cabo Verde tem uma necessidade imperiosa de cultivar a língua portuguesa porque é o nosso instrumento de contato com o mundo.

■ *Thélio Farias* — Tolstói afirmava que, “para ser universal, fala de tua aldeia”. Você parece ser adepto dessa máxima...

Germano Almeida — Sou um homem profundamente cabo-verdiano, que, ao escrever, está a traduzir uma cultura. E o cabo-verdiano é um povo que, apesar de todos os problemas, continua a manter um grande sentido de humor. E isso se reflete na minha escrita.

■ *Thélio Farias* — No livro *Infortúnios de um governador dos trópicos*, um romance histórico, você lembra um fato pouco conhecido aos brasileiros: a existência de um movimento para incorporar Cabo Verde ao Brasil.

Germano Almeida — O livro tem como foco o coronel João da Mata Chapuzet. Cabo Verde enfrentava grave crise financeira e menciono que houve movimentos locais favoráveis à secessão de Portugal para integrar o país ao Brasil em 1822, que estava recém-independente. É muito importante conhecermos o passado, porque acho que, conhecendo o passado, podemos construir o futuro. É claro que há muitas confusões

à volta disso. Costumo dizer que, cada vez que aparece um livro sobre a questão colonial, estamos a meter mais uma pedra, mais uma acha na descoberta da nossa identidade.

■ *Thélio Farias* — Você esperava receber o Prêmio Camões? Foi o maior reconhecimento do seu grande talento?

Germano Almeida — Sempre esperamos ganhar um prêmio, mas não imaginava ganhar o Camões. Certamente não fazia parte dos meus planos. E não contava com esta distinção tão rapidamente, afinal o Camões dado a Arménio Vieira veio há poucos anos [2009]. Assim, fui surpreendido por ser distinguido com o Prêmio Camões [2018]. Fiquei contente, muito feliz por saber que o que escrevo é apreciado ao ponto de me darem um prêmio tão prestigiado como o Camões.

■ *Thélio Farias* — Em sua biblioteca, constatei a presença de muitos autores brasileiros. Quais autores do Brasil que você mais gosta e quais o influenciaram?

Germano Almeida — Eu gosto muito da literatura brasileira. Li muitos autores brasileiros; Machado de Assis, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Jorge Amado, tantos outros. Um dos meus preferidos é João Ubaldo Ribeiro, de quem fui amigo. Aprecio muito a literatura do Chico Buarque.

■ *Thélio Farias* — Observei que você possui livros do paraibano José Lins do Rego.

Germano Almeida — Li *Banguê* e *Fogo morto* e gostei muito. Também li o *Auto da Compadecida*, do Ariano Suassuna, e, posteriormente, assisti o filme. Gostei muito. O leitor há que se de divertir com a escrita.

■ *Thélio Farias* — Seus textos são repletos de humos e ironia?

Germano Almeida — Exatamente. Tem a ver com a minha personalidade, mas também do povo cabo-verdiano, que é extremamente bem-humorado, que gosta de rir-se, sobretudo de si próprio. E o cabo-verdiano tem também uma cultura de resistência. Não nos deixamos abater pelo clima. Neste momento, já estamos a nos preparar para esperar as chuvas que não vieram no ano passado. Se não vierem este ano, vamos continuar a esperá-las, porque a esperança não morre. Mas o cabo-verdiano também faz troça da semente que pôs na terra e que se estragou. Eu tento traduzir, o melhor que sei, o espírito do homem cabo-verdiano e esse humor que encontramos no dia a dia.

■ *Thélio Farias* — Seu nome estava na programação da FliParaíba, edição de 2025. Quando irá à Paraíba?

Germano Almeida — Ajustei minha participação na FliParaíba de 2025, estava muito motivado e queria conhecer a Paraíba. Por um problema de saúde, não pude participar do painel “Territórios Literários em trânsito”, com você e outros escritores da tua terra, e minha participação foi através da *internet*. No entanto, se a saúde permitir, pretendo visitar a Paraíba na primeira oportunidade.

ZONA AZUL

Vagas vazias tornam-se mais comuns

Comerciantes questionam impacto do sistema no movimento do Centro da capital, após quase um ano em operação

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Desde outubro de 2025, estacionar no Centro de João Pessoa significa ter que pagar por uma cobrança eletrônica. O novo formato alterou a relação de motoristas e comerciantes com as vagas públicas privatizadas e abriu um debate sobre os efeitos desse sistema no movimento da região. Uma mudança, porém, é visível: com a cobrança e a rotatividade, espaços disponíveis passaram a aparecer com mais frequência onde, antes, encontrar uma vaga podia exigir algumas voltas pelas estreitas ruas do local.

Para parte de quem trabalha ou compra no comércio da região, a maior disponibilidade de vagas é uma consequência da redução da circulação de consumidores insatisfeitos com a cobrança pelo serviço. “Pelo fato de pagar, algumas pessoas deixam de vir, preferem mais comprar *on-line*, pedir um moto Uber para entregar na sua loja ou em casa. [O cliente] não quer mais sair para estacionar”, afirma Jefferson Viegas, gerente em uma loja de importados na Praça 1817.

A percepção é semelhante à de Josuel Gonçalves, de 65 anos, cliente em uma loja de fotografias. Ele conta que encontrou vaga com facilidade e reconhece que a rotatividade resolveu uma dificuldade antiga para quem precisava es-



Foto: Carla Miranda

Sistema de estacionamento rotativo divide opiniões quanto ao acesso a compras e aos custos para trabalhadores do Centro

tacionar no Centro. Ao mesmo tempo, acredita que o pagamento pode afastar parte dos consumidores. “Creio que muitas pessoas, às vezes, dizem que acham caro. Na verdade, barato não é. Porque, se você for somar os valores de quem estaciona aqui com frequência, pesa no bolso, é claro”, afirma.

Pelas regras atuais, a tarifa é de R\$ 3 por hora para carros e R\$ 1,50 para motocicletas. O

sistema funciona no Setor Comercial de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h, e aos sábados, das 8h às 12h. Apesar da cobrança, nem o município nem a empresa concessionária se responsabilizam pela indenização por acidente, danos, furtos ou prejuízos que os veículos ou usuários possam vir a sofrer.

O tempo máximo de estacionamento na mesma vaga é de quatro horas. Também exis-

te a Zona de Longa Permanência, destinada a quem precisa ficar mais tempo, onde é possível deixar o veículo até cinco horas mediante tarifa fixa de R\$ 7,50. Depois disso, há cobrança adicional de R\$ 3 por hora. É justamente a permanência prolongada que tem gerado outra dificuldade entre comerciantes e trabalhadores que precisam ir diariamente ao Centro com carro ou

moto próprios, já que a alternativa de longa permanência não contempla jornadas de trabalho inteiras.

Lucilene Xavier, de 51 anos, vendedora em uma farmácia, afirma que a cobrança dificulta a vida deles. “Tem gente que procura locais que são distantes, onde não tem Zona Azul. Para quem pega de 8h até 19h, pagando [a taxa] e recebendo só o salário do comércio, fica

difícil, né? Muito difícil”, lamenta.

José Itamar, de 79 anos, também relata ter observado vendedores deixando os carros longe do local de trabalho. “Tem comerciantes aqui que deixam o automóvel no Mercado Central, por ali. Eles não conseguem [estacionar aqui]. A pessoa que tem um comércio aqui, estaciona para passar oito, 12 horas para pagar a Zona Azul, se o movimento não for bom do comércio, ela vai ter prejuízo”, aponta.



Foto: Carla Miranda

Para quem
pega de 8h até
19h, pagando
[a taxa] e
recebendo só
o salário do
comércio, fica
difícil, né?

Lucilene Xavier

Tarifa de Pós-Utilização já foi alvo de disputa na Justiça estadual

As queixas por essas cobranças também chegaram à Justiça. Em decisão da desembargadora Túlia Gomes de Souza Neves, da 3ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça da Paraíba, foi autorizada a retomada da Tarifa de Pós-Utilização (TPU), de R\$ 30, e das ações de fiscalização. A decisão suspendeu os efeitos de uma liminar da 1ª Vara da Fazenda Pública que havia interrompido a cobrança até o julgamento definitivo do recurso.

Na primeira análise, a suspensão havia sido mantida sob o argumento de que a cobrança poderia ser abusiva, especialmente porque 89,5% da receita ficariam com as empresas concessionárias e 10,5% seriam repassados ao município. Com novos balanços e demonstrativos contábeis apresentados pelas empresas, porém, a desembargadora considerou que esse percentual não correspondia ao lucro líquido.

Os documentos apontaram resultado operacional acumulado negativo de R\$ 6,2 milhões e fluxo de caixa deficitário de R\$ 5,1 milhões de fevereiro de 2025 a junho de 2026. Os investimentos em infraestrutura e tecnologia já somariam mais de R\$ 9 milhões. A decisão também considerou que a TPU é um

preço público e não uma multa de trânsito, e que o motorista pode optar por não utilizar as vagas regulamentadas.

Mesmo com o fim dessa disputa judicial, permanece outra reclamação entre comerciantes: a falta de uma tolerância que permita paradas rápidas sem que o motorista precise se preocupar imediatamente com a cobrança. Lucilene afirma que clientes chegam ainda sem saber como proceder para estacionar em frente a sua farmácia.

“Na Zona Azul, não tem tolerância de nada. Deveria ter uma tolerância de uns minutinhos, a pessoa parar para comprar alguma coisa, mas não tem nada”, reclama. Jefferson aponta a mesma dificuldade: “Tem gente que quer passar cinco minutos, só vem para pegar algo e, mesmo assim, tem que pagar. E não tem [taxa de] cinco minutos, você tem que pagar meia hora”.

As regras oficiais do sistema, contudo, preveem um aviso de tolerância de 10 minutos para veículos estacionados sem tique. Nesse período, o motorista pode adquirir a vaga pelo parquímetro, ponto de venda ou aplicativo. Caso não regularize o estacionamento, a notificação é transformada em TPU.

Para carros, o valor é de R\$ 30; para motos, R\$ 15.

A Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) da capital afirma que está observando os efeitos dessas mudanças nos números de vendas. “A rotatividade é necessária para que o consumidor consiga encontrar um espaço e tenha mais facilidade para acessar o comércio. Os lojistas têm sinalizado de forma positiva em relação à organização das vagas e à possibilidade de aumentar a rotatividade. É natural que toda mudança gere um período de adaptação, e continuaremos acompanhando de perto a percepção dos comerciantes e dos consumidores”, afirma Nivaldo Vilar, presidente da CDL João Pessoa.

“A rotatividade é necessária para que o consumidor tenha mais facilidade para acessar o comércio

Nivaldo Vilar

Fatores para queda nas vendas vão além da cobrança para estacionar

Nem todos, porém, atribuem à Zona Azul a redução do movimento que percebem nos caixas. “Essa história da Zona Azul é uma faca de dois gumes”, afirma Valéria Leal, proprietária de uma loja de bijuterias na Praça 1817. Para ela, antes da cobrança, funcionários e comerciantes ocupavam os estacionamentos por longos períodos e reclamavam pela falta de vagas disponíveis.

Valéria não acredita que a queda nas vendas tenha sido provocada pelo novo sistema. “Se o movimento caiu, não foi em decorrência da Zona Azul. Caiu porque o povo está sem dinheiro, por causa do setor da economia, mas não por causa da Zona Azul”, diz. Já para Lucilene, a situação do co-

mércio vinha difícil havia algum tempo e o estacionamento rotativo pode ter apenas acrescentado mais uma dificuldade para quem ia ao Centro.

Além da alteração na cobrança pelo estacionamento, a circulação de veículos nas vagas desocupadas tem gerado insegurança, principalmente, para os pedestres. A reportagem flagrou motociclistas que trafegam pelo espaço reservado ao estacionamento para furar o sinal vermelho no cruzamento das avenidas Princesa Isabel e Monsenhor Walfredo Leal.

Questionada sobre o problema, a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP) informou que não recebeu denúncias

sobre a prática. Em nota, o órgão alegou que “a simples circulação de veículos em área destinada ao estacionamento, quando realizada de forma regular e sem desrespeito à sinalização ou às demais normas de trânsito, não configura, por si só, infração de trânsito”.

Procurada para comentar os questionamentos sobre os efeitos do sistema e o impacto no movimento comercial, a Semob-JP informou que a empresa responsável pela exploração do serviço de Zona Azul é quem pode responder sobre o assunto. Durante mais de uma semana, foram feitas tentativas de contato com um representante da empresa para esclarecer os pontos levantados por comerciantes e clientes, mas não houve resposta aos pedidos. O espaço permanece aberto.

Segundo a Semob-JP, a simples circulação de veículos pela área da Zona Azul, se feita regularmente, não é infração de trânsito



Foto: Leonardo Ariel

Motocicletas aproveitam espaços vazios para trafegar

CÂNCER DE MAMA

Alta marca o início de novos cuidados

Acompanhamento médico é essencial para monitorar a saúde e identificar precocemente possíveis casos de recidiva

Marisa Rocha
contato.marisarocha@gmail.com

Receber a notícia de que o câncer de mama foi eliminado não significa, necessariamente, o fim dos cuidados. Mesmo após a cirurgia e, quando indicados, tratamentos como quimioterapia e radioterapia, o acompanhamento médico continua sendo uma etapa fundamental para a saúde da paciente. É, principalmente, nos primeiros anos após o tratamento que a atenção precisa ser redobrada, período em que existe maior possibilidade de ocorrer recidiva — retorno da doença no mesmo local ou em outras partes do organismo após um período de remissão.

O tema ainda é pouco conhecido pela população. Uma pesquisa do Instituto Ipsos, encomendada pela Novartis Brasil, mostra que 87% das mulheres entrevistadas sabem que o câncer de mama pode voltar após o tratamento, mas apenas 39% afirmam já ter ouvido falar no termo “recidiva”.

Segundo o médico oncologista Rodrigo Maroja, as consultas pós-tratamento costumam ser mais frequentes nos dois primeiros anos. Se não houver intercorrências, o intervalo pode ser ampliado, chegando, em geral, a acompanhamentos semestrais. A partir de cinco anos, os retornos podem passar a ser anuais, conforme a avaliação médica. “A chance de recidiva é maior nos cinco primeiros anos [após finalizar o tratamento]. Por isso, essa exigência é mais forte nesse período”, explica.

Ainda que a recidiva possa ocorrer anos depois, o especialista aponta que o risco varia de acordo com caracte-



É comprovado cientificamente que, com dieta, atividade física e vida saudável, a gente tem uma perspectiva bem melhor

Rodrigo Maroja

terísticas do tumor e o estágio em que a doença foi diagnosticada. Por isso, manter consultas e exames de acompanhamento não representa apenas uma forma de monitorar a saúde, mas também de identificar alterações o mais cedo possível e definir rapidamente a conduta necessária diante de uma eventual volta da doença.

Isso, no entanto, não significa que o risco desapareça depois desse tempo. Rodrigo Maroja ressalta que há casos de pacientes que apresentam recidiva muitos anos depois do primeiro tratamento, embora sejam situações menos frequentes. Nesse contexto, a chamada “alta” do tratamento precisa ser entendida como o início de uma nova fase de cuidados.

A rotina de exames também não é igual para todas as



Fotos: Roberto Guedes

Pesquisa mostra que 87% das mulheres sabem que o câncer de mama pode voltar, mesmo após a conclusão do tratamento

Pós
Recomendação é fazer avaliações semestrais nos primeiros cinco anos, quando a chance de recidiva é maior, depois o acompanhamento passa a ser anual

pacientes. A indicação depende do tipo de tratamento realizado, das características do tumor e das condições individuais. De maneira geral — no caso específico do câncer de mama —, mamografia e ultrassonografia podem fazer parte do acompanhamento, mas outros exames são solicitados conforme a necessidade de cada caso. “Exames de rotina, de detecção óssea, detecção pulmonar, hepáticos. Isso vai depender muito do perfil de cada paciente”, afirma o oncologista.

Manter esse cuidado, porém, nem sempre é simples. Conforme o médico, alguns pacientes deixam de comparecer às consultas por diferentes razões, como questões culturais, dificuldades relacionadas à distância do serviço de saúde ou outros fatores pessoais. Apesar disso, o médico observa uma adesão cada vez maior à rotina de acompanhamento.

A atenção depois do tratamento também envolve aspectos que vão além das consultas e exames. A adoção

de hábitos saudáveis pode contribuir para a saúde geral e, também, está relacionada à prevenção de novos problemas oncológicos. “É comprovado cientificamente que, com dieta, atividade física, vida saudável, a gente tem uma perspectiva bem melhor”, destaca Rodrigo. Segundo ele, especificamente no câncer de mama, o controle do peso tem relevância, já que fatores relacionados à gordura corporal e à atividade hormonal podem influenciar o risco da doença.

Doença pode atingir outros órgãos e evoluir para metástase

Apesar de os termos aparecerem frequentemente associados, recidiva e metástase não significam exatamente a mesma coisa. A recidiva ocorre quando o câncer volta depois de um período em que o tratamento foi concluído e a paciente estava em acompanhamento. Esse retorno pode acontecer na região originalmente afetada ou em outra parte do organismo.

Já a metástase ocorre quando as células cancerígenas se disseminam para outros órgãos, como ossos, pulmões ou fígado. Uma doença metastática pode estar presente desde o diagnóstico inicial ou surgir posteriormente, como consequência de uma recidiva. “Por exemplo, uma paciente tratada inicialmente de um tumor na mama pode apresentar, depois de dois ou três anos, uma nova lesão na mesma região — caracterizando uma recidiva local — ou ter o retorno da doença em outro órgão, situação em que a recidiva apresenta também um quadro metastático”, pontua o oncologista Rodrigo Maroja.

Para quem viveu o câncer de perto, o aspecto emocional



Fotos: Roberto Guedes

Camila Maia recebeu o diagnóstico de recidiva dois anos após encerrar o primeiro protocolo

também pode pesar, principalmente diante da possibilidade de a doença voltar. Elze Quinderé — voluntária da Rede Feminina de Combate ao Câncer, que atua no acolhimento de pacientes na sala de quimioterapia — relata que o medo costuma aparecer desde o início, mas dá lugar gradualmente à confiança no tratamento e à esperança de recuperação. “Eu já ouvi depoimentos de pessoas que dizem: ‘Se eu preci-

sar fazer uma nova quimioterapia, eu não faço’. Mas isso também é quando recebe a notícia que precisa [fazer novamente], porque às vezes o câncer volta. Mas terminam fazendo”, relata.

Elze também destaca que o suporte psicológico não deve se limitar à pessoa diagnosticada. Familiares e acompanhantes podem ficar igualmente vulneráveis diante da doença, especialmente quando precisam in-

terromper trabalho e rotina para acompanhar o paciente.

Vale destacar que, embora a maioria dos casos de câncer de mama ocorra em mulheres, os homens também podem desenvolver a doença e precisam seguir o acompanhamento recomendado após o tratamento.

Camila Maia descobriu o câncer de mama em 2021 e concluiu o protocolo de tratamento no ano seguinte, após passar por mastectomia, qui-

mioterapia e radioterapia. Como o tumor era hormônio-dependente, ela também iniciou a hormonioterapia — tratamento sistêmico que bloqueia ou reduz a ação de hormônios como estrogênio e progesterona para impedir que eles estimulem o crescimento de células tumorais — e manteve o acompanhamento médico após o fim das demais etapas.

Por cerca de dois anos, os exames permaneceram estáveis. Em agosto de 2024, porém, a paciente começou a sentir dores na coluna e no fêmur. A investigação identificou que o câncer havia retornado, dessa vez nos ossos.

A experiência fez com que Camila percebesse ainda mais a importância de manter a realização de consultas e exames mesmo quando não há sinais aparentes da doença. Segundo ela, o acompanhamento permite averiguar rapidamente qualquer alteração. “É muito importante [o acompanhamento], porque, qualquer coisa que aparece, a gente já está ali pronto para resolver o quanto antes”, pontua.

Ela reforça que, ainda que a possibilidade de recidiva já fosse conhecida desde o

diagnóstico inicial, ter permanecido atenta à própria saúde foi essencial para identificar o retorno da doença de forma precoce. Atualmente, após passar por diferentes estratégias terapêuticas, Camila retornou às sessões de quimioterapia e permanece sob acompanhamento médico.



Já ouvi depoimentos de pessoas que dizem: ‘Se eu precisar fazer uma nova quimioterapia, eu não faço’

Elze Quinderé

LEI SECA

Novas regras ampliam a fiscalização

Contran regulamenta triagem nas operações, critérios para reteste do bafômetro e detecção de substâncias psicoativas

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Os procedimentos utilizados na fiscalização de condutores sob influência de álcool ou de outras substâncias psicoativas passaram por mudanças. A Resolução nº 1.031, aprovada pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran) no último dia 17, instituiu uma etapa de triagem nas operações da Lei Seca, estabeleceu critérios para o reteste do etilômetro — conhecido popularmente como “bafômetro” — e regulamentou a utilização de equipamentos destinados a detectar outras substâncias capazes de comprometer a condução de veículos.

A norma substitui uma regulamentação de 2013 e busca padronizar procedimentos adotados pelos diferentes órgãos de trânsito do país. Ela não cria novas infrações nem altera as penalidades previstas no Código de Trânsito Brasileiro (CTB), mas detalha os meios que poderão ser utilizados nas fiscalizações.

De acordo com a chefe de gabinete da Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran), Ana Beatriz Medeiros, a maior inovação foi exatamente essa: a previsão da possibilidade do uso de dispositivos, por parte dos agentes de fiscalização dos Departamentos Estaduais de Trânsito (Detrans), que detectam a presença de substâncias psicoativas. “Esses aparelhos devem ser certificados e homologados pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia [Inmetro], que vai ser o órgão compe-



Foto: Divulgação/PRF

Mudanças abrangem o teste passivo de alcoolemia, que visa identificar indícios da presença de álcool antes da adoção do etilômetro

tente para dizer quais substâncias o equipamento é capaz de detectar”, afirma Ana Beatriz.

Apesar dessa mudança, a política de tolerância zero ao álcool não mudou, como explicou Giordana Coutinho, membro da Comissão Especial de Direito de Trânsito, Transporte e Mobilidade da Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional da Paraíba (OAB-PB). O bafômetro continua sendo utilizado normalmente para a fiscalização do consumo de bebidas alcoólicas.

Pré-teste

Entre as principais novi-

dades da medida do Contran, está a regulamentação do pré-teste de alcoolemia, também chamado de “teste passivo”. O equipamento será utilizado como ferramenta de avaliação inicial, em meio às blitzes, permitindo identificar indícios da presença de álcool antes da realização do teste convencional com o bafômetro.

“O pré-teste é um equipamento de triagem usado para selecionar, em abordagens de grande volume, quais condutores serão submetidos ao teste definitivo com o etilômetro. O resultado tem caráter exclusivamente indicativo e não pode, isoladamente, ca-

racterizar infração nem fundamentar autuação”, detalha Giordana.

Segundo o chefe da Delegacia Metropolitana da Polícia Rodoviária Federal (PRF) na Paraíba, Fábio Ramalho, a instituição já realizava o teste passivo durante suas ações. “Em todos os condutores que abordamos, realizamos o teste prévio, que vai indicar a presença ou não de álcool. Somente após um resultado positivo é que o condutor será submetido propriamente ao teste ativo, no qual ele sopra o bocal [do bafômetro] para vermos a quantidade [de álcool no ar expelido pelos pulmões]”. Fábio aponta

ainda que, mesmo ante a recusa do condutor em passar pelo teste ativo, o agente de fiscalização pode lavrar, durante a abordagem, um termo de constatação, levando em conta os sinais apresentados pelo cidadão — como olhos vermelhos, fala desconexa e incoordenação. “É um conjunto probatório para comprovar que ele está conduzindo o veículo automotor após fazer uso de bebida alcoólica”.

A resolução também estabelece quando deverá ser realizado um novo teste com o etilômetro. Como explica Giordana Coutinho, a segunda avaliação será necessária



Foto: Aescom/Ministério dos Transportes



O condutor tem direito ao reteste, desde que respeite o tempo de espera do jejum metrológico, que é de 15 minutos

Ana Beatriz Medeiros

“Drogômetros” farão parte de avaliação conjunta

Outra novidade que chama atenção é a regulamentação dos chamados “drogômetros”, destinados à identificação de substâncias psicoativas diferentes do álcool. Esses aparelhos deverão ser certificados, no âmbito do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade (SBac), por um organismo acreditado pelo Inmetro. Como esclarece Giordana Coutinho, representante da OAB-PB, o resultado desse novo equipamento é qualitativo — isto é, indica a presença da substância, não sua concentração.

A resolução não vincula a fiscalização a uma tecnologia ou ferramenta específica, mas admite a possibilidade de aplicação de testes toxicológicos e outros meios técnicos para essa constatação. A norma entende que a presença dessas substâncias deve ser avaliada em conjunto com a verificação de sinais de alte-

ração da capacidade psicomotora do condutor, tendo o agente responsável pela fiscalização que registrar, pelo menos, dois sinais que indiquem o estado alterado do motorista. Fotografias, vídeos, testemunhos e outros meios de prova admitidos legalmente também poderão complementar o registro.

“Além do aparelho, seguem como meios de constatação: a verificação dos sinais de alteração da capacidade psicomotora e, de forma complementar, a critério da autoridade policial, exame de sangue, exame clínico com laudo de médico perito e exames laboratoriais especializados, que podem servir como contraprova no inquérito”, acrescenta Giordana.

Sobre a questão, o Ministério dos Transportes comunicou que a nova resolução não estabelece que a simples presença de vestígios de uma substância seja suficiente para caracterizar uma infração e informou que os equipamentos serão utilizados em conjunto com a verificação das condições do condutor.

Ainda torna-se obrigatório, nos casos de morte decorrente de acidente de trânsito, a realização de exame de sangue ou de outro teste laboratorial, para detectar álcool ou substância psicoativa.

Órgãos esclarecem sobre o uso de fármacos

Quanto à ingestão de medicamentos por parte dos condutores, a chefe de gabinete do Senatran ressalta que a prática, por si só, não acusará uma infração. “O uso regular de remédios não vai trazer necessariamente um resultado positivo”, pontua Ana Beatriz. O objetivo da medida, ela comenta, é entender se, no momento da abordagem, o cidadão está sob efeito de uma substância psicoativa que tenha alterado a sua capacidade de trafegar com segurança. “O equipamento não visa identificar o uso de um determinado medicamento”.

Contudo, segundo Giordana Coutinho, a norma não prevê exceção para fármacos de uso contínuo ou prescritos, o que tende a gerar



Foto: Divulgação/PRF

Para representante da OAB-PB, medida reduz assimetria histórica nas fiscalizações viárias

controvérsia quando a substância detectada tiver origem em medicamentos lícitos. Porém, um fator que pode tranquilizar quem ingere algum desses remédios é que a simples presença da substância não esgota o tipo penal do artigo 306 do CTB, que também exige o critério de condução com capacidade psicomotora alterada.

“Na prática: com dois sinais confirmando a alteração, o caminho para o crime fica mais sólido; um resultado qualitativo positivo isolado, sem contex-

tualização, tende a ser insuficiente e vulnerável em juízo, especialmente porque a própria resolução prevê exames complementares e contraprovas”.

Avanço

Para Giordana, a principal relevância da nova resolução é estrutural, buscando reduzir a assimetria histórica entre a fiscalização do álcool e a de outras drogas — o que, na prática, quase não ocorria, por depender de exames laboratoriais posteriores à abordagem. “A norma dá ao Contran uma base

regulamentar própria para o uso do ‘drogômetro’, estabelece critérios mais objetivos, protege contra autuações baseadas em triagem não confirmada e fortalece a prova em acidentes, inclusive com dados para políticas públicas de segurança viária”.

Para os motoristas e pilotos, a principal orientação continua sendo não dirigir após consumir substâncias que alterem sua capacidade de condução e avaliar, com auxílio médico, os efeitos de medicamentos que possam comprometer seu deslocamento.

■ Inspeção também deve levar em conta sinais relacionados à alteração da capacidade psicomotora

Condutor
A orientação segue sendo não dirigir após consumir substâncias que afetem sua aptidão no trânsito — avaliando, inclusive, eventuais efeitos de remédios sobre isso

CAMINHOS DAS ÁGUAS

Roteiro reforça ecoturismo no Cariri

Centrado na área da nascente do Rio Paraíba, projeto combina interpretação ambiental e vivências comunitárias

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

“O lugar onde nasce o Rio Paraíba possui forte apelo simbólico, que se soma à paisagem da Serra do Jabitacá, à experiência de caminhada e à possibilidade de contato com a comunidade local”, explica Ayrton Santos, consultor do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no estado (Sebrae-PB), envolvido na estruturação do Caminhos das Águas — projeto que busca conectar turismo, conservação ambiental e geração de oportunidades para a população da região.

A iniciativa, que explora uma trilha ecológica pelo lugar onde nasce o Rio Paraíba — corpo d’água diretamente relacionado à história, ao abastecimento, à economia e à formação de diferentes territórios do estado — está, desde o primeiro semestre deste ano, em processo de elaboração e articulação entre diferentes partes envolvidas. “Já experimentamos a trilha, que vem sendo validada entre parceiros. Estimamos que, de novembro a dezembro, a experiência já estará aberta ao público geral”, conta Ayrton.

A Serra do Jabitacá, lugar a ser redescoberto por meio

do roteiro, fica na comunidade do Sítio Boqueirão, na Zona Rural de Monteiro, no Cariri paraibano. O principal eixo da iniciativa será a Trilha da Nascente do Rio Paraíba. “Apesar desse ponto central, o produto turístico está sendo estruturado para que a experiência não se limite à caminhada”, ressalva Ayrton. A ideia é que o percurso e seu entorno permitam integrar momentos como o acolhimento dos visitantes na comunidade, o contato com moradores da área e a interpretação da paisagem e da Caatinga até a chegada à nascente. Nesse contexto, gastronomia local, artesanato e agricultura familiar tornam-se destaques.

Inicialmente, de acordo com o organizador, a perspectiva é trabalhar com uma visitação organizada e progressiva, atraindo públicos interessados em natureza, caminhadas, experiências culturais, educação ambiental e turismo de propósito. Também existe potencial para grupos escolares e universitários, pesquisadores, grupos de caminhada, visitantes do próprio estado e turistas que já circulam pelo Cariri.

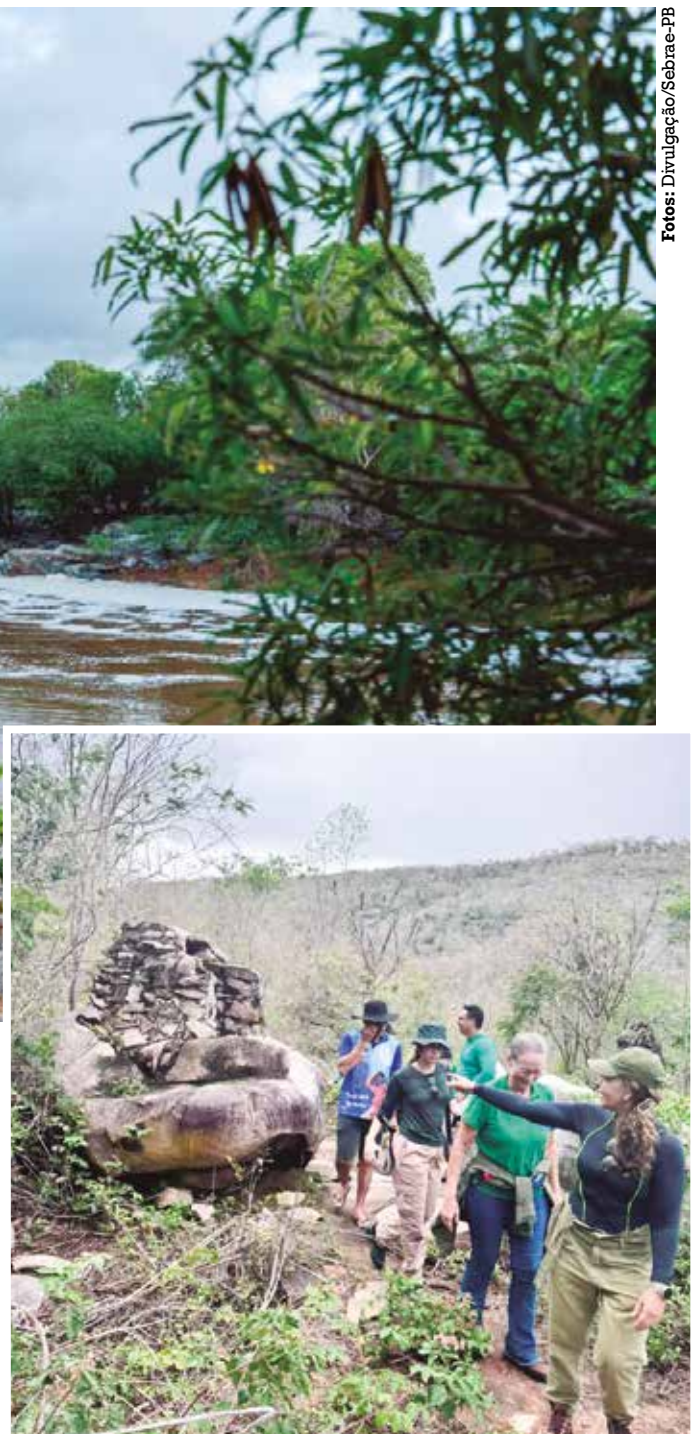
Entre os espaços que vêm sendo trabalhados para estruturar os passeios, estão a



O principal eixo da rota é uma trilha ecológica que percorre a região

própria nascente e seu percurso; a Capelinha de Santo Antônio, que passou por recuperação; o olho d’água e o mirante da nascente. “Temos estabelecimentos locais, como o Restaurante de Tuta, espaços de acolhimento comunitário e lugares para comprar artesanato.

Algumas propriedades estão passando por consultores, para que possamos converter uma delas em uma miniagrofloresta. Além disso, outros ambientes locais também já passaram a incorporar a identidade visual do Caminhos das Águas”, descreve Ayrton.



Fotos: Divulgação/Sebrae-PB

Iniciativa busca gerar renda para a população e valorizar saberes locais

A proposta é que esses pontos funcionem de maneira articulada, permitindo que o benefício econômico da visita não fique concentrado em apenas uma atividade. De acordo com Ayrton Santos, a experiência tem como princípio orientador o conceito do turismo regenerativo, que se associa ao desenvolvimento territorial. “Não pretendemos simplesmente levar visitantes até a nascente. A intenção é utilizar o turismo como ferramenta para contribuir com a conservação do território, fortalecer a comunidade e criar oportunidades econômicas para quem vive naquele espaço”, explica o consultor do Sebrae-PB.

Compreender onde nasce o Rio Paraíba e conhecer a paisagem e a biodiversidade da Serra do Jabitacá: no roteiro turístico, a ideia é que essas descobertas aconteçam em meio ao contato com as pessoas que vivem o território, ouvindo suas histórias e percebendo a relação entre água, solo, Caatinga, cultura, produção rural e comunidade.

Interpretação ambiental e contato direto com a natureza marcam o Caminhos das Águas, que também incorpora elementos do ecoturismo e do turismo de natureza, bem como das modalidades de turismo rural, de experiência e de base comunitária. “Por isso, talvez seja mais adequado compreendê-lo como um produto de turismo de natureza com forte abordagem territorial e regenerativa”, determina o consultor Sebrae-PB e colaborador da iniciativa.



Além do passeio pela Caatinga, a ideia é estreitar o contato entre turistas e moradores da área

Impacto

“A lógica trabalhada é a de uma cadeia local de valor. Quanto mais elementos da comunidade estiverem integrados à experiência, maior será a capacidade do turismo de distribuir seus benefícios no próprio território”, evidencia Ayrton. Ao transformar a nascente do Rio Paraíba em uma experiência turística estruturada, cria-se a possibilidade de uma maior geração e circulação de renda para diferentes elos da cadeia econômica local, como condução turística, acolhimento, alimentação, artesanato, produção rural e outros serviços que poderão ser incorporados progressivamente à iniciativa.

O resultado econômico deverá ser acompanhado à medida que o produto entrar em operação, observando indicadores como número de visitantes, gasto médio, faturamento dos empreendimentos participantes e quantidade de ne-



gócios e de pessoas beneficiadas. “Nesse momento, ainda não é adequado estabelecer uma projeção financeira fechada, porque o produto encontra-se em estruturação e ainda não possui uma série histórica de comercialização que permita realizar uma estimativa consistente”, pondera Ayrton.

■ Idealizadores esperam que o produto turístico ajude a impulsionar segmentos diversos, como produção rural, artesanato e alimentação

Atrativos devem fortalecer posição de Monteiro no setor de viagens

Para a cidade de Monteiro, o roteiro Caminhos das Águas também representa a possibilidade de agregar um novo produto turístico ao destino e fortalecer sua posição como uma das principais portas de entrada para experiências no Cariri paraibano. O intuito é que o projeto desenvolva-se junto a uma trilha de longo curso já estruturada na região, ligando a nascente do corpo hídrico à rota Caminhos do Rio Paraíba do Norte, que vai de Camalaú a Boqueirão.

Gestora do Sebrae-PB em Monteiro, Madalena Arruda opina que a elaboração do roteiro une-se às transformações vividas na região do município. “Além da necessidade de valorizar a nossa identidade, essa iniciativa nasceu conectando a força histórica e cultural da nascente do Rio Paraíba ao potencial turístico local. Vem também para atrair os olhares ao turismo regenerativo e valorizar, com iniciativas sustentáveis, o lugar onde nasce o rio que dá nome ao nosso estado”.

A expectativa da gestão do Caminhos das Águas é posicioná-lo no mapa dos grandes roteiros de experiência da Paraíba, unindo-o a outras rotas que exploram o Cariri e atraindo visitantes que buscam autenticidade, história e contato com a natureza. Madalena conta que o projeto está preparado para as próximas etapas de im-

plementação, “reunindo mapeamentos técnicos, capacitação dos atores locais e uma articulação regional muito forte”. A gestora destaca, ainda, como objetivos da iniciativa, a promoção do desenvolvimento territorial sustentável, o fortalecimento da economia criativa e a preservação das riquezas naturais e patrimoniais da região.

Integrantes

Participam do processo moradores, empreendedores, produtores, condutores e representantes comunitários. “A comunidade é considerada o núcleo central da proposta. Uma série de atores de relevância local vêm sendo incorporados progressivamente à experiência, incluindo pessoas diretamente relacionadas à área da nascente e representantes da associação comunitária, além de pessoas conhecidas pela população da região”, contextualiza Ayrton Santos.

Ao longo do processo,

também foi formada uma rede institucional envolvendo o Pacto Novo Cariri, a Prefeitura Municipal de Monteiro, o Fórum de Turismo do Cariri Paraibano, o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba (CBH-PB), a Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa), a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), o Centro Universitário Unifacisa, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e o Biossistema Cariri. “Essa diversidade é importante, porque o projeto envolve competências que vão muito além do turismo, incluindo conservação ambiental, gestão das águas, educação, pesquisa, desenvolvimento rural, empreendedorismo e participação comunitária”, argumenta o consultor do Sebrae-PB.



A Serra do Jabitacá será o grande cenário das atividades

Carlos Azevêdo reuniu 66 textos publicados no espaço que ocupa em “Memorial” desde 2019

LITERATURA

Foto: Leonardo Ariel

Arqueólogo das letras

Carlos Azevêdo lança amanhã uma coletânea das crônicas que publica em sua coluna semanal em *A União*

Jorge Rezende
Especial para *A União*

A obra do cientista social, antropólogo, arqueólogo e educador Carlos Azevêdo é extensa e heterogênea, dividindo-se em vários campos os quais conhece profundamente e atua incansavelmente até hoje, no alto dos seus 86 anos. Dominando uma meia dúzia de línguas, com ênfase no alemão, o professor, nascido no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, procura afastar os rótulos de intelectual e de pensador, mas trafega com a mesma desenvoltura em diversas vertentes: literatura, história regional, crítica literária, tradução, arqueologia, antropologia e patrimônio histórico.

Réquiem para uma prostituta e outras crônicas é o título do novo livro que Azevêdo lança nesta segunda-feira (31), às 18h, na livraria da Editora Ideia (Torre, João Pessoa). A publicação reúne uma coletânea de sua produção literária extraída da sua coluna semanal, publicada todas às sextas-feiras em *A União*, na página “Memorial”, na qual em 2019.

Os textos semanais de Carlos Azevêdo têm proporcionado ao leitor, nos últimos oito anos, verdadeiras aulas: de comportamento social, filosofias de vida e política, cultura, religião e crenças, e, principalmente, de história. Muita história. E muitas revelações até então desconhecidas por muitos. Ocorrências

relevantes de sua trajetória de vida e da memória político-social da Paraíba, do Brasil e do mundo. Um universo “carlosazevediano”.

Seus artigos mexem com o imaginário dos leitores, a exemplo de quando registrou que a Escola Técnica de Comércio, em João Pessoa, que funcionava no antigo palacete de Ademar Vidal, foi “onde, em fins de dezembro de 1928, o escritor e etnógrafo Mário de Andrade se hospedara, fugindo dos mosquitos e muriçocas que infestavam o Hotel Luso-Brasileiro, no Varadouro”. Ou seja: “Ninguém, ou quase ninguém, sabia que o autor de *Macunaíma* passara 15 dias no solar do doutor Vidal”.

Em outro texto “Tempo morto (1964) — fuga”, ele conta que, fugindo da perseguição da Ditadura Militar, foi “se esconder no lugar errado. Na casa de uma burguesa neurótica”, que se queixava o dia inteiro. “Reclamava do sobrinho, da empregada, de mim, do mundo. De tudo e de todos”. A “neurótica” disparava: “Quero que você deixe esta casa hoje. Já basta ter que acoitar o meu sobrinho, um comunista safado”. Assim, Carlos Azevêdo partiu para Recife, recorrendo ao seu amigo Heinrich von Gestern, o “Alemão”, que estava morando na Praia do Pina.

Detalhe: para imprimir sua fuga, Marina Varandas, uma tia de Azevêdo, arranhou uma batina velha para ele, que tinha sido de um semina-

rista da família Abath. “De batina, batina folgada, dançando no meu corpo, tomei o ônibus para Recife”. Na viagem, ele se sentou junto a uma senhora ainda jovem, simpática, atraente, “muito atraente mesmo”, que se dizia devota de Santo Expedito. No fim da viagem, os dois terminaram se beijando, se acariciando.

Assuntos

Os textos semanais têm proporcionado aulas: de comportamento social, filosofias de vida e política, cultura, religião e crenças, e, principalmente, de história

Carlos Azevêdo é um dos principais intelectuais da Paraíba ainda em plena produção. Ele nasceu em João Pessoa, mas na juventude transferiu-se para a capital pernambucana, Recife, para estudar e trabalhar. Lá, formou-se em Sociologia e Política, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Depois, especializou-se em Antropologia Cultural e Pesquisa Social.

Azevêdo chegou ao Re-

cife por meio de um convite formulado pelo prestigioso Gilberto Freyre, no antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) — hoje, Fundação Joaquim Nabuco. Lá, ele exerceu a função de antropólogo, dirigindo durante dois anos o Museu de Antropologia do IJNPS. Na capital pernambucana, Azevêdo também fez sua carreira docente, lecionando a disciplina Antropologia Cultural, na Universidade Católica de Pernambuco (PUC-Recife).

Marxista, foi perseguido pela ditadura do governo militar (AI-5, de 1969), preso e torturado e, em 1974, transferiu-se para Berlim, na Alemanha, onde continuou seus estudos em antropologia, sociologia, história da arte primitiva, arqueologia clássica e literaturas românicas na Universidade Técnica de Berlim. Foi nesse período também que passou a ensinar no Instituto de Estudos Latino-Americanos, da Universidade Livre de Berlim, de 1978 a 1999. Foi docente também da Hochschule Bremen (International Studies of Global Management), para ministrar aulas de introdução à cultura brasileira.

Após esse extenso período morando fora, Carlos Azevêdo volta para João Pessoa. O que parecia uma aposentadoria transformou-se em outro consistente percurso, dessa vez trabalhando como antropólogo. Desde 2000 até o presente, ele integra os quadros do Ins-

tituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

Azevêdo iniciou a carreira literária com o aval de Jorge Amado e de Lygia Fagundes Telles, que assinaram, respectivamente, o prefácio e o posfácio da obra *Triade*. Depois disso, seguiram-se *Hamburgo blues* (1994), *Saber com sabor* (1996), *Herdeiros do medo* (1996), *Meu nome é Ninguém* (1997) e *Os lobos de Manhattan não uivam ao amanhecer* (1999).

Nas áreas da antropologia e da arqueologia, Azevêdo contribui até hoje para a preservação da cultura paraibana e de seus artefatos materiais. Ele é autor da plaquete *Sítios arqueológicos de Santa Luzia* (2004), do livro *Arqueologia: estudos e pesquisas* (2008), *O Vale dos Dinossauros* (2012) e *Antropologia cultural* (2009). Além desses livros, produziu um relato antropológico situado na época da Covid-19, que tem o título de *Tristes tempos: o coronavírus e eu* (lançado em 2021).

Ajudou a fundar o Grupo de Pesquisa em História do Brasil Holandês, que se reúne semanalmente para estudar e debater a presença flamenga no estado da Paraíba. Além disso, junto com os outros integrantes do grupo, que tem sede no prédio do Iphaep, no Centro de João Pessoa, publicou importantes reedições de documentos históricos, como a carta de despedida do príncipe Maurício de Nassau, *Adeus ao Brasil* (2023) e *Descrição Ge-*

ral da Capitania Paraíba (de Elias Herckmans, em 2024).

Um importante trabalho de Carlos Azevêdo reconhecido pela Embaixada do Brasil na Alemanha é a tradução de diversos autores consagrados brasileiros para a língua alemã, ajudando a divulgar a cultura brasileira no exterior. Ele foi responsável por verter para o alemão a obra de Augusto dos Anjos, Sousândrade e Gregório de Matos.

O livro *Réquiem para uma prostituta e outras crônicas* tem 181 páginas e custará R\$ 60 no dia do lançamento. Uma curiosidade da publicação é que o autor reuniu várias fotos de diversos períodos de sua vida numa iconografia ao fim do livro, em que o leitor poderá acompanhar a leitura dos textos com as imagens de Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, João Antônio, Érico Veríssimo, Niède Guidon, Ignácio de Loyola Brandão, João Ubaldo Ribeiro, Alberto Cunha Melo, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Balduino Lélis, Políbio Alves, entre outros personagens da intelectualidade brasileira com quem ele conviveu.

ONDE:

EDITORIA IDEIA
(Av. Juarez Távora,
nº 1.369, Torre, João
Pessoa).

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A mentira como tecnologia social da realidade

A mentira é um dispositivo que permitiria a negação, a invenção e até a inversão da realidade. Muitas vezes usada para eximir nossas responsabilidades morais, sem que tenhamos que admitir algum erro. Esse dispositivo pode ser usado para outros fins, como atacar a integridade moral de outra pessoa — boatos e fofocas são bons exemplos — trapacear, levar vantagens ilícitas, etc.

Antes de prosseguir com essa ideia, devemos ter um pouco mais de cuidado.

Nietzsche é muito útil nesse ponto. Ele percebe como os conceitos teriam a característica de igualar o não-igual. Vejam, por exemplo, a forma parcial como pensamos o conceito de folha. Toda representação conceitual é arbitrária. Ela criaria um modelo para ser aplicado universalmente, capaz de representar todas as folhas, de todas as cores e tamanhos, em todas as épocas. A consequência disso é a morte das singularidades dos acontecimentos e das coisas. O mesmo processo aconteceria quando tentamos definir um conceito moral como a honestidade. Não sabemos absolutamente nada sobre a essência da honestidade, no entanto, conhecemos um conjunto de ações particulares, que produziriam certos efeitos que enfeixamos conceitualmente e atribuímos essa qualidade. A partir delas, temos o mau hábito de criar uma qualidade oculta que damos o nome de “honestidade”.

É exatamente o que pretendo evitar com a ideia de mentira como um dispositivo. Não estou à procura de um conceito universal da mentira que se aplique a todas as ocorrências particulares. Não há a mentira em si. O que existe são pessoas em circunstâncias normais, com interesses e formas de entabularem suas mentiras. A mentira é uma tecnologia que pode ser usada em contextos e contextos — com efeitos e efeitos, significações e significações que necessariamente variam.

Dizer que a mentira é um dispositivo que recria a realidade e que, muitas vezes, é usado para nos livrar de apuros como castigos e reprimendas, diz bem menos do que as circunstâncias e as experiências de quem produziu e significou essas experiências. Como e por que o dispositivo é ativado? De que maneira os indivíduos justificariam seu uso? Quais os seus efeitos sobre a realidade?

O filósofo William James narra uma curiosa história: certa vez, enquanto vagava despretentiosamente numa região de montanhas, logo após uma festa, ele foi surpreendido por um grupo de pessoas e tomado por uma calorosa disputa metafísica: motivada por um *sciuridae*, isto é, um esquilo. A situação era a seguinte: um esquilo está agarrado na extremidade de uma árvore e um homem, em pé, do outro lado. Ambos girando rapidamente no mesmo

sentido sem nunca se encontrar. Poderíamos afirmar que o homem anda ao redor do esquilo?

As pessoas estavam igualmente divididas sobre a resposta e a refrega estendia-se sem previsão de desempate. Coube a James o voto de Minerva. Ele, então, respondeu: “vai depender do que se entende praticamente por ‘ir em torno’ do esquilo”. E acrescentou, depois de uma breve argumentação geográfica: “Faça-se a distinção, e não haverá ocasião para qualquer disputa posterior. Os dois lados estão ao mesmo tempo certos e errados, de acordo com o que se conceba ser a locução ‘ir em torno’, em um sentido prático ou em outro”. Em outras palavras, diz ele que quis dizer que as teorias são instrumentos, não respostas a enigmas que podem ser descartáveis.

A ideia, portanto, é compreender as consequências da adoção do dispositivo da mentira: os conflitos morais, os pontos de vista e as *performances* mobilizadas pelos indivíduos na tentativa de evitar punições, reprimendas e sofrimentos. Mais do que perguntar o que é a mentira, interessa compreender quando, como e para quê ela é acionada, levando em conta as circunstâncias concretas nas quais os indivíduos procuram administrar a realidade, justificar suas ações e produzir determinadas versões de si mesmos e dos acontecimentos.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Trágico tchaikovskiano

A teoria do trágico nas obras do compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893) manifesta-se por meio de um conceito relacionado ao destino como uma força destrutiva, contra a qual a vontade humana luta em vão. O trágico tchaikovskiano é existencial, pessimista e intimista, estando fusionado à sua própria angústia psicológica e à sublimação estética de sua dor interior. Nesse processo, Tchaikovsky era um homem vigiado pela Rússia czarista do século 19, além de reprimido e inseguro em relação à sua sexualidade. Isso contribuiu para o fracasso de seu casamento e para suas crises nervosas.

As características musicais do trágico tchaikovskiano apresentam o uso intensivo de registros graves nos fagotes, clarinetes e cordas para abrir e fechar as obras. Há o acúmulo de massas sonoras orquestrais, que explodem em acordes dissonantes de desespero. Há também a substituição de finais triunfantes por marchas fúnebres ou desvanecimentos silenciosos, além de linhas melódicas que sobem de forma apaixonada, mas caem rapidamente, simbolizando o esforço inútil e a desilusão. Nas suas últimas sinfonias, o trágico torna-se a própria estrutura musical por meio de motivos condutores. Na *Sinfonia nº 4, em fá menor*, Tchaikovsky explicou, em cartas, que a fanfarra inicial dos metais representa o destino. Trata-se de uma força intransigente que impede a realização da felicidade. Embora o movimento final tente evocar uma festa folclórica popular, o tema do destino reaparece de forma

violenta, mostrando que a alegria é uma ilusão e que o isolamento é inevitável. Na *Sinfonia nº 5, em mi menor*, o tema do destino abre a obra de forma fúnebre nos clarinetes. Ao longo dos movimentos, ele interrompe os momentos de lirismo amoroso e de dança. No fim, o tema transmuta-se do modo menor para o maior em uma marcha triunfante. Na *Sinfonia nº 6, em si menor*, conhecida como “*Patética*”, encontra-se o ápice de sua teoria do trágico. O termo deriva do grego *pathos* (sofrimento). Tchaikovsky subverte a estrutura clássica da sinfonia ao encerrar a obra com um *adagio* lamentoso. O tema cita cantos litúrgicos ortodoxos relacionados aos mortos e desce gradualmente em direção ao silêncio absoluto e à escuridão, em pianíssimo, mimetizando a própria morte e o vazio existencial.

Tchaikovsky buscava, na literatura clássica, padrões para externar o sofrimento humano, adaptando-os à música programática. Em *Romeu e Julieta*, composta em 1869, o conflito entre o amor compulsivo e o tema violento e caótico das famílias rivais cria uma tensão insustentável. O trágico atinge seu desfecho quando a força do amor reaparece desfigurada, transformando-se em uma marcha fúnebre e melancólica pela morte dos amantes. A *Sinfonia Manfred*, composta em 1885, é inspirada no poema do britânico George Gordon Byron (1788-1824). A obra ilustra o sofrimento psicológico, a culpa obsessiva e a busca inútil pelo perdão e pelo esquecimento. Trata-se de um percurso expressionista em direção à autodestruição do herói romântico.

Nas obras de Tchaikovsky

inspiradas no poeta, escritor e dramaturgo russo Aleksandr Púchkin (1799-1837), como *Ievguêni Oniéguin* (composta de 1877 a 1878) e *Dama de espadas* (composta em 1890), o trágico manifesta-se por meio das falhas humanas, da impossibilidade de recuperar o tempo perdido, da obsessão e da ambição. Em *Ievguêni Oniéguin*, quando Tatiana ama Oniéguin, ele a rejeita friamente. Anos depois, Oniéguin percebe que a ama, Tatiana já está casada e escolhe manter sua honra, deixando ambos condenados à infelicidade. Em *Dama de espadas*, a compulsão de Hermann pelo segredo das cartas de uma condessa leva à destruição de sua sanidade e à ruína de Liza. Aqui, o trágico assume contornos de loucura.

Em *O lago dos cisnes*, cuja primeira apresentação ocorreu em 1877, o balé conta a história do príncipe Siegfried, que se apaixona por Odette, uma princesa transformada em cisne por um feitiço maligno. O feitiço só pode ser quebrado por uma promessa de amor verdadeiro, mas a traição e a ilusão levam a um destino trágico, no qual o príncipe e a princesa cometem um suicídio duplo, no lago, para quebrar o feitiço e unirem-se na eternidade.

Sinta-se convidado para a audição do 582º Domingo sinfônico, que ocorrerá neste dia 30, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105,5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara (<https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-aovivo/radio-fm>). Durante o programa, comentarei a vida e algumas obras do compositor Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893).

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Jatobá em Mangabeira

Pela primeira vez, botei o carro na estrada, rumo ao Mercado Público de Mangabeira — e logo percebi que o pneu estava baixo, parei numa oficina e na parede, em vez do calendário com uma mulher seminua, estava lá a foto do candidato a governador da Paraíba, que a maioria não quer.

Talvez, e como não dizia Drummond, encontrei Josefa Taveira, que não tinha entrado na história.

Lembrei do Mercado Público de Jatobá, botei lenha na imaginação e logo entendi que existe um elogio pronominal da criatividade. Na realidade, parece-me que esse aparente e difuso interesse pelos negócios e comerciantes, expressa uma tangível indiferença.

Mangabeira é imenso ou imensa, mas não tem a modernidade (odeio essa palavra) dos Bancários, (onde mora o jornalista Lenilson Guedes) e as famosas Três Ruas que não desemboca no açude do meu amor.

Mas quando o vento sacodia minha cabeleira, a canção tocava na barraca de queijos e carne de sol e o açude do meu amor secou quando fui encontrar o *Sibito baleado* de Chico Leite, na cúpula do MAG Shopping. Deixa para lá.

Esbarrei nos olhos tristes dos peixes mortos e sequer um tico de poesia, ficamos bastante impressionados. Não existem livrarias em mercados públicos, mas vou dar a dica a Ricardo Pinheiro, dono da Livraria do Luiz.

Em Mangabeira não se conversa besteira, nem com Josefa Taveira, nenhum asilado no pedaço, nem a moçada que agitava o saudoso Anchieta Maia e Maia era muito mais.

Perguntei a um e a outro, quem foi Josefa Taveira e ninguém sabia. De cara, um inferno com as criaturas agarradas a bandeiras mostrando seus candidatos, mas ninguém é santinho. Será que os funcionários comissionados ainda são obrigados a fazer piquetes (?).

Afinal, quem foi Josefa Taveira? Liderança das antigas da Colônia Agrícola de Mangabeira, que, à época, ficava no bairro.

Não vi no Mercado de Mangabeira tripas e buchos e cartomantes, ouvi o Gonzaga cantando que no Ceará não tem disso, não. Lembrei das moças de Salgado de São Félix, que andam com vestidos colados no corpo, até o meio das coxas.

Coxas, sobrecoxas, o melhor vem de Jorge Mautner, que gosta de ficar na praia, deitado, com a cabeça no travesseiro de areia, olhando coxas gostosas por todo lado.

Jatobá, o manjar

No Mercado de Mangabeira, encontrei jatobá, fruto nativo do Brasil com casca dura e lenhosa, polpa seca, sabor doce, que deu nome ao apelido da cidade em que nasci e tive a impressão de que essas emoções momentâneas, induzem a cenas amorosas.

Gritei pai e mãe e veio Mangabeira inteira conferir o fruto jatobá, que não foi evidentemente uma descoberta de um filme que passou em minha vida, e não é apenas uma genérica declaração do valor da saudade do meu lugar.

Comemos ali mesmo, na Barraca da Galega, arroz, feijão de corda, galinha capoeira, farofa de cuscuz com ovo frito, e eu disse “adeus, Mangabeira, que eu já vou embora”...

Kapetadas

1 – Pessoas otimistas assistem ao horário eleitoral para escolher um candidato; pessoas realistas aproveitam para lavar a louça.

2 – Eu prefiro ter mil dúvidas sóbrias, do que uma convicção alienada.

Foto: Kubitschek Pinheiro/Arquivo pessoal



Mercado Público de Mangabeira, pelas lentes do colunista

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

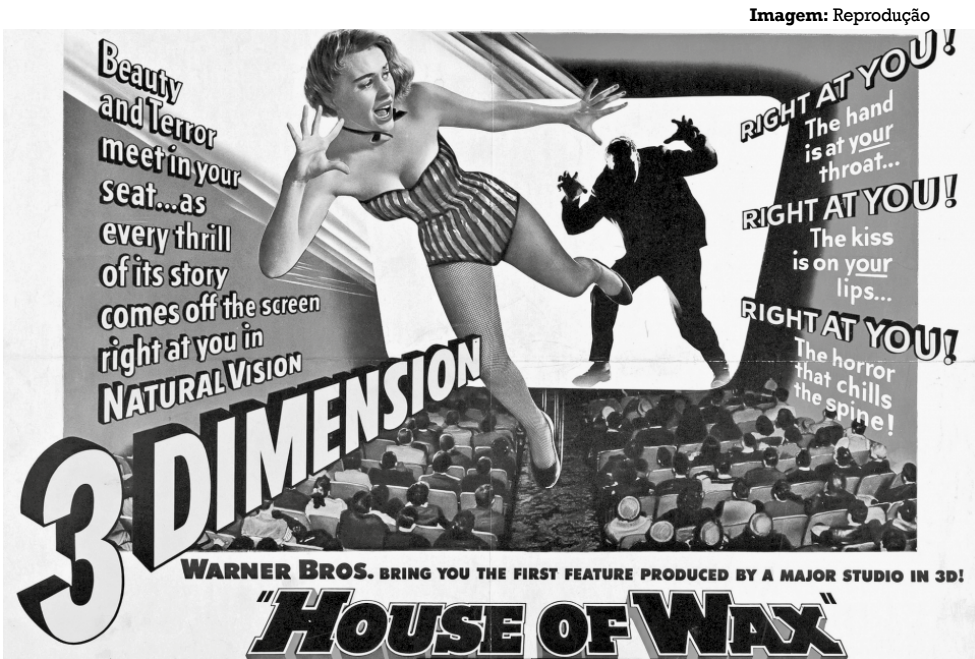
É possível interagir realmente com o cinema?

O legítimo cinema (obra cinematográfica) é uma arte realmente de risco, porquanto está pronta e acabada quando levada à opinião pública. Agrada ou não agrada.

Houve o tempo em que, alegando-se melhor “casamento” com o cinema, ousou-se interagir com a arte de maneira mais objetiva. Optou-se por não mais sermos um mero espectador passivo, mas um espectador inovador, diferenciado, que realmente conduziu o então processo técnico audiovisual e sua narrativa ao assistirmos a um filme. Tentou-se fazer parte dele, ditando seus rumos como se fosse possível demarcar-lhe um fim de agrado pessoal. O recurso da terceira dimensão foi uma dessas tentativas.

Lá pelos idos anos 1960, eu e meu pai tínhamos salas de cinema e já com vista aos novos aparelhamentos de exibição da nova *performance* 3D. Mas lembro que não deu certo. Principalmente, não por causa de nós, empresas exibidoras de filmes e seus tradicionais equipamentos, mas porque cinema é indústria e, como tal, sempre foi realizado visando maior lucro, por meio de um mínimo que seja de comprometimento em suas estruturas de projeção.

A questão, àquela época, seria: é possível interagir verdadeiramente com o cinema? Essa é uma indagação que, ainda hoje, deve merecer séria reflexão. Isso, em relação aos



Os filmes em terceira dimensão, nos anos 1950 e 1960, tentaram o espectador “dentro” do filme

atuais recursos tecnológicos, como inteligência artificial, quando elementos modificam ou influenciam a “real arte do filme”, adotando meios sofisticados e considerados “interativos”. Ou seria mais um modismo da indústria cinematográfica, que tem buscado maneiras de afirmação frente às mídias tecnologicamente mais avançadas, como a eletrônica?

No caso da mídia eletrônica, pode-se afirmar que, infelizmente, isso vem acontecendo. Não obstante, apenas na forma de se conduzir uma sessão pela *internet*, usando-se o recurso do controle remoto. Podemos alterar o sistema com apenas um “to-

que de tecla” — paralisando a sessão de um filme, ainda, alterando a velocidade natural da exibição ou mesmo suprimindo legendas e outros recursos próprios da apresentação, mas jamais da essência narrativa e natural da obra.

Assim, ainda acredito que seria praticamente impossível uma parceria transformadora de rumos da narrativa da obra original, em tempo real, entre um espectador e o filme exibido. Aí, sim, isso é que caracterizaria, ao meu entendimento, a interatividade entre o assistido e o assistente. — Mais “Coisas de Cinema”, em nosso blogue: www.alex santos.com.br



APC: representação em Gramado

A Academia Paraibana de Cinema fez-se presente no Festival de Gramado deste ano, no Rio Grande do Sul, pela atriz paraibana e integrante da APC Zezita Matos.

A atriz, que atuou no filme recentemente premiado com três Kikitos, *Leite em pó*, tem representado bem sua academia de cinema nos diversos festivais dos quais tem participado. Zezita, que foi presidente da APC por dois mandatos, com notória atuação, continua fazendo bonito por onde passa. Parabéns, parceira!

NO ESPAÇO CULTURAL

Os saltimbancos tem apresentação única

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Voltado ao público infantil, o clássico musical *Os saltimbancos* será apresentado hoje, na capital, às 17h, no Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural, em Tambauzinho. Ingressos custam R\$ 160 (inteira), R\$ 80 (meia) e R\$ 104 (social + 1kg de alimento), disponíveis no Sympla.

“Nessa montagem, em cartaz no Recife há oito anos, usamos a obra original *Os músicos de Bremen*, dos irmãos Grimm, adaptados pelos espanhóis Sérgio Bardotti e Luiz Enriquez, com tradução e músicas de Chico Buarque de Hollanda”, afirma Roberto Costa, diretor-geral deste *Os saltimbancos*.

Na história, quatro bi-

chos (jumento, cachorro, galinha e gata) conscientizam-se dos maus-tratos e da exploração de seus donos e resolvem fugir e tentar a vida como músicos na cidade grande. A fábula, que traduz alegoria política e versa sobre solidariedade e companheirismo de classe, tem no Barão o inimigo-mor dos pobres bichos, personificação dos detentores dos meios de produção.

A montagem original bra-

sileira teve sua grande estreia no Canecão, no Rio de Janeiro (RJ), dirigido por Antonio Pedro e tendo no elenco Marieta Severo (Gata), Miúcha (Galinha), Pedro Paulo Rangel (Cachorro) e Grande Otelo (Jumento), além do coro infantil composto por Bebel Gilberto, Isabel Diegues, Silva Buarque, Alexandra Marzoz e Alice Borges.

Meses antes da estreia nos palcos, foi lançado o icônico *LP* coletivo de 1977, com interpretações nas quais figuram as vozes de Nara Leão, Miúcha e dos cantores Magro e Ruy, ambos do grupo MPB4. O resultado foram canções marcantes que acompanham diversas gerações até hoje, tais como “Bicharia”, “História de uma gata”, “Minha canção” e “Todos juntos”.

Vencedor do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte na categoria Melhor Espetáculo, inspirou várias remontagens, a exemplo da peça dirigida pela atriz e bailarina Maria Lúcia Prioli para os palcos cariocas, em cartaz desde 1992, e da famosa adaptação cinematográfica realizada, em 1981, pelo grupo Os Trapalhães em *Os saltimbancos trapalhães*, filme que integra a lista dos 100 filmes brasileiros essenciais de todos os tempos, da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Renato Aragão e Dedé Santana voltaram à história em 2014, em musical de teatro de Charles Möeller e Claudio Botelho, que ganhou uma versão para o cinema em 2017 — *Os saltimbancos trapalhães: rumo a Hollywood*.



Bichos rebelam-se contra a exploração de seu dono e tentam carreira musical no clássico adaptado por Chico Buarque

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Falo dele!

É libricano como eu. Ele, do dia 6 de outubro; eu, do dia 9. Altemir Garcia também era do dia 6. E, como ele, possuía o dom da prosa saborosa e cativante. Saudade do velho Altemir, que conheci nos idos de 1970 do século passado, ali por perto da Rua 12 de Outubro, no bairro de Jaguaribe.

Outubro, se não é o mais cruel dos meses, a exemplo de abril, conforme tese do poeta T. S. Elliot, parece-me mês sinuoso, oblíquo, ambivalente, dado ao vocativo dos enredos e das palavras, peculiar a gente que sabe do prazer do bem conviver e do bem conversar.

Pois bem: ele é mestre nisso. Mas isso, só vim descobrir depois, ao longo de uma convivência amigável na Academia Paraibana de Letras (APL), ambiente que permite, aqui e ali, a descoberta de personalidades interessantes e de criaturas incomuns, se pensarmos que, cada um a seu modo e dentro de suas cercanias, procuram cuidar dos bens infungíveis da memória, da cultura e do conhecimento.

Primeiro, atraíu-me, na figura dele, o fato de ter nascido no distrito de Borborema, município de Bananeiras. Borborema, no meu imaginário, adquiriu conotação mítica, espécie de espaço simbólico, modelo de imagem poética, pois foi lá que meu pai e minha mãe se conheceram numa festa de vaquejada.

Dia desses, fui visitar suas paragens brejeiras, como um caçador de relíquias, atrás dos vestígios do sonho e das raízes de um amor que vi se manter e cristalizar-se, sempre terno e sólido, infinito enquanto durou.

Também apreciei a pertinência de suas palavras sobre o jornalista Artur Aquiles, no discurso que proferiu quando adentrou à Casa de Coriolano de Medeiros. À segurança em torno dos dados históricos alinhava-se ao olhar perspicaz e humorístico, já lhe definindo facetas peculiares do seu modo de ser.

Foi político, foi advogado, foi gestor público, e sempre demonstrou visível inclinação, quer como jornalista, quer como escritor, para as ocorrências da história local, seja a história dos grandes fatos ou dos grandes personagens, seja a história miúda e pitoresca da vida cotidiana.

Seus livros seduzem, de logo, pelos títulos. Seus títulos dizem muito de sua feição bem-humorada e da veia irônica com que captura os eventos do dia a dia. Vou citar alguns e veja, leitor, se não tenho razão: *Dá licença, um aparte; O poder de bom humor; O vendedor de calúnias; Era o que tinha a dizer; e Pequenas histórias, para quem tem preguiça de ler as grandes*. Esse último é um verdadeiro achado, pela sutileza e pela gostosa provocação.

Percebo, por trás desses títulos, a figura matreira, escolada no lombo das experiências feitas e na sabedoria de quem aprendeu a respirar o aroma das coisas também pelo avesso. Ele tem, à maneira de um moderno discípulo da tradição satírica, o riso como estilete, para perfurar as múltiplas camadas da realidade.

É bom prosear com ele, ouvi-lo contar causos da cena política ou da loucura de hábitos e costumes das vivências interioranas. Seu repertório me parece inesgotável. Não há nada de grave nem de solene que não se revista de certa leveza ou de certa malícia, se é ele que tem a palavra. Ele é daqueles que cultivava a serenidade, sem artificialismos, a galhofa sem melancolia, a alegria como prova dos nove, e prefere perder a festa a perder a piada.

Falo dele, Ramalho Leite, presidente da APL, amigo e confrade.

Foto: Evandro Pereira



Ramalho Leite, presidente da Academia Paraibana de Letras

Colunista colaborador

TEATRO

Peça foca no coadjuvante

Sancho Pança será apresentada hoje à tarde, em JP

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Internado em um manicômio por afirmar ser o fiel escudeiro de Dom Quixote de La Mancha, um palhaço revisita as próprias memórias para provar que o personagem e as aventuras vividas ao lado dele realmente existiram. Em releitura do famoso *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, *Sancho Pança, o fiel escudeiro* é o último espetáculo desta edição do projeto de circulação Palco Giratório na Paraíba: hoje e amanhã,

em João Pessoa, e quarta-feira (2), em Campina Grande, nas unidades do Sesc de ambas as cidades.

Hoje, a peça será encenada às 16h, integrando a programação gratuita do Domingo no Sesc (entrada franca, com vagas limitadas e entrega de fichas no local), em tarde de atividades recreativas para todas as idades. Para amanhã e quarta-feira (2), o horário é 14h, e os ingressos custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), com venda antecipada pela plataforma Sympla (sympla.com.br).

Com direção e dramaturgia de Walter Velázquez, *Sancho Pança, o fiel escudeiro* estreou em 2016, com passagens por 17 estados e mais de 33 cidades brasileiras. A peça nasceu do encontro entre Rodrigo Bruggemann (que interpreta o alucinado palhaço Piruá/Sancho Pança) e Velázquez, a partir da vontade do ator em construir um espetáculo solo inspirado na literatura de Cervantes.

A escolha foi deslocar o

protagonismo para o anti-herói, em narrativa que transcorre no interior de um hospício, onde Sancho resgata as histórias que teria vivido ao lado de Dom Quixote enquanto tenta comprovar sua condição de escudeiro.

“E abordando temáticas como justiça social, machismo, sistemas midiáticos e outras questões que englobam o sistema capitalista em que a gente vive”, descreve Rodrigo, que utiliza a trajetória do personagem como ponto de partida para tratar dessas questões sem abandonar a referência à obra literária.

“Um novo século, uma história antiga, com uma lamentável vigência que deslumbra e assusta, porque os heróis de hoje estão atrasados com as causas que defendem, que voltam os heróis de sempre. Volta Sancho Pança e Dom Quixote, sim, nessa ordem. Que ladrem os cachorros do poder e o sistema prepare seus moinhos midiáticos”, assim afirma o texto de apresentação da peça.

A propósito, o minidocu-



Rodrigo Bruggemann interpreta o personagem na encenação

mentário *O homem que inventou Dom Quixote* (8 min.), dirigido por Carito Cavalcanti e disponível no YouTube, debulha aspectos do processo de criação da obra, valendo-se de entrevistas com o diretor da peça e com Rodrigo. “É impressionante como a his-

tória de Quixote casou com a montagem”, declara Rodrigo nos bastidores do vídeo. “Porque a história de Quixote fala muito do sonho; de uma pessoa que vive um sonho, uma realidade que não é a realidade comum das pessoas e então é tratado como louco e é

excluído da sociedade”.

Esta não será a primeira passagem do espetáculo pela Paraíba — Rodrigo Bruggemann já havia apresentado a montagem no Parque Solón de Lucena da Lagoa, em parceria com o Sesc, e no Festival de Teatro de Mangabeira.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 27 de agosto a 3 de setembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

COYOTE VS. ACME (*Coyote vs. Acme*). EUA, 2026. Dir.: Dave Green. Elenco: Will Forte, John Cena, Lana Condor. Comédia/animação. O Coiote processa a megacorporação Acme pelas seguidas e desastrosas falhas dos equipamentos que ele usa na sua incansável perseguição ao Papa-Léguas. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h, 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h50, 16h15, 18h50, 21h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h10, 16h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h20, 15h50, 18h20, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h20, 19h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 12h10, 14h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h25. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: seg. a qua.: 14h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h25. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 14h40, 16h50, 19h. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg. e qua.: 16h; ter.: 18h30.

MUITO PRAZER. Brasil, 2026. Dir.: Jorge Furtado. Elenco: Daniel de Oliveira, Luiza Arraes, Samantha Jones. Comédia/romance. Ao colocar um motel abandonado para funcionar, dupla começa a produzir vídeos pornô sem os clientes saberem. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 17h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qui. a seg. e qua.: 18h30.

PONTO SEM RETORNO (*The Dog Stars*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Ridley Scott. Elenco: Jacob Elordi, Margaret Qualley, Josh Brolin. Ficção científica/ação. Sobreviventes em uma terra devastada são ameaçados por saqueadores. 1h58. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dom.: leg.: 21h30; seg. a qua.: dub.: 16h45; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: dom.: 17h50, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h40. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h10, 20h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h10, 20h25. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h50, 17h55.

REAPRESENTAÇÃO

AKIRA (*Akira*). Japão, 1988. Dir.: Katsuhiro Otomo. Ficção científica/animação. Numa Tóquio futurista, adolescente motoqueiro é transformado em ameaça psíquica por projeto militar. 2h04. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: qui. a seg. e qua.: 21h.

ESPECIAL

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFA (*Harry Potter and the Sorcerer's Stone*). Reino Unido/ EUA, 2001. Dir.: Chris Columbus. Elenco: Daniel Radcliffe, Emma Watson, Rupert Grint, Richard Harris, Robbie Coltrane, Maggie Smith, Alan Rickman. Aventura. Orfão descobre que tem poderes e vai para uma escola de bruxaria onde investiga mistério. 2h32. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: dom.: 14h30, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: seg. a qua.: 17h50, 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dom.: dub.: 13h30, 17h; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 13h30, 17h, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg. a qua.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom.: 17h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h15, 17h20, 20h25; seg. a qua.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 20h. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: dom. a qua.: 15h, 19h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: seg. a qua.: 19h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 3D: 16h40; 2D: 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 3D: 14h, 20h40; 2D: 17h20; seg. a qua.: 3D: 20h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h15, 17h15, 20h15; seg.: 18h; ter.: 14h; qua.: 20h15.

KATE PERRY: THE LIFETIMES TOUR – LIVE FROM PARIS (*Kate Perry: The Lifetimes Tour – Live from Paris*). EUA/ França, 2026. Dir.: Paul Dugdale. Documentário/ show. Registro do show e bastidores da cantora em Paris. 2h12. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qua.: 21h.

NOSSO SEGREDO. Brasil, 2026. Dir.: Grace Passó. Elenco: Ju Colombo, Flip, Robert Frank. Drama. Família que vive um luto é abalada por revelação do filho caçula. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: ter.: 19h.

CONTINUAÇÃO

ACAMPAMENTO MIASMA (*Teenage sex and death at Camp Miasma*). EUA, Canadá, 2026. Dir.: Jane Schoenbrun. Elenco: Hannah Einbinder, Gillian Anderson, Amanda Fix. Drama/terror. Diretora vai filmar nova sequência de famosa série de terror e escala a “final girl” original, fazendo as duas mulheres entrarem em frenesi psicosssexual. 1h46. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 31/8: 18h.

COLEGAS E O HERDEIRO. Brasil, 2026. Dir.: Marcelo Galvão. Elenco: Ariel Goldenberg, Rita Pokk, Rafaela Fontanelli. Comédia/ aventura. Ator com síndrome de Down acredita que é o legítimo herdeiro de um hotel no Uruguai e parte para lá com amigos enfrentando outro pretendente à posse. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 11h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 11h. CINÉPO-

LIS MANAÍRA 6: 11h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 11h30.

O FIM DA RUA (*The end of Oak Street*). EUA, 2026. Dir.: David Robert Mitchell. Elenco: Anne Hathaway, Ewan McGregor, Maisy Stella. Aventura/ mistério. Nos anos 1980, bairro inteiro é transportado para a era dos dinossauros. 1h39. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg. e ter.: 20h45. **Remígio:** CINE RT: seg.: 20h30.

FUTURO FUTURO. Brasil, 2026. Dir.: Davi Pretto. Ficção científica. Elenco: Zé Maria, João Carlos Castanha, Carlota Joaquina. No futuro, homem amnésico embarca em jornada para descobrir sobre si depois de usar um dispositivo de IA. 1h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 15h.

HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA (*Spider-Man: brand new day*). EUA/ Canadá/ Reino Unido/ Alemanha, 2026. Dir.: Destin Daniel Cretton. Elenco: Tom Holland, Zendaya, Sadie Sink, Mark Ruffalo. Aventura. A pressão desencadeia mudanças físicas assustadoras no Homem-Aranha, enquanto enfrenta misteriosa ameaça que domina mentes. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h30; leg.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 12h50, 16h, 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h15, 16h30, 19h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 15h30, 18h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: seg. a qua.: 13h40, 17h, 20h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 16h15, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: seg. a qua.: 12h, 15h15, 18h30, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h, 20h15. CINÉPOLIS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 16h, 19h45; seg. a qua.: 16h, 20h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h, 17h, 20h; seg. a qua.: 17h, 20h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: seg.: 3D: 14h50; 2D: 17h40.

HONESTINO. Brasil, 2026. Dir.: Aurélio Michiles. Documentário. A história de Honestino Guimarães, líder estudantil, presidente da UNE, sequestrado pela ditadura militar em 1973. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 18h10.

A ODISSEIA (*The odyssey*). Reino Unido, EUA, 2026. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o, Samantha Morton, Zendaya, Charlie Theron. Aventura. Após a Guerra de Troia, herói grego tenta voltar para casa, enfrentando criaturas míticas, enquanto sua esposa resiste às investidas de pretendentes. 2h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h50, 17h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: seg. a qua.: 21h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: seg. a qua.: 16h50.

PATROLHA CANINA – UMA AVENTURA DINO (*Paw Patrol – The Dino Movie*). Canadá/ EUA, 2026. Dir.: Cal Brunker. Aventura/comédia/ animação. A Patrulha Canina descobre uma ilha habitada por dinossauros e tenta defendê-la de uma mineração. 1h28. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: seg. a qua.: 14h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h30, 15h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h, 16h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h15, 15h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 15h, 16h50; seg. a qua.: 16h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 15h, 16h50; seg. a qua.: 16h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h20; seg. a qua.: 16h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h30; seg. a qua.: 14h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg. e qua.: 14h; ter.: 16h30.

PEQUENAS CRIATURAS. Brasil, 2026. Dir.: Anne Pinheiro Guimarães. Drama. Elenco: Carolina Dieckmann, Leticia Sabatella, Caco Ciocler. Em 1986, família muda-se para Brasília, mas a esposa é deixada para trás pelo marido numa viagem de negócios. Frustrada, ela lida com a adaptação à cidade desconhecida. 1h40. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 19h50; seg.: 20h20.

REFÊM POR UM FIO (*Dead man's wire*). EUA, 2026. Dir.: Gus Van Sant. Elenco: Bill Skarsgård, Dacre Montgomery, Colman Domingo. Suspense. Homem faz presidente de companhia refém com uma espingarda. 1h45. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 31/8: 16h.

OS RUMINANTES. Brasil, 2026. Dir.: Tarila Araújo e Marcelo Mello. Documentário. Em 1967, os cineastas Luiz Sergio Person e Jean-Claude Bernardet escreveram um roteiro de um filme radical, nunca filmado. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 16h40.

SAGRADO CORAÇÃO: SEU REINO NÃO TERÁ FIM (*Sacré Coeur: Son Règne N'a Pas de Fin*). França, 2025. Dir.: Sabrina Gannell e Steven Gannell. Documentário/ religioso. A influência da tradição católica ao longo da história. 1h35. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: seg. a qua.: 19h15.

O SHAOLIN DO SERTÃO 2. Brasil, 2026. Dir.: Halder Gomes. Elenco: Edmilson Filho, Falcão, Priscila Fantin. Comédia/ aventura. Para poder encontrar o pai na China, lutador aceita o desafio de enfrentar adversários pelo interior do Ceará. 1h40. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8:

dom.: 13h; seg. a qua.: 13h, 15h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: 14h. CINE GUEDES 2: seg. a qua.: 14h50, 17h. PATOS MULTIPLEX 3: seg. a qua.: 15h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: 16h40, 19h; seg. a qua.: 16h50, 19h05. **Remígio:** CINE RT: ter.: 20h30; qua.: 18h15.

SÓ POR UMA NOITE (*One Night Only*). EUA, 2026. Dir.: Will Gluck. Elenco: Callum Turner, Monica Barbaro, Maya Hawke. Romance/ comédia. Numa sociedade em que o sexo livre é permitido por uma noite, dois estranhos procuram algo mais. 1h42. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg. a qua.: 18h10.

SOBRENATURAL: AGORA ENTRE NÓS (*Insidious Out of the Further*). Austrália/EUA, 2026. Dir.: Jacob Chase. Elenco: Amelia Eve, Lynn Shaye. Terror. Mulher descobre que através dela demônios estão vindo à Terra. 1h46. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 16h40, 21h30; seg. a qua.: 16h40. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h40, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h40, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: seg. a qua.: 19h, 21h. CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 21h15. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 21h20.

TOY STORY 5 (*Toy story 5*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Aventura/ comédia/ animação. A chegada de um tablet ameaça brinquedos e as interações sociais da dona deles. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h30.

Teatro

HOJE

OS SALTIMBANCOS. Baseado em texto e músicas de Luiz Enriquez e Sérgio Bardotti, com versões brasileiras de Chico Buarque, 50min.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 30/8. 17h. Ingressos: R\$ 160 (inteira) e R\$ 80 (meia), antecipados na plataforma Sympla.

SANCHO PANÇA, O FIEL ESCUDEIRO. Da Piruá Produções Artísticas (RN). Espetáculo do Palco Giratório.

João Pessoa: TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, 281, Centro). Domingo, 30/8, 16h, e segunda, 31/8, 14h. Entrada franca.

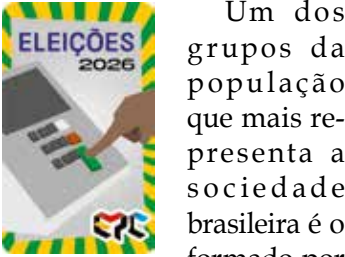
Campina Grande: TEATRO DO SESC (Sesc Centro, R. Giló Guedes, 650, Centro). Quarta, 2/9, 14h. Entrada franca.

POPULAÇÃO NEGRA

Aumentar participação é desafio

Taxas significativas de abstenção indicam apatia e desmotivação de parte dos eleitores pretos e pardos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com



Um dos grupos da população que mais representa a sociedade brasileira é o formado por pretos e pardos. Com um eleitorado de, aproximadamente, 3,2 milhões de pessoas aptas a votar nas Eleições 2026, a Paraíba prepara-se para o pleito com a maioria da sua população autodeclarada negra e o desafio de superar uma significativa taxa de abstenção registrada nas Eleições Municipais de 2024.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), publicados em julho, indicam que cerca de 79% dos eleitores paraibanos (mais de 2,5 milhões de pessoas) estão classificados como “não informado” no quesito cor e raça. Apesar do alto índice de não declaração, o recorte daqueles que informaram sua identidade revela a predominância da população negra no estado. São quase 471 mil eleitores autodeclarados negros, sendo 419.562 (12,92% do eleitorado total) pardos e cerca de 51.373 pretos (1,58%). Em seguida, aparecem os brancos (6,07%), indígenas (0,14%) e amarelos (0,11%).

O Censo Demográfico de 2022 ratifica uma transformação contínua e histórica na forma como os brasileiros se reconhecem. Os dados oficiais mostram que o Brasil é uma nação de maioria negra: são mais de 112,7 milhões de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas, representando 55,52% de toda a população do país. Mas, ao direcionar o foco para a Paraíba, constata-se que a presença negra no estado é ainda mais expressiva do que a média nacional.

No território paraibano, 63,51% de todos os residentes identificam-se como negros, somando um contingente de 2.524.452 pessoas. Dentro desse espectro, a grande maioria opta pela autodeclaração parda, que, sozinha, engloba mais de 2,2 milhões de indivíduos. Já a população que se autodeclara preta soma 316.572 habitantes — um grupo que, assim como no resto do país, apresentou forte crescimento com relação ao levantamento anterior.

A comparação entre os Censos de 2010 e 2022 revela o impacto das políticas afirmativas e do debate público sobre identidade racial na última década. Em 2010, pretos e pardos representavam 58,40% da população paraibana. O salto para os atuais 63,51% evidencia não apenas uma mudança demográfica, mas também um encorajamento da população na hora de responder aos recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No cenário nacional, esse mesmo movimento foi sentido: o Brasil saltou de 50,74% de população negra em 2010 para os atuais 55,52%. Com os novos dados, a Paraíba consolida sua posição, abrigando



Foto: Alejandro Zambana/TSE

Ausência de protagonismo partidário para candidaturas negras de base popular afasta parcela do eleitorado, analisa especialista

Panorama

Segundo o Censo 2022, cerca de 63,51% dos residentes no território paraibano identificam-se como negros, somando um contingente de 2.524.452 pessoas

pouco mais de 2,2% de toda a comunidade negra brasileira, reforçando a identidade fortemente miscigenada e afrodescendente do estado.

Demandas

Para Ariosvalber Oliveira, pesquisador em Educação e Políticas Públicas para a população negra, apesar de a população negra representar mais de 63% dos habitantes da Paraíba, a representatividade política desse grupo nos espaços de poder do estado ainda enfrenta profundos abismos provocados pelo racismo estrutural e institucional.

Conforme o especialista, as demandas da população negra paraibana, de alguma maneira, refletem as demandas da população negra nacional. “É um drama socioeconômico histórico, para o qual é preciso um conjunto de políticas de reparação permanentes diante desse quadro de injustiça”, analisa.

Entre as prioridades elencadas pelo pesquisador, estão a atualização e ampliação da lei estadual de cotas para concursos públicos, o combate à violência policial contra a juventude negra e a criação de uma secretaria própria voltada à promoção da igualdade racial.

“Em linhas gerais, são essas políticas que eu reputo [considero] como de fundamental importância para a população negra paraibana, entre outras. Mas essas eu colocaria como políticas reparatorias de Estado, não de

governo, para a população negra afro-paraibana”, defende Ariosvalber Oliveira.

A socióloga Suéria Dantas, especialista em Estudos Raciais, endossa tais pautas, apontando que, no cenário nacional, a agenda prioritária sustenta-se em três pilares: o combate ao genocídio negro — caracterizado pelos altos índices de letalidade policial contra jovens periféricos —; a superação da desigualdade racial; e o enfrentamento do racismo religioso.

Já na Paraíba, a cientista social ressalta que a questão ganha contornos específicos voltados à regularização fundiária de territórios quilombolas e de comunidades ribeirinhas e pesqueiras. “A gente nota que as mulheres negras possuem uma posição de muito protagonismo nessa questão das lutas fundiárias na Paraíba”, observa.

Engajamento político

As Eleições 2024 evidenciaram o real peso da participação cidadã dos pretos e pardos. Dados do TSE sugerem que o eleitor negro paraibano demonstrou um índice de comparecimento às urnas que não apenas destoava positivamente da média do estado, como também reduz a média nacional de abstenção do mesmo grupo. Ainda assim, as ausências às urnas são sintomáticas e atraem análises especializadas.

Os dados nacionais do pleito indicam que o universo de eleitores com autodeclaração negra totalizou mais de 10 milhões de eleitores aptos. Desse quantitativo, cerca de 1,7 milhão de indivíduos não compareceram aos locais de votação, consolidando uma abstenção nacional de 16,45% para a população negra.

No recorte estadual, dos 271.489 eleitores que se identificaram como negros, 26.341 optaram por se ausentar. Isso significa que a taxa de abstenção da população negra no estado com relação ao total do eleitorado, nesse mesmo período, foi de aproximadamente 10% (cerca de 7 pontos percentuais menor

do que a média nacional).

Para Suéria Dantas, o sistema eleitoral brasileiro impõe barreiras para que candidaturas negras de base popular ganhem protagonismo partidário. Mesmo com medidas afirmativas recentes, como a decisão do Supremo Tribu-

nal Federal (STF) que garante repasses proporcionais de recursos de campanha, a mudança estrutural é lenta. Segundo a cientista social, essa exclusão histórica reflete diretamente no comportamento do eleitorado, promovendo uma sensação de apatia e fal-

Mudanças no banco de dados

A Justiça Eleitoral (JE) ampliou os dados coletados no cadastro eleitoral para que as estatísticas espelhem a real diversidade demográfica da população nas urnas.

O que passou a ser mapeado?

Desde o fim das Eleições 2022, o cadastro passou a incluir obrigatoriamente os seguintes campos:

- **Cor ou raça** – branca, preta, parda, amarela ou indígena;
- **Comunidades tradicionais** – identificação de pertencimento a grupos quilombolas;
- **Identidade de gênero** – se o eleitor é cisgênero ou transgênero (reforçando o direito ao nome social);
- **Acessibilidade** – necessidade de intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para o dia da votação.

Regras de preenchimento

- **100% opcional** – o eleitor decide se quer ou não fornecer essas informações;
- **Autodeclaração** – não é exigida a apresentação de laudos, certidões ou comprovantes para atestar cor, raça ou identidade de gênero.

Qual é o objetivo?

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) utiliza esse detalhamento para criar políticas de inclusão, aprimorar a acessibilidade e o atendimento no dia do pleito, além de direcionar campanhas institucionais de conscientização.

Infográfico: Iago Ribeiro

DIREITOS FUNDAMENTAIS

Ativistas pedem articulação em prol de grupo vulnerável

Efetividade de políticas públicas foi tema de audiência no Senado Federal

Da Redação
com Agência Senado

A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal debateu, na última semana, as condições da população em situação de rua no Brasil e as medidas necessárias para enfrentar o problema. A audiência reuniu representantes do poder público e de organizações que atuam diretamente com essa população. Os participantes defenderam maior articulação entre áreas como moradia, saúde, assistência social, trabalho e educação e destacaram a necessidade de políticas adaptadas aos diferentes perfis das pessoas em situação de rua.

Propositor da reunião, o senador Marcos Pontes (PL-SP) lembrou a complexidade do problema e a necessidade de ouvir diferentes setores para orientar políticas públicas mais eficientes. Ele destacou o trabalho do Parlamento em busca de soluções e disse considerar necessária a atuação conjunta entre diferentes áreas do poder público.

“Como é um sistema complexo, a gente vai ter que analisar por vários pontos de vista. Tudo que a gente puder fazer para ajudar a achar as melhores condições, achar a melhor solução para que isso funcione, essa é a ideia, e trabalhar junto para que isso funcione”, afirmou.

Presidente da CDH, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) ressaltou que não existe uma causa única nem uma solução única para o problema. A parlamentar apresentou estatísticas sobre o aumento da população em situação de rua e questionou a efetividade das políticas existentes.

“Falar sobre a população em situação de rua é falar de dignidade humana. Temos um plano nacional com 99 ações, envolvendo 11 ministérios, e um orçamento para 2026 de R\$ 982 milhões. E por que cresce tanto o número de pessoas em situação de rua?”, indagou.

Causas diversas

Adalberto Calmon Barbosa, diretor de Relações Institucionais da organização Obra Social Nossa Senhora da Glória — Fazenda da Esperança e vice-presidente da Confederação Nacional de Comunidades Terapêuticas, também defendeu ações integradas para enfrentar o aumento da população em situação de rua. Segundo ele, o problema tem causas diversas, como falta de moradia, rompimento de vínculos familiares e dependência química.

“Não existe um modelo único para cuidar daquele em situação de rua, porque existem vários perfis das pessoas que estão lá: uns precisam de recuperação primeiro, precisam se equilibrar, entrar na sobriedade; outros precisam de capacitação, de formação. O que nós temos que trazer é cidadania para essas pessoas, renda, trabalho”, disse.

Barbosa relatou experiên-



Foto: José Cruz/Agência Brasil

Existência de população em situação de rua fere o princípio da dignidade da pessoa humana

cias da Fazenda da Esperança, organização que acolheu mais de três mil pessoas em suas 110 unidades durante a pandemia e encaminhou centenas de pessoas para tratamento durante ações realizadas na área conhecida como “Cracolândia”, em São Paulo. Para o representante da entidade, o atendimento à população de rua deve ir além da oferta de alimentos, roupas e outros auxílios imediatos, necessitando da participação conjunta do poder público e das organizações da sociedade civil.

Vulnerabilidade

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no âmbito da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 976 obrigou os entes federados a cumprir a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Entretanto, continua sendo ignorada por estados e municípios, conforme alertou o representante da Pastoral do Povo da Rua, padre Júlio Lancellotti. Para o sacerdote, ações de retirada e deslocamento de pessoas das ruas não reduzem o problema e podem agravar a situação de vulnerabilidade.

“É importante que as ações sejam integradas, que as ações tenham uma integração, obedecendo à ADPF nº 976, cessando a violência contra a população de rua, cessando todo tipo de higienismo e toda forma de violência”, defendeu.

Lancellotti cobrou o estabelecimento de caminhos efetivos de saída da rua, com acesso a renda, qualificação profissional, saúde, assistência e documentação. Ele pediu ainda apoio dos senadores para facilitar o acesso das pessoas em situação de rua aos serviços digitais do governo, como a obtenção de documentos e benefícios, e alertou para os riscos de eventos climáticos extremos sobre esse segmento populacional.

O coordenador-geral do Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua (Ciamp-Rua) do Ministério dos Direitos Humanos, Anderson Miranda, citou iniciativas do Governo Federal para o segmento, mas admitiu que a população de

rua está crescendo. Ex-morador de rua, Miranda destacou que o problema resulta de uma combinação de fatores.

“A população em situação de rua não é plantada na rua, não nasce na rua. Ela é jogada para a situação de rua de alguma maneira. É um rompimento familiar”, pontuou.

Miranda denunciou casos de violência contra pessoas que vivem nesse contexto e contra profissionais que atuam no atendimento a elas, citando episódios que presenciou em Cuiabá e em São Paulo. Ele pediu ao Congresso prioridade para a execução das políticas existentes, com recursos orçamentários.

Déficit crônico

Para a coordenadora nacional da Pastoral do Povo da Rua, Ivone Maria Perassa, a falta de acesso à moradia digna e a insuficiência de vagas nos equipamentos públicos municipais de acolhimento perpetuam a vulnerabilidade das pessoas em situação de rua. Ela alertou que a disparidade entre a demanda real e as metas de atendimento das prefeituras gera um déficit crônico.

“Se existe uma política pública capaz, eficaz e muito importante que teria que ser pensada neste país, é a política pública de moradia para a população em situação de rua, acompanhada da geração de renda. Se não pensarmos nisso, todo o resto é somente um faz de conta”, denunciou.

A ativista enfatizou que o encarecimento imobiliário urbano nos últimos anos empurrou uma nova parcela de trabalhadores para as ruas. Conforme ressaltou, os repasses de programas sociais, como o Bolsa Família, já não cobrem os custos de aluguéis na periferia. Para ela, a cota atual de 3% reservada à população de rua no programa Minha Casa, Minha Vida é “insignificante”.

Assistencialismo

Frei Rogério Soares, fundador da Pastoral do Empreendedor e pároco em Jatáí (GO), defendeu o combate ao que chamou de “romantização” da população em situação de rua e a rejeição a certas medidas assistencialistas integradas ao espaço público. Segundo ele, a oferta de

serviços básicos na própria rua tem o efeito de fixar os indivíduos na vulnerabilidade.

“Os programas que hoje existem em estados, muitas vezes, são para criar na rua condições para a pessoa ficar na rua; é “médico na rua”, é “banheiro na rua”, é “comida na rua”... A rua não é lugar para se morar, não é lugar para se ficar. Eu preciso levar essa pessoa, realmente, para um lugar seguro”, opinou.

Diante de casos críticos e da recusa de tratamento por dependência de substâncias, o religioso declarou-se favorável à internação compulsória como um ato de caridade.

“Enxugar gelo”

O ativista Adenilson Cruz contestou posicionamentos contrários à entrega de marmitas no espaço público. Ele relatou que sua instituição já distribuiu mais de 540 mil refeições sem auxílio financeiro do governo e defendeu que o alimento é o instrumento essencial para criar vínculos com quem foi marginalizado pela sociedade.

“Se você não chegar com alimento, com amor, com carinho, você não vai conseguir, porque a pessoa já está acostumada a levar pedrada, paulada, de várias formas”, afirmou.

Cruz disse que transferências diretas de renda a indivíduos em dependência química sem contrapartidas terapêuticas são como “enxugar gelo”. Ele sugeriu que a manutenção desses auxílios financeiros governamentais seja obrigatoriamente vinculada à adesão do cidadão a tratamentos de reabilitação e saúde mental.

Wagner Ignacio Ribeiro, assistido pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) de Brasília, defendeu a relevância dos programas de segurança alimentar e de renda para a sua sobrevivência. Ele relatou ter ingressado na vulnerabilidade após ficar desempregado durante a pandemia da Covid-19 e refutou as críticas ao suposto assistencialismo religioso e comunitário. Ribeiro também relatou casos de preconceito enfrentado por pessoas em situação de rua ao tentarem acessar espaços públicos carregando seus pertences.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (57)

Meu amigo poeta de bancada Massilon Ferreira, de Pão de Açúcar (AL), entra para o RankBrasil com o título de Maior Poema Épico Popular do Brasil. A obra *Padre Cícero: o homem, o mito, o santo*, publicada em 2024, possui 1.105 estrofes, 9.248 versos e 384 páginas, distribuídas em 11 cantos.

O poema reúne diferentes formas da literatura popular em versos, como décimas, sextilhas, galope à beira-mar, embolada, cordel, martelo agalopado, oito pés em quadrão e oitava-rima camoniana.

Inspirado na trajetória de Padre Cícero, o trabalho foi concluído em aproximadamente 90 dias e representa, para o autor, a realização de sonho e um legado para a literatura popular brasileira.

Massilon Ferreira é sócio correspondente da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, associação que comemora 50 anos com lançamento do livro *O último poema de Zé da Luz*, organização de Fábio Mozart e Sérgio Ricardo Santos.

A atriz Stela Maris Mariano, criadora da personagem Madame Preciosa, da Rádio Barata no Ar, receberá o troféu Violeta Formiga no dia 12 de setembro, no Café Energisa.

Stela mandou mensagem: “Quanta felicidade para mim e o meu público que tanto nos ama! Se amanhã deixar de existir, levo toda felicidade do mundo e todo prazer de caminhar com Fábio Mozart, meu diretor e produtor”.

Mulheres que tiveram câncer têm incentivo à autonomia econômica. É o que propõe projeto de lei na Câmara de Vereadores de João Pessoa.

A lei cria a Política Municipal de Incentivo à Reinserção Profissional e ao Empreendedorismo de Mulheres que tenham concluído tratamento oncológico.

Outro projeto institui diretrizes para o Programa Municipal de Incentivo ao Cinema Educativo para Todos, com a utilização de obras audiovisuais brasileiras como instrumento complementar de apoio às atividades pedagógicas desenvolvidas nas unidades da rede municipal de ensino.

A Câmara ainda lançou a campanha Não Deixe a Mentira Votar por Você. A campanha, que tem como objetivo incentivar escolhas livres, conscientes e baseadas na verdade durante as Eleições 2026, é uma parceria da Câmara, do TRE-PB e do Sintur.

Ao contrário do que possa parecer, não sou porta-voz dos vereadores de João Pessoa. Só tenho gosto em informar ações positivas, no meio de tantas besteiras e reacionarismos produzidos por boa parte dos parlamentares mirins.

“As ladeiras cansam muito o cidadão. Por isso, se eleito, vou tirar todas as subidas, só vão ficar as descidas” (Promessa de Sonsinho candidato).

“Há caras de muitos amigos e amigos de muitas caras” (Para-choque de caminhão).

“Nem no dia de sua morte o coveiro falta ao cemitério” (Para-choque de caminhão).

“A mulher que eu mais amo tem compromisso com meu pai” (Para-choque de caminhão).

Meu desgosto é saber que, quando morrer, não vou virar história. No máximo, uma anedota.

Quando alguém diz que é preciso aprender a se colocar no lugar do outro, o abominável Ameba vai e estaciona na vaga do deficiente.

Estou velho sem saber ser velho. Tem que aprender as artes da profissão.

O ser humano talvez não, mas o ser paraibano é outro nível!

NAS ELEIÇÕES

Fazendas de bots influenciam opinião

Polícia encontrou “fazenda de cliques” com ex-assessor de presidentes da Bolívia, da Argentina e de Honduras

Lucas Pordeus León
Agência Brasil

A polícia da Bolívia encontrou uma “fazenda de bots” ou “robôs”, conhecida também como “fazenda de cliques”, em endereço ligado ao marqueteiro digital Fernando Cerimedo, consultor político que trabalhou para presidentes latino-americanos. Ele foi preso acusado de tentativa de feminicídio em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia.

Cerimedo atuou como estrategista político em ambientes digitais de lideranças da extrema direita e da direita latino-americanas e assessorou os presidentes da Bolívia, Rodrigo Paz, da Argentina, Javier Milei, e de Honduras, Nasry Tito Asfura.

O empresário argentino Fernando Cerimedo ainda participou da campanha de desinformação contra o resultado da eleição de 2022, questionando, em audiência no Senado Federal, sem apresentar provas, a lisura da eleição brasileira.

Ao realizar buscas em endereço ligado ao ativista de extrema direita, o fiscal do departamento de La Paz, Luis Carlos Torrez Alarcón, afirmou que foi encontrada uma “mini-granja de bots”, ou seja, uma fazenda de cliques.

O argentino preso na Bolívia na última semana foi descrito pela revista *The Economist* como “o homem do Maga na América Latina”, em alusão ao slogan político do presidente dos Estados Unidos (EUA), Donald Trump, “Make America great again” (“Faça a América grande de novo”).

Fazendas de bots

Nesses casos, os chamados “bots” são sistemas automatizados usados para gerar curtidas, comentários e compartilhamentos, passando-se por pessoas reais, para impulsionar engajamento nas redes sociais. Uma fazenda de bots pode administrar milhares de perfis falsos para influenciar debates nas plataformas, especialmente em períodos eleitorais.

O jornalista e pesquisador Reynaldo Aragon, do Núcleo de Estudos Estratégicos em Comunicação, Cognição e Computação, explicou que as fazendas de bots são estruturas de contas organizadas e usadas para simular uma mobilização social espontânea.

“Muitas dessas contas repetem uma expressão e impulsionam uma hashtag, compartilham o mesmo conteúdo e interagem entre si em pouco espaço de tempo. Com isso, produzem artificialmente volume e velocidade nas redes sociais”, disse à Agência Brasil.

Alexandre Arns Gonzales, doutor em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB) e membro

do Direito à Comunicação e Democracia (DiraCom), explicou que as fazendas de bots são usadas porque os ambientes digitais dão visibilidade para os conteúdos que têm mais engajamento.

“Essas fazendas de cliques são utilizadas para tentar alimentar artificialmente essas métricas de visualização e engajamento, servindo de instrumento para fazer ataques ou defesas coordenadas de determinada conta, tema, assunto ou candidato”, explicou.

Engajamento artificial

O jornalista Reynaldo Aragon, que também é editor do portal Código Aberto sobre política e tecnologia, citou, como exemplo de impulsionamento por fazenda de bots, a disseminação de uma notícia falsa que repercutiu na eleição de 2018 e alcançou 30 milhões de usuários, prejudicando um dos candidatos presidenciais daquele pleito.

“A operação tenta dar impulso inicial para que aquele conteúdo alcance pessoas reais e atravesse os limites de uma rede artificial. Muitos desses bots conseguem, inclusive, dialogar com pessoas reais”, acrescentou Reynaldo Aragon.

Um caso emblemático citado pelo especialista Alexandre Arns Gonzales envolveu uma empresa na Tunísia que tentou influenciar diversas eleições em 10 países africanos. Em junho de 2020, o Facebook derrubou mais de 900 páginas ou contas ligadas a essa companhia.

“Aproximadamente 3,8 milhões de contas do Facebook seguiram uma ou mais dessas páginas, com quase 132 mil grupos administrados por operação e mais de 171 mil seguindo suas contas no Instagram”, informou o Laboratório DFR, que estuda desinformação e segurança digital.

Custo

Membro do Diracom, Alexandre Gonzales destaca que esse tipo de prática, como exige um grande número de equipamentos e celulares, requer uma alta mobilização de recursos financeiros, materiais e humanos, sendo uma prática comum em processos eleitorais e registrada nos relatórios de segurança das big techs. “A Meta e o Google caracterizam essas práticas como redes de comportamento inautêntico coordenado”, disse Alexandre Gonzales.

O especialista, que estuda o impacto da tecnologia em processos eleitorais, avalia que os planos de conformidade que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) passou a exigir das big techs pode ser uma ferramenta para identificar e denunciar indícios de fazendas de bots.

“Se essas fazendas de bots atacarem a lisura do processo eleitoral, os sis-



Uma fazenda de bots pode administrar milhares de perfis falsos para influenciar debates, especialmente em períodos eleitorais

temas de identificação de comportamentos inautênticos da Meta, do Google e do TikTok podem identificar e apresentar isso dentro do âmbito do plano de conformidade ou no âmbito do conselho que o TSE criou”, comentou Gonzales.

Para Reynaldo Aragon, especialista em guerra psicológica e plataformas digitais, o TSE não estaria tão preparado para enfrentar esse problema. Ele acrescenta que é provável que existam diversas fazendas de cliques no Brasil.

“Para combater esse tipo de manipulação, seriam necessárias investigações policiais ou de atores da sociedade civil. Não podemos contar com as plataformas porque isso significa regulação da informação circulante e eles não querem essa regulação”, comentou.

Procurado para comentar o tema, o TSE não retor-

nou até o fechamento desta reportagem.

América Latina

Em fevereiro de 2026, o marqueteiro digital Fernando Cerimedo ganhou o prêmio de “consultor político hispânico do ano”, da organização Latino Wall Street, em cerimônia realizada na residência do presidente dos EUA, Donald Trump, em Mar-a-Lago, na Flórida.

Cerimedo recebeu o prêmio das mãos do ex-deputado Eduardo Bolsonaro, condenado por coação no curso de processo judicial por ter articulado, junto à Casa Branca, o tarifaço contra o Brasil para evitar o julgamento por tentativa de golpe de Estado do pai dele, o ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado a mais de 27 anos de cadeia.

No Brasil, o argentino tornou-se conhecido em 2022. Logo após o segundo turno das eleições presidenciais, Cerimedo participou de uma transmissão ao vivo na internet, na qual sustentava que o resultado das urnas tinha sido fraudado.

O empresário e consultor político da direita latino-americana foi preso, na semana passada, por tentativa de feminicídio contra a

ativista e advogada boliviana Nadia Beller, que o acusa de ser o mandante do atentado contra ela.

No leito do hospital, Beller afirma que Cerimedo a convenceu a ir ao local do atentado, onde foi ferida por disparos de arma de fogo no pescoço, no tórax e no braço. A defesa de Cerimedo nega que ele esteja envolvido no caso, alegando que o cliente é vítima de uma armação política.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ficam convidados os Senhores Acionistas da empresa EMPRESA - EMPRESA DE PREMOL-DADOS S/A a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária (AGE) a realizar-se no dia 08 de setembro de 2026, às 10:00 horas, em sua sede social situada na Rua Severino Bento de Moraes, s/n, Funcionários II, João Pessoa - PB, a fim de deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia:

- a) Reforma Estatutária: Deliberar sobre a alteração do Artigo 36 do Estatuto Social da Companhia para permitir que membros não acionistas possam ser eleitos para compor o Conselho de Administração;
- b) Rerratificação de Autorização de Alienação Imobiliária constante do tópico 2 da ata da Assembleia Geral Extraordinária de 06 de maio de 2026;
- c) Eleição e Posse dos Órgãos Sociais: Deliberar sobre a eleição e posse dos membros do Conselho de Administração e da Diretoria Executiva da Sociedade para o novo triênio correspondente ao período de 2026/2029;
- d) Deliberar sobre a forma e validade de contratações da companhia, seja de natureza cível ou trabalhista;
- e) Outros assuntos: Assuntos correlatos e de interesse social geral da companhia.

João Pessoa - PB, 28 de agosto de 2026.

Documento assinado digitalmente

ANA MARIA DE MEDEIROS
Data: 27/08/2026 14:58:23 -0300
Verifique em <https://validar.jb.gov.br>

ANA MARIA DE MEDEIROS
Presidente do Conselho de Administração

EDITAIS ABERTOS

Salários podem chegar a R\$ 37 mil

Seleções oferecem mais de 4 mil vagas imediatas e cadastro de reserva para todos os níveis de escolaridade

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Da terra firme ao alto-mar, oportunidades de ingresso no serviço público oferecem mais de quatro mil postos de trabalho nesta semana, entre vagas imediatas e formação de cadastro de reserva. Na Zona da Mata paraibana, a Câmara de Riachão do Poço procura profissionais de todos os níveis de escolaridade para o preenchimento de cinco vagas. Já órgãos de outros estados nordestinos, como o Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5) e a Secretaria da Administração da Bahia (Saeb-BA), disponibilizam salários de até R\$ 37 mil, em busca de funcionários nos campos jurídico e de saúde.

Riachão do Poço

Na Paraíba, a Câmara Municipal de Riachão do Poço abriu um concurso para a complementação de cinco vagas no quadro de funcionários. Para todos os níveis de escolaridade, as oportunidades incluem os cargos de auxiliar administrativo, auxiliar de serviços gerais, motorista, redator de ata e vigia. De acordo com o edital, a jornada de trabalho de todos os postos envolve um expediente de 40 horas por semana.

Os salários variam de R\$ 1.621 a R\$ 2.500. Para se inscrever, o candidato deve acessar o portal da organizadora Ápice Consultoria até as 23h59 do dia 18 de setembro de 2026. A taxa oscila confor-

me a escolaridade exigida: R\$ 75 para nível fundamental, R\$ 85 para nível médio e R\$ 95 para nível superior.

Todos os estágios da seleção ocorrerão em Riachão do Poço. A todos os candidatos, será aplicada uma prova objetiva em 1º de novembro de 2026. Já os inscritos no cargo de motorista passam, também, por uma etapa prática, estipulada para 6 de dezembro de 2026. Com validade inicial de um ano, o concurso poderá ser prorrogado pelo mesmo intervalo de tempo.



Use o QR Code para acessar o edital da Câmara de Riachão do Poço

TRF de Pernambuco

Outra oportunidade de ingresso no serviço público destina-se a bacharéis em Direito. O TRF5, em Pernambuco, procura preencher 11 vagas e formar cadastro de reserva para o cargo de juiz federal substituto. Além de nível superior em Direito, a seleção requer pelo menos três anos de atividade jurídica, conforme as exigências estabelecidas no edital.

O valor do subsídio é de R\$ 37.765,55. As inscrições

ocorrem até as 16h do dia 28 de setembro de 2026, no portal da Fundação Getúlio Vargas (FGV), sob uma taxa de R\$ 350. Candidatos que se enquadram nos critérios necessários devem solicitar isenção até 1º de setembro de 2026.

Cinco fases integram o concurso: uma prova objetiva seletiva; provas escritas, divididas entre prova discursiva e elaboração de sentenças; sindicância da vida pregressa, investigação social, exames de sanidade física e mental e avaliação psicotécnica; uma prova oral; e uma avaliação de títulos. O calendário preliminar estipula a aplicação da prova objetiva seletiva em 29 de novembro de 2026, enquanto as provas escritas acontecem em 21 e 22 de fevereiro de 2027.



Use o QR Code para acessar o edital do TRF5

Administração da Bahia

Na Bahia, a Saeb-BA tornou pública uma seleção para profissionais da saúde no Corpo de Bombeiros Militar (CBMBA) e na Polícia Militar (PMBA) do estado. Ao todo, nas duas corporações, o órgão oferece 40

vagas. Entre as especialidades desejadas, as funções de médico emergencista e cirurgião-dentista apresentam a maior demanda, com 16 e 10 postos abertos, respectivamente.

Para todos os cargos, o edital determina uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. A remuneração inclui um salário de R\$ 1.810,30, acréscimo de uma gratificação de R\$ 5.900,16 e outras vantagens, em um valor total de até R\$ 9.973,34. Quem pretende participar do processo seletivo deve se inscrever na plataforma do Instituto AOCF até as 14h do dia 21 de setembro de 2026, por meio do pagamento de uma taxa de R\$ 190.

A seleção será composta por provas objetivas e discursivas, previstas para 17 de janeiro de 2027, na capital Salvador, seguidas por uma avaliação de títulos, de caráter classificatório. Depois da publicação do resultado final e da homologação do certame, os candidatos aprovados serão submetidos a exames pré-admissionais, como avaliação psicológica, teste de aptidão física e investigação social.



Use o QR Code para acessar o edital da Saeb-BA

Transpetro

Escolher entre postos em alto-mar ou em solo é uma opção para quem participar do processo seletivo da Petrobras Transporte S.A., a Transpetro. Quatro editais da empresa estão em andamento: dois para o quadro de terra, com cargos de nível médio e superior, e mais dois para o trabalho em mar, destinados a oficiais, suboficiais e guarnição. Foram divulgadas 281 vagas para admissão imediata e 3.890 para formação de cadastro de reserva, em um total de 4.171 oportunidades disponibilizadas.

No quadro marítimo, os postos compreendem auxiliares de saúde, condutores bombecedores e mecânicos, cozinheiros, eletricitas, moços de convés e de máquinas e taifeiros. O expediente terrestre, por sua vez, abrange os setores de análise de sistemas, engenharia e da saúde, entre outros. O quantitativo por cargo, polo de trabalho e modalidade de concorrência obedece aos critérios definidos nos editais.

Conforme o certame, os salários-base partem de R\$ 2.074,66 a R\$ 6.012,10, com remuneração mínima de R\$ 5.464 a R\$ 15.034,81, junto a vantagens como benefício educacional, plano de saúde e previdência complementar. As inscrições permanecem abertas até as 23h59 de 14 de setembro de 2026, no endereço da internet da Fundação Cesgranrio. As

taxas de inscrição vão de R\$ 81,50 a R\$ 117, a depender do cargo desejado.

A seleção envolve uma prova objetiva de conhecimentos gerais e específicos para todos os cargos, aplicada em 29 de novembro de 2026. Ela será realizada na localidade de preferência do candidato, entre os locais disponibilizados no edital, que abarcam as capitais de todos os estados brasileiros e o Distrito Federal. Haverá um exame adicional de aptidão física, com provas de corrida e natação, para os cargos marítimos e uma etapa discursiva voltada aos inscritos em funções jurídicas.

A admissão será em regime CLT. A contratação obedecerá a um período experimental de 90 dias, prorrogável com efetivação conforme o desempenho do funcionário. O prazo de validade dos processos seletivos é de um ano, sujeito à prorrogação uma única vez pelo mesmo período, a critério da Transpetro.

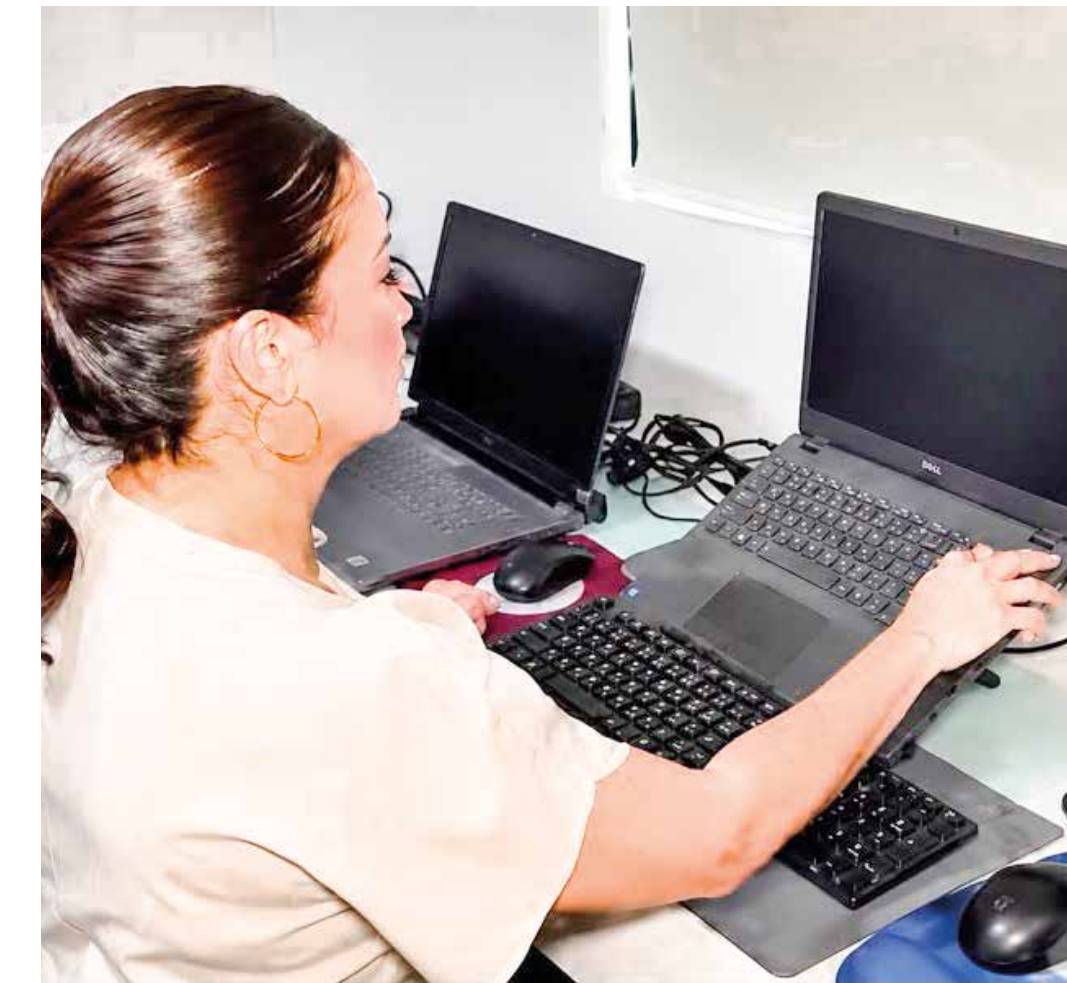


Use o QR Code para acessar o edital da Transpetro

Tecnologia exige curiosidade e aprendizado constante

A trajetória de Kelly Pereira na tecnologia começou há exatos 30 anos, mais por curiosidade do que por um plano profissional prévio. Da primeira formação como técnica em Processamento de Dados, ela se especializou nos campos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, de Redes de Computadores e de DevOps — um conjunto de metodologias de desenvolvimento de *software* e operações em tecnologia da informação (TI). Para Kelly, que concilia o mestrado profissional em TI com o trabalho na diretoria de tecnologia do Banco do Brasil, estudar faz parte da profissão.

“Não dá para trabalhar com tecnologia e acreditar que a formação termina quando recebemos um diploma. A tecnologia me conquistou justamente por ser uma área em constante transformação. É um campo em que nunca sentimos que sabemos tudo, porque sempre existe algo novo para aprender, um problema diferente para resolver ou uma tecnologia que muda a forma como fazemos as coisas. Foi essa combinação de desafio, aprendizado contínuo e possibilidade de resolver problemas que me fez permanecer na área. Também gosto muito de compartilhar



Segundo Kelly, embora o mercado ofereça várias oportunidades, ele está cada vez mais exigente

conhecimento, porque muitas vezes, quando você precisa explicar determinado assunto para outra pessoa, acaba aprofundando ainda mais o próprio conhecimento”, afirma.

Segundo a especialista, embora o mercado ofereça várias oportunidades, ele está cada vez mais exigente. Já não basta apenas

conhecer uma ferramenta ou ter um diploma. Quem está começando deve construir uma base sólida: entender fundamentos de redes, sistemas operacionais, segurança, programação e bancos de dados. “Mas também é importante não cair na ansiedade de querer aprender tudo ao mesmo tempo. Tecnologia é muito

ampla. É importante experimentar, descobrir aquilo de que você gosta e, a partir daí, construir uma especialização. Só não espere estar 100% pronto para começar. Muitas oportunidades aparecem justamente quando estamos dispostos a aprender durante o processo”, aconselha.

No entanto, além de en-

tender máquinas e sistemas, a tecnologia exige do profissional a habilidade de dialogar tanto com técnicos quanto com pessoas de outras áreas. Traduzir um problema para uma linguagem simples, capaz de facilitar a compreensão da situação, diferencia os candidatos a vagas no setor. Em um dia de trabalho, as atividades de um analista vão do acompanhamento de ambientes e incidentes à investigação e decisões conjuntas, como lembra Kelly.

“Infraestrutura e sistemas são áreas que muitas vezes trabalham nos bastidores, mas que precisam estar funcionando o tempo todo para que os demais

serviços possam funcionar também. Nem sempre existe uma rotina previsível, porque um incidente pode surgir a qualquer momento e exigir uma resposta rápida. A tecnologia muda muito rapidamente. Quem perde a curiosidade acaba ficando para trás”, avalia.

Oportunidade

Para analistas de sistema, o concurso da Transpetro oferece, ao todo, quatro vagas imediatas e 40 de cadastro de reserva. Os cargos exigem bacharelado ou licenciatura em Computação e Informática, Administração, Arquitetura, Arquitetura e Urbanismo, Astronomia, Bioquímica, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Economia, Engenharia, Estatística, Física, Geofísica, Geologia, Matemática, Meteorologia, Oceanografia, Oceanologia ou Química; ou curso superior, com carga horária mínima de duas mil horas, em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Banco de Dados, Gestão da Tecnologia da Informação, Redes de Computadores, Segurança da Informação e Sistemas para Internet. Assim como para todos os demais cargos de nível superior do certame, o vencimento básico é de R\$ 8.647,34, com remuneração mínima de R\$ 14.973,62.

Atenção

A área de TI vive em constante transformação, por isso os profissionais precisam estar sempre se atualizando e buscando novos conhecimentos

Foto: Arquivo pessoal

Selic Fixado em 5 de agosto de 2026 14%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial +0,66% R\$ 5,196	Euro € Comercial +0,1% R\$ 6,02	Libra £ Esterlina +0,27% R\$ 7,035	Inflação IPCA do IBGE (em %) Julho/2026 0,07 Junho/2026 0,16 Maio/2026 0,58 Abril/2026 0,67 Março/2026 0,88	Ibovespa 175.664,63 pt +0,3%
---	---	--	--	---	--	---

ENDIVIDAMENTO

Inadimplência no estado é a terceira menor do país

Quase 44% da população adulta da Paraíba têm pendências financeiras

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A Paraíba registrou a terceira menor taxa de inadimplência do país, em julho de 2026, segundo o levantamento mensal do *Mapa da Inadimplência da Serasa*. Apesar do resultado, 43,81% da população adulta do estado apresenta pendências financeiras. O cenário de endividamento é um problema comum a todos os estados do país, onde consumidores buscam alternativas para reorganizar as finanças e quitar as dívidas.

No contexto nacional, o valor médio devido por pessoa atingiu R\$ 6.987,23, enquanto o valor médio de cada fatura em atraso subiu para R\$ 1.683,70, com uma média de quatro débitos por Cadastro de Pessoa Física (CPF). No cenário nacional, o contingente de devedores saltou de 78,2 milhões para 83,9 milhões de pessoas em um ano — uma adição de 5,7 milhões de brasileiros com restrição ao crédito, elevando o montante total das dívidas no país para R\$ 586 bilhões.

Os débitos já comprometem as despesas essenciais. As contas básicas (água, luz e gás) respondem por 21,1% do total de pendências, situando-se logo atrás dos bancos e cartões de crédito (27,2%) e das empresas financeiras (19,9%). Mesmo com a limitação imposta pelo Governo Federal ao teto dos juros rotativos do cartão de crédito — que impede que a dívida ultrapasse o dobro do valor original —, o peso das instituições financeiras no montante de devedores permanece elevado.

A jornalista Beatriz Silva conhece, na prática, o impacto desse comprometimento da renda. As dívidas são recentes e, segundo ela, estão relacionadas principalmente às despesas do apartamento financiado, além das contas básicas de água, energia e internet e do cartão de crédito. “Meu salário é todo comprometido. Quando eu recebo, pago essas contas e não sobra 10 reais”, relata.

A situação agravou-se depois das despesas com a festa de aniversário de um ano da filha. Com a falta de margem financeira, criou-se um acúmulo que apareceu na fatura mais recente do cartão de crédito. Beatriz precisou parcelar uma cobrança de R\$ 2 mil em duas vezes. “Os juros do rotativo são bem altos. A fatura ficou em 2.704”.

Círculo vicioso

Para o economista e professor Cássio Besarria, a dinâmica de conceder novos limites logo após a regularização das pendências cria um círculo vicioso no orçamento das famílias. “Você renegocia dívidas e as pessoas voltam a ter acesso



No país, a dívida média por pessoa é de R\$ 6.987,23, e a de cada conta em atraso, R\$ 1.683,70

ao crédito. Daqui a pouco vem a Black Friday [sexta-feira de promoções] ou feirões de renegociação para que a população volte a se endividar. Tudo isso encontra famílias desorganizadas financeiramente, que não têm um planejamento e que pagam o preço desse tipo de escolha”, pontua o economista.

Besarria chama atenção ainda para o impacto das apostas esportivas (*bets*) na compressão do orçamento doméstico. “As

pessoas buscam caminhos curtos e acreditam em oportunidades de ganhos fáceis. A taxa de sucesso em uma aposta é infinitamente menor do que a de fracasso. Esse processo potencializa a desorganização, pois a pessoa deixa de pagar uma conta fixa de água, luz ou aluguel apostando na perspectiva de ter retorno financeiro. Tudo isso só se resolve com políticas profundas de educação financeira”, avalia.

Paraibanos renegociaram mais de R\$ 273 milhões em dívidas

Como resposta ao endividamento das famílias e das empresas, o programa Novo Desenrola Brasil encerra o período de adesão amanhã. A iniciativa oferece descontos de até 90% e parcelamento em até 48 meses para pessoas físicas, produtores rurais, estudantes e microempresas regularizam seus débitos.

Na Paraíba, dados do Banco do Brasil apontam mais de R\$ 273 milhões renegociados por meio das diferentes modalidades do programa. O maior volume foi registrado no Desenrola Empresas, com R\$ 107 milhões pactuados em 1.053 acordos, beneficiando 900 empreendedores. Já o Desenrola Fies renegociou R\$ 95 milhões em 1.316 contratos educacionais. As modalidades Desenrola Famílias e Desenrola Ampliado, juntas, somaram mais de 13 mil

acordos, enquanto o Desenrola Rural contabilizou R\$ 4 milhões em 610 operações.

Para tentar reduzir o peso das dívidas, Beatriz já recorreu ao saque-aniversário do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Agora, ela deposita no recebimento de uma dinheiro extra para aliviar sua situação financeira. “Eu espero que seja melhor no próximo mês, porque eu vou ter férias. Vou receber o salário com o terço de férias. Mas eu já estou pensando também que eu vou gastar esse dinheiro todo. Eu vou ter que poupar mais, com essas dívidas, com essas contas”, avaliou.

No âmbito nacional, segundo o Ministério da Fazenda, até 20 de agosto, o Desenrola Famílias havia renegociado 5,03 milhões de dívidas. O valor original dos débitos, que somava R\$ 26,33 bilhões, foi

“Tudo isso só se resolve com políticas profundas de educação financeira

Cássio Besarria

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Os desafios da Paraíba

O Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB) promoveu, na quinta-feira (27), na Ilha Tech, em João Pessoa, o lançamento do estudo *Paraíba: o paradoxo econômico da atualidade*, elaborado por sua Comissão de Conjuntura Econômica. O encontro reuniu autoridades, economistas e imprensa, e o trabalho — que analisa 18 indicadores econômicos e sociais dos 223 municípios do estado — foi amplamente elogiado pela qualidade técnica e pela coragem de mostrar, com dados, as duas faces da nossa economia. Assinam o estudo os economistas Paulo Galvão Júnior, Ruben Castedo Ramirez e Débora Alcântara, sob a gestão do presidente Werton Batista. Como economista, considero-o uma das contribuições mais relevantes do Conselho ao debate público paraibano.

E o que dizem os números? A Paraíba cresceu 6,6% em 2024 — o maior crescimento do PIB entre todos os estados brasileiros —, ostenta pelo terceiro ano consecutivo a nota máxima de crédito brAAA da Standard & Poor’s, tem o quinto melhor índice de liquidez fiscal do país e a terceira maior disponibilidade de caixa, com R\$ 4 bilhões. No Índice de Progresso Social e no Ranking de Competitividade dos Estados, ocupa a 11ª posição nacional e a liderança do Nordeste. A taxa de desemprego, de 5,4%, é a menor da região. São conquistas institucionais que reduzem o custo do crédito, atraem investimentos — como os R\$ 3,3 bilhões do Polo Turístico Cabo Branco — e criam as bases de uma nova etapa de desenvolvimento.

De outro lado, há fragilidades estruturais que não podemos maquiar. O PIB *per capita* de R\$ 24,3 mil é o antepenúltimo do Brasil; o rendimento médio do trabalhador, de R\$ 2.461, está entre os mais baixos do país; 47,5% da população vive em situação de pobreza; o índice de Gini, de 0,513, supera as médias nacional e nordestina; e o analfabetismo atinge 11,6% — terceira pior taxa do Brasil. A atividade econômica é espacialmente concentrada: apenas cinco municípios respondem por 53,4% do PIB estadual, enquanto 174 dos 223 são considerados fiscalmente insustentáveis. A balança comercial acumula déficits desde 2019.

Eis o paradoxo que dá título ao estudo: um estado com elevada capacidade de administrar recursos públicos, mas que ainda encontra dificuldade em converter essa capacidade em produtividade, renda e redução sustentável das desigualdades. Crescer, a Paraíba já demonstrou que sabe. O desafio da próxima década é transformar crescimento em desenvolvimento.

O próprio trabalho aponta os caminhos, e nisso reside seu maior mérito: não é um diagnóstico paralisante, é um convite à ação. Com contas enxutas e alta capacidade de pagamento, o Estado tem condições singulares de atrair capital privado para a atividade industrial, revitalizar e criar distritos industriais, ampliar a infraestrutura logística — com destaque para o Porto de Cabedelo —, internacionalizar o turismo e explorar as vocações do Sertão, dos laticínios ao têxtil. Educação, sobretudo, é a ponte obrigatória entre a solidez fiscal e a produtividade.

O Corecon-PB cumpre, com este estudo, sua missão mais nobre: aproximar a ciência econômica da sociedade e qualificar o debate com evidências. Que gestores públicos, empresários e academia o tomem como agenda. Mas fica, ao final, o desafio que resume todos os outros: a Paraíba precisa crescer por inteiro. Enquanto o dinamismo econômico depender, em grande medida, do crescimento da capital, o desenvolvimento será promessa — ele só será real quando interiorizar oportunidades e alcançar cada um dos 223 municípios. Porque, na lição do maior dos economistas paraibanos, Celso Furtado, crescimento sem inclusão não é desenvolvimento — e inclusão, num Estado como o nosso, também se escreve no mapa.

CONTAS PÚBLICAS

Dívida dos EUA supera US\$ 40 tri

Guerra, inflação e tarifas de importação geram máxima histórica, mas economistas rejeitam risco de insolvência

Lucas Pordens León
Agência Brasil

A dívida pública recorde nos Estados Unidos (EUA), que ultrapassou os US\$ 40 trilhões pela primeira vez na história, foi motivada, principalmente, pela redução de impostos para os ricos, pela inflação causada pela guerra no Oriente Médio – que pressionou o preço dos combustíveis –, e pelas tarifas à importação do governo de Donald Trump. A avaliação é de economistas consultados pela reportagem, que acrescentam como fatores para a dívida recorde: a manutenção dos elevados gastos militares, próximo a US\$ 1 trilhão, e o aumento dos gastos com juros da dívida, que chegou a US\$ 1,1 trilhão, montante que é mais que o dobro de 2021, quando os juros consumiram US\$ 419 bilhões dos contribuintes.

Entre as razões para o aumento dos juros, estaria a inflação causada pela guerra e o “risco Trump” motivado pela política agressiva da Casa Branca, que causa incertezas no mercado, como no caso do conflito tarifário com o Canadá. Os especialistas sustentam que essa política pressiona os juros cobrados pelos títulos do Tesouro estadunidense.

Apesar do número impressionante de US\$ 40 trilhões, que dobrou desde 2017, os economistas rejeitam que os EUA estejam em risco de insolvência, quando não se consegue pagar o que se deve. Além disso, alertam que a situação fiscal da potência econômica tende a pressionar o Brasil a manter as taxas de juros em nível elevado.



Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

Dólar fortalece capacidade dos Estados Unidos de administrar a dívida, já que o país emite a própria moeda e tem a principal reserva monetária do mundo

Análise

O professor do Instituto de Economia da Unicamp Pedro Paulo Zahluth Bastos destacou que o número de US\$ 40 trilhões não indica risco de insolvência, porque, entre outros motivos, os EUA emitem a própria moeda e têm o dólar como principal reserva monetária do planeta.

“Um governo assim não quebra contra a vontade. Se o mercado não quiser esses títulos ao preço corrente, o FED [Federal Reserve, o Banco Central dos EUA] pode comprá-los. Foi o que fez em 2020, quando expandiu o balanço em quase US\$ 3 trilhões em três meses. E foi o que fez entre 1942 e 1951,

quando travou o juro dos títulos longos em 2,5%”, explicou.

Após o anúncio da dívida pública recorde, a Secretaria de Tesouro dos EUA apressou-se em comunicar o aumento das operações para compra de títulos no mercado, que deve dobrar de US\$ 2 bilhões para US\$ 4 bilhões a partir de 9 de setembro.

O economista e doutor em História Pedro Faria ponderou à reportagem que o valor de US\$ 40 trilhões, em si, “não diz muita coisa” sobre a capacidade de pagamento dos EUA.

“A gente sempre compara com o tamanho do país e com a realidade econômica

ao redor. É uma realidade das principais economias desenvolvidas estarem em déficit desde 2008”, comentou Faria, que é associado ao Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Juros dos títulos sobem

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os títulos do Tesouro dos EUA são considerados o ativo “mais seguro” no mundo. Segundo o professor Pedro Bastos, ainda não há desconfiança no mercado em relação à capacidade de pagamento da dívida pelos EUA.

“Os estrangeiros conti-

nuam comprando. O que subiu foi o preço cobrado, não a recusa em comprar”, pontuou, acrescentando que dois terços da dívida no mercado estão em mãos domésticas nos EUA e US\$ 4,5 trilhões estão no próprio FED, o que reduz riscos de insolvência.

Além disso, US\$ 8 trilhões da dívida estão nas mãos do próprio governo, com US\$ 32 trilhões no mercado: “O mercado detém cerca de 100% do PIB em dívida, similar ao recorde de 106% de 1946, ao fim da Segunda Guerra”, acrescentou o especialista da Unicamp.

O único risco de calote dos EUA seria político, quando o Congresso se recusa a autori-

zar o aumento do teto da dívida, mas o professor Pedro Paulo Zahluth Bastos alertou também para o problema dos gastos crescentes com juros.

“O único risco ligado à dívida hoje é o de juros longos mais altos. Mas a causa imediata não é o tamanho da dívida, é a inflação, puxada pelo petróleo do conflito no Oriente Médio e pelas tarifas”, explicou.

Em apenas cinco meses, a dívida cresceu US\$ 1 trilhão, superando as expectativas de analistas. O Escritório de Orçamento do Congresso dos EUA (CBO) calculava chegar aos US\$ 40 trilhões apenas em 2027.

Corte de impostos para os mais ricos diminui arrecadação



Foto: Reprodução/The White House

A política econômica focada no corte de impostos para os ricos, adotada nos dois mandatos de Trump, motivou parte do aumento do endividamento ao reduzir a arrecadação, explicou o economista Pedro Faria.

“O Trump aposta nessa política característica dos republicanos, que é tirar a tributação dos ricos sob a justificativa de tentar expandir a economia. O que se vê é um aumento do endividamento dos EUA no segundo governo Trump, por conta dessa abordagem de política econômica”, explicou.

Em 2025, o governo do republicano aprovou projeto com mais corte de impostos para ricos que aumentaram a previsão do déficit dos EUA em US\$ 4,7 trilhões em 10 anos, ao mesmo tempo que cortou US\$ 1 trilhão da saúde pública nesse período.

O professor da Unicamp Pedro Bastos acrescentou que a menor tributação dos ricos nos EUA tem contribuído ainda para concentrar a renda do país, sendo a dívida recorde um sintoma do conflito pela distribuição dessa riqueza dentro dos EUA.

“A receita do imposto sobre lucros caiu 23% neste ano fiscal. Já os juros vão para quem tem títulos: fundos, bancos e as famílias mais ricas. O 1% mais

rico detém metade das ações do país”, comentou Bastos.

O especialista da Unicamp argumentou que os EUA não gastam demais, mas arrecadam de menos. A carga tributária nos EUA é de cerca de 25% do PIB, contra 34% na média da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne países entre os mais desenvolvidos do mundo.

Risco Trump

Para o especialista Pedro Faria, do Instituto Economias, o que pode preocupar o Tesouro dos EUA é a tendência, observada entre governos, Estados e empresas em todo o mundo, de reduzir o uso de títulos dos EUA como opção para manter a liquidez da economia.

“Diversos governos têm reduzido o estoque de títulos dos EUA, como Brasil e China. Isso porque veem a política econômica da Casa Branca como errática e não muito racional. Os agentes econômicos têm medo de se expor a sanções ou ter os ativos congelados, como ocorreu diversas vezes”, comentou.

Para o economista da Unicamp Pedro Bastos, os juros mais altos cobrados pelos títulos dos EUA é a resposta do mercado aos ataques do governo Trump aos pilares que dão

confiança a esses papéis: um FED autônomo, tribunais judiciais independentes e aliados sendo tratados como aliados.

“Por exemplo, o uso do acesso ao mercado americano como chantagem [tarifas]. Os bancos centrais compram ouro em ritmo recorde desde 2022 por isso, não pelo tamanho da dívida. Se a dívida um dia virar problema, não será por chegar a US\$ 40 trilhões ou US\$ 50 trilhões. Será porque a política destruiu o que a tornava desejada”, completou.

Para o especialista, é o “risco Trump” que pressiona o rendimento dos títulos públicos de 30 anos dos EUA, que alcançaram 5,33% em 18 de agosto, o maior nível desde 2007. Esse nível de juros dos títulos longos é o que pressiona os gastos com a dívida do país norte-americano.

Apesar dos juros mais altos cobrados pelos títulos de longo prazo do Tesouro dos EUA, Bastos avalia que o mercado segue investindo nos papéis do Estado do país norte-americano.

“A China reduziu o estoque de títulos dos EUA de US\$ 1,3 trilhão, em 2013, para US\$ 700 bilhões, e nada aconteceu. O dólar ainda responde por 57% das reservas mundiais, o euro por 20% e o yuan por 2%”, ponderou.

Presidente acredita que retirar tributos sobre lucros ajuda a expandir a economia

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Painel debate Super El Niño nas regiões da PB

Evento contou com a presença de professores, estudantes, gestores e técnicos

A Paraíba vai enfrentar os efeitos do chamado “Super El Niño”? Essa é a pergunta que atravessou o “5º Painel Paraibano de Mudanças Climáticas” ao longo de sua passagem pelo Sertão, em Sousa; pela Borborema, em Monteiro; e pelo Agreste, em Campina Grande. Em cada região, o debate partiu das características, desafios e vulnerabilidades locais, trazendo para o centro da discussão uma reflexão sobre como os efeitos das mudanças climáticas podem se manifestar de diferentes formas no território paraibano. Agora, o painel chega à sua etapa final, na Mata Paraibana, em João Pessoa. Promovido pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities-PB), o painel nasceu com a proposta de discutir o clima e levá-lo para as regiões do estado mais afetadas pelo fenômeno, reunindo secretários estaduais e municipais, técnicos, professores, estudantes e *startups*. Em cada etapa, a lógica se repete: trazer para perto da população os dados que normalmente ficam restritos a relatórios técnicos e trazer para perto da gestão pública as dúvidas e urgências de quem vive o clima na prática, no dia a dia.

A edição deste ano teve como tema a chegada do Super El Niño e seus impactos sobre regiões historicamente castigadas pela seca. Técnicos da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa) chamaram atenção para a urgência da arborização urbana diante do calor crescente — uma pauta que, segundo eles, precisa alcançar também os pequenos municípios, historicamente deixados fora desse tipo de planejamento — e para os riscos da má gestão de resíduos sólidos na emissão de gases de efeito estufa, um problema que cresce junto às cidades do interior. Também entrou em discussão o avanço da desertificação e da aridez do solo na região, processo que

compromete diretamente a produção agrícola e amplia o risco de perda de cultivos justamente nas áreas que mais dependem da agricultura familiar.

Outro ponto colocado durante as discussões foi a segurança da oferta hídrica como o assunto mais urgente para o semiárido paraibano. Quem participou dessa conversa de forma ativa foram os estudantes, perguntando diretamente aos gestores públicos. Para a aluna Beatriz Jansen, do 2º ano da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) José Leite de Souza, o encontro rendeu mais do que informação. “Foi um evento muito organizado, muito interessante, que trouxe muito conhecimento e aprendizado. A temática mais abordada foi o fenômeno do El Niño e a preocupação de como as autoridades vão lidar com ele, se já existe um plano para mitigar os impactos e ajudar a população a sofrer menos”, afirmou.

De acordo com o professor de Sociologia Victor Almeida, o momento foi essencial para o aprendizado dos estudantes. “Um dos pontos altos foi trazer os secretários e disponibilizar esse espaço de fala para os alunos, para eles poderem se expressar, perguntar, ver ali um gestor público. Às vezes, eles nunca tiveram esse contato antes”, contou. Além disso, o painel também mostrou os desdobramentos e resultados ao longo dos anos. Como consequência de uma palestra sobre crédito de carbono em Monteiro, o projeto socioambiental da escola teve uma nova ferramenta incorporada. Hoje ele reúne apicultura, compostagem e um viveiro de mudas nativas do bioma da região, com apoio da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O setor produtivo também teve espaço. *Startups* que atuam com neutralidade de carbono no Cariri paraibano aproveitaram o encontro para apresentar projetos a gestores públicos

e instituições de ensino.

Impactos do Super El Niño

Uma das principais palestras do painel foi “O Super El Niño e suas consequências para nossa mesorregião”, do professor Dr. John Cunha, da UFCG. Ele traçou um panorama da atual condição de seca no Nordeste e alertou para a necessidade de atenção redobrada nos próximos meses. “Aumentamos a resiliência humana com infraestrutura e recursos, mas o nosso meio ambiente está cada vez mais degradado, e a capacidade dele de absorver eventos como este está cada vez mais reduzida. Isso significa que vamos precisar de cada vez mais investimentos para atenuar os problemas ambientais que nós mesmos estamos causando”, pontuou.

A professora Rachel Torres, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), levou estudantes dos cursos de Engenharia da Computação e Tecnologia em Telemática para acompanhar o evento e comentou sobre a importância dessa discussão. “O painel trata de mudanças climáticas, um tema que foi incorporado recentemente à Política Nacional de Educação Ambiental, atualizada em 2025 para incluir questões emergentes como essa. Para a minha disciplina, o evento ajuda na curricularização justamente desse conteúdo. Foi muito importante trazer os estudantes para essa troca entre sociedade e gestão pública, algo totalmente relacionado ao futuro deles como profissionais mais conscientes. Os cursos de tecnologia podem contribuir muito com a produção e a disseminação desses dados, e eu também aprendo com eles nesse processo”, explicou.

Energia, gestão e ciência

Além dos alertas sobre a seca e o calor, a etapa Agreste também reservou espaço para debater soluções. O professor

Dr. Joaci Cerqueira, do IFPB Campina Grande, tratou dos impactos das energias renováveis na região, mostrando que a discussão sobre o Super El Niño não parou só nos riscos: também passou por caminhos possíveis de adaptação, com a energia limpa como parte da resposta ao fenômeno.

Ainda na etapa Campina Grande, o professor Dr. José Rodrigues, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus Bananeiras, apresentou resultados de sua pesquisa sobre a aplicação prática da tecnologia social Siriema, voltada à agricultura familiar e desenvolvida pelo Instituto Nacional do Semiárido (Insa).

O evento encerrou-se em Campina Grande, com a palestra do professor Dr. Abraão Ribeiro Barbosa, da UFPB, Campus Areia, que discutiu as implicações da adaptação biológica das espécies diante do aumento da temperatura, associada às mudanças no uso do solo. Ele levou um lembrete de que as mudanças climáticas não afetam só quem planta ou quem gere água, mas todo o equilíbrio do ambiente ao redor.

Depois de passar por Sousa, Monteiro e Campina Grande, o “5º Painel Paraibano de Mudanças Climáticas” chega à reta final com a etapa Mata Paraibana, que acontecerá nos dias 9 e 10 de setembro, na Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba (Espep), em João Pessoa, que encerra a edição deste ano.

■
Na ocasião, *startups* também apresentaram seus projetos ligados à neutralidade de carbono no Cariri paraibano

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secities.pb.gov.br

Bowie e o horizonte de eventos

Em 1969, dias antes da chegada do homem à Lua, David Bowie lançou a história de Major Tom, um astronauta que perde o contato com a base de controle e segue à deriva, cada vez mais distante, sem jeito de voltar. A canção fez sucesso justamente pelo tom de despedida: não é uma explosão dramática, é um afastamento silencioso, sem volta. Décadas depois, a física teria um nome preciso para o que aconteceu com o Major Tom: ele atravessou um horizonte de eventos.

Mas o que, afinal, é um horizonte de eventos? É uma fronteira matemática: o raio a partir do qual a velocidade de escape de um objeto ultrapassa a velocidade da luz. E como nada no universo viaja mais rápido que a luz, nada que cruzar essa fronteira consegue voltar. Quem passa do horizonte de eventos não manda mais notícia: nem matéria, nem informação, nem um sinal de rádio pedindo socorro escapa dali.

Esse raio tem nome: raio de Schwarzschild, em homenagem a Karl Schwarzschild, físico alemão que resolveu as equações de Einstein para um corpo esférico em 1916, ainda nas trincheiras da Primeira Guerra. Para o Sol, esse raio é de cerca de 3 km. Se toda a massa solar fosse comprimida num raio menor do que dessa medida, ele se tornaria um buraco negro. É esse limite que determina se uma estrela tem, ou não, condições de se transformar em um buraco negro no futuro. O horizonte de eventos não é onde a matéria “acaba”, é onde o próprio conceito de retorno deixa de fazer sentido. Quem cruza essa linha não desaparece; simplesmente não tem mais como voltar.

Podemos falar, então, da precisão quase profética de um artista. Décadas depois, Bowie voltaria ao tema com rigor quase técnico em seu último álbum, lançado em janeiro de 2016, no dia do seu aniversário de 69 anos: “Blackstar”. Dois dias depois, ele morreria, vítima de um câncer mantido em segredo. “Blackstar” não é só uma imagem poética, é também um termo real da física teórica, que descreve uma estrela tão comprimida que, vista de fora, se comporta quase como um buraco negro: prende a luz, distorce o espaço ao redor, mas, segundo certos modelos que levam em conta efeitos quânticos, nunca chega a completar o colapso que a transformaria, de fato, num buraco negro.

Ela se aproxima do horizonte de eventos sem jamais cruzá-lo: é uma estrela que insiste em ficar no limite. Está perto, mas não tem massa suficiente; sem se entregar à singularidade, ela não vira um buraco negro. Difícil imaginar metáfora mais exata para um artista compondo, em segredo, a trilha sonora da própria morte. Um corpo que se aproxima do ponto sem retorno, mas segue emitindo luz até o último instante.

A comunidade científica, por acaso ou por afeto, devolveu a gentileza. Em janeiro de 2015, um ano antes de sua morte, um asteroide descoberto em 2008, recebeu oficialmente o nome de “342843 Davidbowie”. E, dias após o seu falecimento, astrônomos amadores belgas, em parceria com uma rádio de Bruxelas, registraram um agrupamento de sete estrelas em forma de raio, o mesmo estampado no rosto de Bowie na capa de *Aladdin Sane*. Não é uma constelação oficialmente reconhecida pela União Astronômica Internacional, mas um gesto simbólico que, ainda assim, ficou visível no céu de Marte.

Major Tom nunca voltou. Mas o homem que o inventou conseguiu deixar um pedaço de si logo ali, na fronteira entre o que se pode ver e o que se pode alcançar, que, no fim, é uma boa definição tanto de horizonte de eventos quanto de legado.

“Pó és, e ao pó tornarás”, diz, em uma tradução livre, Gênesis (3:19). A física concorda, mas expande a frase: as estrelas, quando morrem, devolvem seu pó ao espaço, para que ele vire outras estrelas, outros planetas, outros corpos, os nossos corpos, inclusive. Bowie sabia disso antes de qualquer diagnóstico: já cantava sobre poeira estelar quando ainda usava o nome de “Ziggy”.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

Foto: Divulgação/Ascom Secities-PB



Discussões contribuíram com a formação e conhecimento dos estudantes sobre mudanças climáticas e outros temas relacionados

SOBRE A CANA-DE-AÇÚCAR

Ação promove educação ambiental

Projeto trabalha de forma interdisciplinar com diferentes temáticas que envolvem a produção sucroalcooleira

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Entre os cerca de 28 alunos que fazem parte do 5º ano da Escola Dr. José Hardman, no município de Camutanga, em Pernambuco, Luís Oliveira, esperto, olhava interessado para a apresentação sobre a cana-de-açúcar, sua estrutura, suas características, as melhores formas de plantio, como fazer e cuidar de uma muda. Era o primeiro encontro do projeto Energia Doce do Saber por aquelas bandas. O professor do Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional (CTDR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Hebert Henrique, idealizador e coordenador do grupo, apresentava às crianças também outros conhecimentos. O docente falou dos mecanismos que fazem com que a cana-de-açúcar produza energia — nesse caso, o etanol — e a importância de ele ser um biocombustível.

“Aprendi que a cana pode ser transformada em açúcar, álcool”, coloca empolgado Luís, de 10 anos. “E, do álcool, pode-se fazer um combustível biodegradável, chamado ‘etanol’. Ele é melhor que a gasolina, porque tem origem vegetal e não vem de fósseis, do petróleo. Aprendi também a como plantar uma cana e como são chamadas partes da cana, como o nó, a gema, que é o que faz a sementinha, que faz ela crescer. Aprendi muitas coisas”, finaliza o garoto.

A aula poderia ser facilmente identificada como de Ciências, falando de energia, ou até de Biologia, sobre a estrutura vegetal da planta. No entanto, ela faz parte do projeto que tem por objetivo trabalhar de forma interdisciplinar questões ambientais a partir de situações vinculadas à produção da cana-de-açúcar. “Quando a gente fala do próprio nome — ‘Energia Doce do Saber’ —, o que é energia? A energia desse projeto é o biocombustível. O doce é o açúcar. E o saber é que vão saber o que é a energia e o doce. Então, a gente foca nessa questão do biocombustível”, explica o coordenador do projeto. As ações didáticas acontecem justamente em escolas localizadas nos entornos de usinas sucroalcooleiras



Fotos: Divulgação/Projeto Energia Doce do Saber

Atividades acontecem em escolas localizadas no entorno de usinas de Pernambuco e da Paraíba

Parcerias com empresas fortalecem a iniciativa

Além de Camutanga, em Pernambuco, outro município abraçado pelo projeto é Mamanguape, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Lúcia, localizada na fazenda Monte Alegre, onde fica a usina de mesmo nome, local pioneiro na execução do projeto. Se, em Camutanga, o projeto teve apenas um encontro, no caso de Mamanguape, ele completará um ano de existência no mês de setembro. Geralmente, são escolas que recebem algum tipo de apoio ou têm parceria com as usinas para custear estrutura, material e pessoal.

Nesses casos, o grupo fecha parceria com a escola, mas também com a própria usina, que pode ajudar com recursos variados. A gerente de Recursos Humanos da Usina Monte Alegre, Cíclia Gonçalves, explica o que chamou atenção da empresa. “A gente se interessou por ser um projeto fantástico com relação a matéria-prima, meio ambiente e educação das crianças da nossa escola, da nossa comunidade, sobre a importância da

preservação do meio ambiente, de que a usina não seria uma empresa apenas produtora de açúcar, etanol e energia, mas que, com os resíduos dela, a gente consegue transformar em outras coisas, são reutilizados”, destaca.

Além do acompanhamento local com encontros mensais, ao fim de cada ciclo, os estudantes são convidados a fazer uma vivência de um dia na universidade. “Amaram conhecer realmente todo o processo universitário. Eu acho que é um projeto que prepara todo mundo, a comunidade em si, os alunos quando chegam em casa comentam com os pais sobre a importância do meio ambiente, o orgulho de alguns que são filhos de trabalhadores rurais, de saber da importância do pai dele no posto de cana, no plantio, todo esse cuidado. Eu acho que o projeto foi tão bem realizado que, hoje, não só está aqui conosco, está em outras unidades”, põe Cíclia. A terceira localidade em que o projeto se insere é na Escola Municipal Enéas Possidônio, em parceria com a Destilaria Tabu e o Instituto Philippe Meeus, em Caaporã. No

total, são cerca de 100 crianças e adolescentes impactados, e ainda há outras escolas em lista de espera.

Metodologias

A apresentação da cana-de-açúcar foi uma forma de tratar da questão dos biocombustíveis e de como pode ser utilizada como matéria-prima. No entanto, há outras abordagens e referências com o universo da produção sucroalcooleira que podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica. Por exemplo, é possível falar da água como recurso essencial, uso consciente, de como a água é utilizada no processo da usina, como a água é tratada, como não desperdiçar, utilizando recursos como maquetes de filtragem de água e músicas sobre o tema.

Outra abordagem pode vir a partir da ideia de “lixo” como “resíduo”, ou seja, como algo que se consegue aproveitar. No caso das usinas, a maior parte de resíduos são o bagaço da cana-de-açúcar. “Dentro da cadeia produtiva, a gente precisa entender que existe um aproveitamento. Como é que a gente fala do aproveitamento do bagaço de

na Paraíba e em Pernambuco, cujos trabalhadores e trabalhadores são geralmente os pais e as mães dos alunos.

“O projeto teve um encontro agora, foi um momento que nós tivemos e foi bem proveitoso, os alunos gostaram bastante, tendo em vista que a nossa região, o nosso município é totalmente voltado para isso, para a fabricação de cana-de-açúcar, então tem tudo a ver”, dialoga a professora do 5º ano, Mirele Silva. “Uma coisa tem a ver com a outra. E eles aprenderam bastante coisa. O professor foi bem dinâmico na proposta que trouxe de início, eles receberam muito bem”, ressalta. No espaço, ela lembra que houve ainda um momento de plantio de sementes, que deverão ser acompanhadas ao longo do desenvolvimento do projeto no local.

A ideia é também que as crianças e adolescentes, geralmente filhos de trabalhado-

res de diversas áreas dentro das usinas, possam aprender mais sobre o meio ambiente, a partir de um universo que já é de seu conhecimento dentro de casa — a partir daquilo que é familiar e comum, falar de temas mais complexos e relacionados à própria escola. Também é uma forma de aproximá-los do trabalho dos pais e de gerar interesse em fazer parte futuramente do grupo de colaboradores das usinas.

■
Energia Doce do Saber desperta a consciência ambiental dos estudantes, provocando mudanças de pensamento e atitude

cana? A gente faz artesanato, a gente faz vasos biodegradáveis, a gente faz chaveiros, a gente faz portas de retrato, a gente faz uns vasos chamados de ‘cápsulas’, que são biodegradáveis. Então a gente mostra que esse aproveitamento desse resíduo pode ser feito também na casa deles com a utilização do que a gente consegue ensinar”, coloca o professor Hebert.

Os pais reconhecem que o comportamento das crianças muda com o projeto, influenciando a própria família e a própria casa onde moram. Em alguns momentos, pais relataram que uma criança havia ficado tão interessada no tema a ponto de ficar de olho em casa se a mãe ou o pai estava lavando a louça. “O tio falou que não podia deixar a torneira ligada”, afirmava o jovem. Em outro caso, Hebert havia colocado que quem desperdiçava água se tornava “criminoso” contra o meio ambiente. Munida do aprendizado, outra criança chamou o pai também de “criminoso” ao deixar uma torneira aberta.

“Primeira coisa, há a mudança da percepção. O aluno deixa de enxergar o re-

síduo como lixo. Ele já não fala mais na questão de lixo. Outro ponto fundamental é a consciência ambiental. Ele consegue compreender essa questão dos impactos, do descarte inadequado, a importância do uso responsável do recurso natural. A gente mostra também que tudo isso envolve a economia. Então a gente ensina para eles que esses materiais provenientes da produção podem retornar ao processo e gerar lucro”, aponta o coordenador.

“A educação ambiental é aquela coisa que a gente não pode focar somente em preservar o meio ambiente, mas a gente tem que fazer com que eles tomem decisões. Tomem decisões em melhorar sobre a água, tomar decisões em melhorar sobre a energia, tomar decisões em melhorar o consumo, tomar decisões hoje com essa questão de resíduos”, finaliza Henrique.

Possibilidade de produção de biocombustíveis é outro tema abordado durante os encontros



Walter aprovou o projeto do Cruzeiro e está confiante em levar o clube à Primeira Divisão do futebol da Paraíba neste ano



SEGUNDA DIVISÃO

Cruzeiro aposta no futebol de Walter

Projeto do time de Itaporanga, o seu 26º clube na carreira, seduziu o jogador que está confiante no acesso à 1ª Divisão

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A Segunda Divisão do Campeonato Paraibano terá uma grande atração. O atacante Walter, aquele mesmo, que jogou por Internacional, Fluminense, Goiás e vários outros clubes do futebol brasileiro, é o grande nome do ataque do Cruzeiro de Itaporanga para a competição de acesso deste ano. A Raposa do Vale vai em busca de retornar para a elite do futebol paraibano. O clube não disputa a Primeira Divisão desde 2013.

Um dos trunfos que o Cruzeiro de Itaporanga quer ter em campo, e fora dele, é o seu novo camisa 9. Aos 37 anos, Walter vai para o seu 26º clube na carreira. O jogador, que chegou a ser um dos principais atacantes da Série A do Campeonato Brasileiro, teve uma carreira de altos e baixos.



Walter jogou no Santa Cruz (E) e Fluminense (D), mas o excesso de peso não ajudou muito e não teve sucesso nos clubes

Foto: Rafael Melo/Santa Cruz

Destacou-se tecnicamente em alguns clubes e sempre demonstrou qualidade. Mas lutou em grande parte da sua trajetória contra a balança. Acima do peso em vários momentos do seu caminho no futebol, teve sua carreira prejudicada fisicamente por conta disso. E foi perdendo cartaz no mercado da bola a cada ano que passava, em especial depois de sua passagem pelo Porto, de Portugal, de 2010 a 2011.

O jogador já revelou em entrevistas que sua dificuldade com o peso vinha da ansiedade e de traumas de infância no bairro do Coque, em Recife, o que gerou uma compulsão por comer doces e besteiras antes de dormir. Por outro lado, tinha receio de ficar muito magro e perder a sua característica de jogo, que aliava força física e uma rara técnica mesmo com alguns quilos a mais.

Grande fase

Após surgir bem no Internacional e ser vendido para o Porto, como uma grande promessa do futebol brasileiro, Walter acabou não rendendo o esperado quando era jovem. Mas voltou ao país e colecionou boas passagens por Goiás, Fluminense e Athletico-PR. O problema sempre foi o sobrepeso. Que lhe prejudicava fisicamente, mas que também era parte de um tipo de jogador que conseguia, mesmo assim, entregar tecnicamente.

“Eu até hoje recebo muito carinho nas ruas por conta da minha carreira. São 21 anos de carreira. Não foi algo do dia para noite. Chega um momento que a idade chega. Eu falo muito para os jovens para guardar dinheiro para não gastar tudo. O tempo passa”, analisa o centroavante.

Doping

Em 2018, o jogador, que passou a ser folclórico por conta de sua história e do seu carisma, passou por seu pior momento na carreira. Vestindo a camisa do CSA, o atacante testou positivo para substância proibidas e foi pego no exame antidoping na partida contra o Brasil de Pelotas em julho daquele ano pela Série B do Campeonato Brasileiro.

Foram flagrados em seu exame o uso anterior de Furosemida (diurético) e sibutramina (substância ligada a remédios para emagrecer). O atleta acabou sendo julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva Antidopagem (TDJA) e, inicialmente punido por um ano, teve a pena ampliada para dois anos, ficando fora dos gramados forçadamente até 2020, atuando apenas em jogos amadores.

Andarilho

Especialmente de 2022 para cá, Walter passou a ser um andarilho da bola. Apenas os clubes menores do país, alguns até tradicionais, passaram a ver o atacante como uma boa ideia para seus elencos. Passou por Goiânia, Afogados-PE, Pelotas, São Borja-RS, Rolim de Moura-RO, Guarany-AL, Tupy-GO, Aquidauana-MS, Aquidauanense-MS, Atlético-BA e, agora, no Cruzeiro de Itaporanga.

No ano passado, o jogador surpreendeu a todos com fotos e vídeos divulgados em suas redes sociais onde apareceu bastante magro. Walter adotou uma dieta restrita e conseguiu sair de 134 kg para 95 kg em maio de 2025. Isso ocorreu pouco tempo depois de, mais uma vez, o noticiário sobre o atleta destacar o sobrepeso do jogador quando atuou em 2024, no Rolim de Moura-RO. Mesmo assim, o futebol já não estava empolgando tanto o jogador.

“Eu estava triste no futebol. Minha ideia era terminar a carreira neste ano porque já passei por coisas que não precisava passar.

Se eu estou em um clube, prometem algo e não entregam, eu saio logo. Mas no Cruzeiro tem sido diferente. O clube está com uma estrutura bacana, que respeita o jogador”, revelou.

Walter na Paraíba

O centroavante agora faz um caminho feito por vários atletas que destacaram no mais alto nível do futebol brasileiro, como Nélito, Léo Moura, Felipe, Warley, Geovani, Henágio, Alan Bahia, e, próximos ao fim da carreira, desembarcaram no futebol da Paraíba.

Em 2026, Walter já atuou por outros três clubes: Atlético-BA, Aquidauanense-MS e Tupy-GO. Pelo Cruzeiro de Itaporanga vai em busca de mais um título ou, pelo menos, de mais um acesso no futebol brasileiro.

“O mais importante não é o Walter marcar gols e sim o Cruzeiro subir. Eu tenho certeza que vou buscar meu espaço fazendo gols, que é o que sei fazer, mas sou um cara que gosta de tocar a bola para os meus companheiros, não sou fominha. Meu foco maior é colocar o Cruzeiro-PB na Primeira Divisão”, destacou o atacante.

Sobre fim de carreira, Walter diz que não quer pensar nisso agora. E revela que quer ficar mais tempo na Paraíba. “A minha empolgação com o Cruzeiro é com o projeto que eles me passaram. Orei a Deus e ele me abriu esse caminho. O projeto aqui não é apenas para o Walter jogador, mas para o Walter que possa ter outra função também no Cruzeiro. Mas estou muito focado no meu campeonato porque pode ser, sim, meu último clube como jogador”, finalizou o atacante.



Foto: Reprodução/X

SELEÇÃO FEMININA SUB-20

Brasil disputa o Mundial na Polônia

Competição começa no próximo dia 5 e, na 1ª fase, as brasileiras vão enfrentar Tanzânia, Inglaterra e Canadá

A Seleção Brasileira feminina sub-20 já está na Polônia, sede da Copa do Mundo da categoria, que será disputada de 5 a 27 de setembro. Nestes primeiros dias, a delegação está hospedada na cidade de Cracóvia, onde iniciou o período de preparação para o Mundial. Em entrevista à CBF TV, a técnica Camilla Orlando explicou a importância de ter esse período de preparação no país-sede da Copa do Mundo.

Técnica
Camila Orlando destaca a preparação do elenco e vê escolas diferentes em relação aos adversários do Brasil na primeira fase do Mundial, que vai de 5 a 27 de setembro

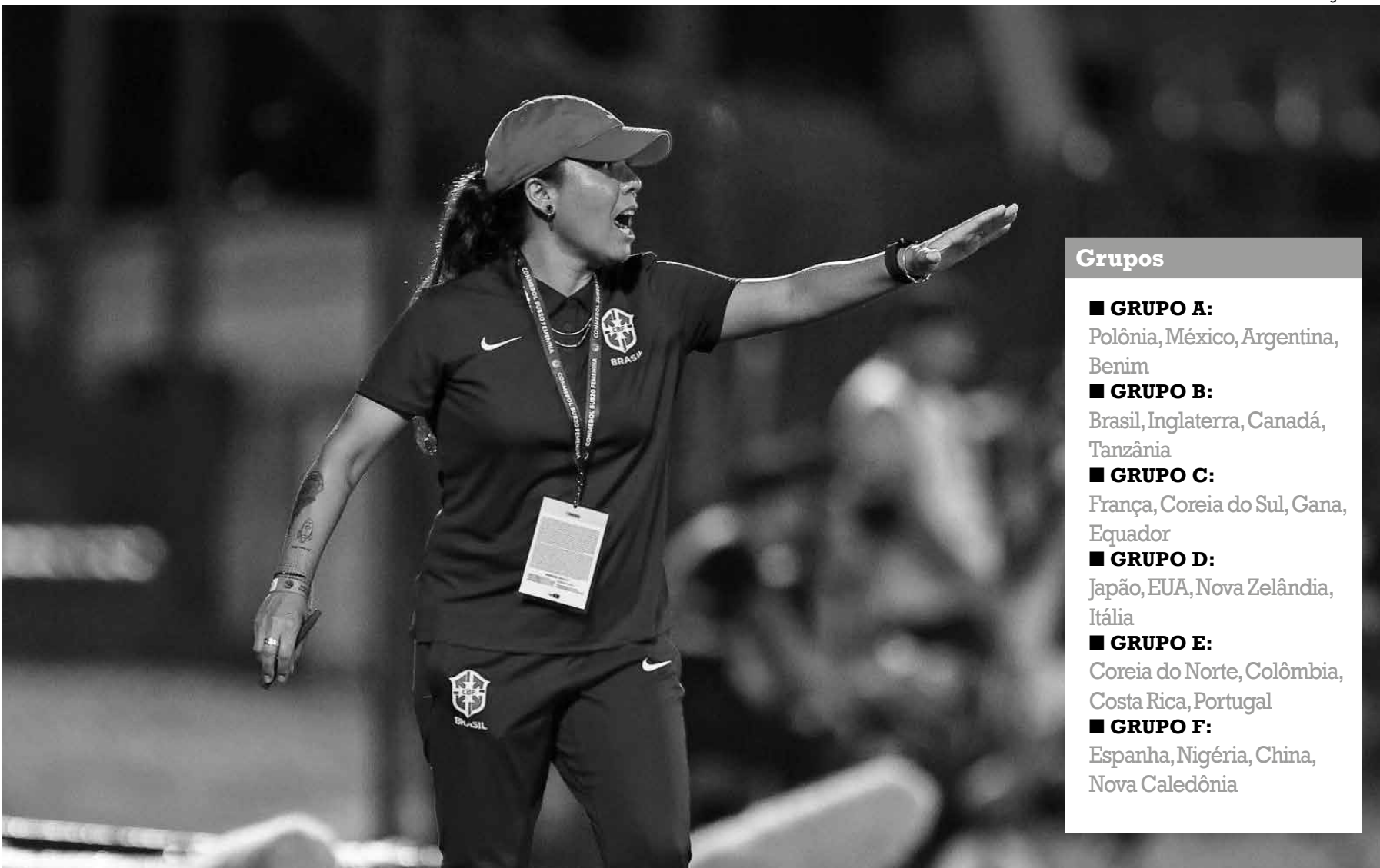


Foto: Staff Images/CBF

A técnica Camila Orlando vê vantagem em chegar mais cedo à sede do Mundial, na questão de adaptação ao fuso horário e ao tempo meteorológico

“Chegar antes no país-se de tem algumas vantagens. A principal delas é a adaptação ao fuso horário e ao tempo meteorológico, além de começarmos a sentir o clima de Mundial antes do início da competição, o que ajuda a tirar um pouco da tensão e do estresse da estreia”, disse. A Amarelinha realizou uma extensa preparação sob comando da técnica Camila Orlando. Em amistosos, enfrentou México, Argenti-

na, Paraguai, Estados Unidos, Finlândia, Coreia do Sul e Portugal. A equipe ainda foi campeã do Sul-Americano no começo deste ano, confirmando a classificação para o Mundial. Hoje, a Seleção segue para Bielsko-Biala, onde disputará seus primeiros jogos no Mundial. O Brasil está no Grupo B, ao lado de Inglaterra, Canadá e Tanzânia. Os três confrontos na fase de grupos serão sempre às 10h (de Brasília). O primeiro duelo será contra a Tanzânia,

no dia 5 de setembro. No dia 8, enfrentará o Canadá. A última partida da primeira fase será no dia 11, contra a Inglaterra. A treinadora analisou os adversários. “É um grupo de três escolas diferentes e também em três momentos diferentes no futebol feminino. A Tanzânia estreia na competição, e Canadá e Inglaterra já têm uma consistência maior, não só na base, mas também nas suas seleções principais. Esperamos que seja

um grupo que prepare a gente para o que almejamos alcançar na competição”, finalizou. A Copa do Mundo Feminina Sub-20 da Fifa 2026 contará com 24 seleções, e quatro cidades polonesas serão sede do torneio: Lodz, Bielsko-Biala, Katowice e Sosnowiec. Na 12ª edição do Mundial, as duas melhores equipes de cada chave e as quatro melhores terceiras colocadas no geral avançam ao mata-mata, que já começa nas oitavas de final.

Masculino
O técnico Guilherme Dalla Déa definiu os 20 jogadores convocados para a Seleção Brasileira Sub-15, que disputará a Conmebol Liga Evolução 2026. A competição será realizada em Assunção, no Paraguai, de 8 a 20 de setembro. A lista reúne atletas de 11 clubes: Atlético-MG, Corinthians, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São

Paulo, Vasco e Vitória. A Seleção Brasileira é a atual campeã da Liga Evolução. No ano passado, a equipe levantou o troféu após vencer a Argentina. A convocação acontece após uma sequência positiva de preparação na Granja Comary. Nos dois amistosos disputados contra o Uruguai, a Seleção Brasileira venceu com autoridade: 4 a 0 no primeiro e 7 a 0 no segundo, ambos neste mês.

FUTEBOL AMERICANO

Estudo mostra doença cerebral degenerativa em ex-jogadores

Leonardo de Sá
Agência Estado

Um estudo recente publicado no *British Medical Journal* mostrou que pelo menos um em cada quatro jogadores da Liga Nacional de Futebol dos EUA (NFL) que morreram entre 2016 e 2021 tinham encefalopatia trau-

mática crônica (ETC). O artigo da pesquisa realizada pela Mass General Brigham, Universidade de Boston e Concussion & CTE Foundation, divulgado na última terça-feira (25), analisou amostras de cérebros doadas de 2008 a 2021. Como a ETC só pode ser identificada após a morte,

os pesquisadores utilizaram os cérebros de ex-jogadores para estabelecer uma estimativa sobre a presença da doença entre os atletas da liga. A partir das amostras, o modelo foi refinado considerando o período em que houve maior número de doações, além de características demográficas e informações

presentes nas certidões de óbito. Com base nessa análise, os pesquisadores estimaram que no mínimo 25% dos 878 jogadores que atuaram ao menos em uma partida da NFL e morreram entre 2016 e 2021 tinham ETC. O número, porém, pode ser ainda maior. Segundo Daniel Daneshvar, principal autor

do estudo, a porcentagem representa o limite inferior da estimativa. O modelo apontou que a prevalência máxima possível da doença poderia chegar a cerca de 97%, mas a taxa real estaria entre os dois extremos. **Impactos na cabeça**
O futebol americano é

um esporte de contato com altos índices de impactos na cabeça. Ao longo dos últimos anos, atletas decidiram se aposentar precocemente por conta da gravidade das lesões. Um caso que ganhou repercussão na mídia recentemente foi o de Tua Tagovailoa, ex-quarterback do Miami Dolphins e atualmente no Atlanta Falcons. Desde que atua na NFL, o atleta já sofreu três concussões em campo. A primeira e a segunda aconteceram em 2022, enquanto a última ocorreu em 2024.

Ainda em atividade, o *quarterback* é um dos exemplos que movimentaram a discussão sobre as consequências dos impactos sofridos ao longo da carreira. Um outro estudo, publicado em junho de 2023, na revista *Nature Communications* encontrou associação entre a exposição acumulada a impactos na cabeça e a presença de ETC em ex-jogadores de futebol americano. A pesquisa analisou dados de sensores instalados em capacetes e cérebros doados por ex-atletas. Os resultados apontaram que a quantidade e a intensidade dos impactos acumulados durante a carreira estavam relacionadas à presença da doença.



Foto: Reprodução/wikipedia

O estudo mostrou que a quantidade e a intensidade dos impactos acumulados no futebol americano, durante os jogos, estão relacionados à presença de ETC

ESTRANGEIROS

Viveros vem brilhando no Brasileirão

Outros jogadores fizeram história na competição, como Germán Cano, do Fluminense, que marcou 26 gols em 2022

Autor de dois gols na vitória do Athletico-PR sobre o Botafogo por 3 a 2, na última segunda-feira (24), no encerramento da 24ª rodada, o atacante Viveros voltou a assumir a artilharia do Brasileirão Betano. O camisa 9 do Furacão tem agora 16 gols, um a mais do que Pedro, do Flamengo, que também anotou nessa rodada, na derrota para o Cruzeiro por 2 a 1, no Mineirão. Os dois voltam a jogar hoje, quando o Flamengo enfrenta o Botafogo, e o Athletico-PR mede forças diante do Fluminense, na Arena da Baixada.

Na história do Brasileirão por pontos corridos, desde 2003, o estrangeiro com mais gols em uma única edição é o argentino Germán Cano, que em 2022 fez 26 gols pelo Fluminense, seu atual clube. A marca é a maior também desde 2006, quando o Brasileirão passou a ter 20 clubes. Desde 2003, o recorde ainda é do ex-atacante Washington, que marcou 34 gols em 2004 pelo Athletico-PR.

Com 16 gols, o colombiano Viveros pulou agora para o nono lugar entre os jogadores com mais gols em uma única edição do Brasileirão por pontos corridos. Desde 2006, ele já tem a sexta melhor marca. Com mais 14 rodadas pela frente, o camisa 9 do Furacão tem chance de subir ainda mais nessa lista.



Foto: Reprodução/Instagram @atheticoparanaense

O colombiano Viveros já marcou 16 gols e lidera a artilharia do Brasileirão de 2026

Estrangeiros com mais gols em uma única edição do Brasileirão

- 26 – Cano (ARG) – Fluminense (2022)
- 21 – Aristizábal (COL) – Cruzeiro (2003)
- 20 – Tevez (ARG) – Corinthians (2005)
- 19 – Acosta (URU) – Náutico (2008)
- 18 – Petkovic (SER) – Vasco (2004)
- 18 – Calleri (ARG) – São Paulo (2022)
- 18 – Arrascaeta (URU) – Flamengo (2025)
- 17 – Luis Suárez (URU) – Grêmio (2023)
- 16 – Viveros (COL) – Athletico-PR (2026)
- 15 – Marcelo Moreno (BOL) – Cruzeiro (2014)
- 14 – Barcos (ARG) – Palmeiras (2012)
- 14 – Cano (ARG) – Vasco (2020)
- 14 – Vegetti (ARG) – Vasco (2025)

Foto: Lucas Merçon/Fluminense



Foto: Paula Reis/Flamengo

Cano marcou 26 gols em 2022; Arrascaeta, 18 em 2025

SUL-AMERICANO

Conmebol define calendário do próximo ano

A Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) anunciou no início desta semana o calendário completo da temporada de 2027 do futebol do continente. A novidade mostrou que a Copa Libertadores será paralisada

durante a realização da Copa do Mundo Feminina.

A fase inicial do principal torneio da América do Sul terá início de 1º a 7 de fevereiro. No mesmo mês, a Recopa Sul-Americana acontecerá nos dias 17 a 24.

O sorteio da fase de grupos da Libertadores e da Copa Sul-Americana será realizado em 17 de março. Já a primeira rodada desta etapa das competições, começa três semanas depois, a partir de 7 de abril.

A parada para a disputa da Copa do Mundo Feminina, que será sediada no Brasil, começa no fim do mês de junho, na semana dos dias 21 a 27. A bola voltará a rolar na Libertadores em 11 de agosto, com o início das oitavas de final.

A grande decisão da Sul-Americana está previamente marcada para um sábado, dia 20 de novembro. A final do principal torneio do continente ocorre no fim de semana seguinte, dia 27.



Foto: César Greco/Palmeiras

Palmeiras e Flamengo devem disputar mais uma edição da Copa Libertadores em 2027

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

"Gestão paralela"

A atual gestão do futebol do Treze, regida por uma Sociedade de Propósito Específico (SPE), presidida pelo conselheiro do clube Raul Pequeno, está impedida de contratar novos jogadores e de seguir com o trabalho no departamento do clube. Isso decorre de uma decisão judicial de caráter liminar proferida pelo juiz Henrique Jorge Jácome. A consequência estende-se para o Treze Futebol Clube também. A ação foi impetrada por alguns credores da Recuperação Judicial do Galo da Borborema. A decisão é da última terça-feira.

O juízo acatou a tese de que a constituição para que uma SPE comande o departamento de futebol e diversos ativos do Treze não foi devidamente avisada para os credores, que têm a receber cerca de R\$ 22 milhões do Alvinegro de Campina Grande. A decisão judicial também aponta para uma preocupação de que existe hoje no Treze uma "gestão paralela".

A SPE do Treze foi uma alternativa, segundo Raul Pequeno, antes da formalização da SAF, que segundo o dirigente, é sim um norte do clube. Acontece que a SAF tem todo um arcabouço jurídico especial, recentemente aprovado pelo Congresso Nacional, e que é estruturado exatamente sob a lógica do contexto do futebol. Diferente da SPE.

Segundo o próprio Raul e outros diretores do clube, a exemplo do presidente da executiva, João Paiva, e do presidente do Conselho Deliberativo, Anatólio Chaves, a criação da SPE, que foi pactuada entre as diversas forças políticas do clube e bem conduzida politicamente por Raul Pequeno, poderia ajudar o clube a conseguir mais receitas.

Sempre me pareceu, no entanto, que a escolha da SPE poderia dar pano para manga para questionamentos, sobretudo, mesmo, dos credores. E por que poderia haver questionamentos? Primeiro que a SPE, diferente da SAF, por exemplo, não tem obrigação em lei de sanar as dívidas da associação (Treze Futebol Clube). Mas vamos supor que no contrato entre SPE e Treze consta essa obrigação e um plano de pagamento desses passivos. Como isso está disposto? Qual o planejamento disso? Isso não foi esclarecido pela SPE nem à torcida, nem à imprensa e muito menos aos credores.

Por mais que a SPE possa — ou vinha podendo — contratar jogadores, demitir atletas e realizar os pagamentos dos salários e todo tipo de ato inerente à gestão do futebol, é com a associação o vínculo formal dos empregados, afinal a SPE não responde legalmente pelas contratações dentro do sistema do futebol, com a Federação Paraibana de Futebol e a CBF, por exemplo.

Os registros dos atletas são no nome da associação, afinal não houve a transferência completa de ativos do departamento de futebol, como é no caso de SAF, mas, apenas, o entendimento interno, devidamente autorizado pelo Conselho Deliberativo do Galo, a cessão da gestão do departamento principal do clube. Ou seja, a SPE pode contratar um jogador, atrasar salários, e uma eventual dívida e, por consequência, demanda trabalhista, vai para a associação. O caso, portanto, é complexo e requer cuidados.

Além disso, vale lembrar, a relação entre clube (associação) e SPE ainda é um tanto quanto repleta de ruídos. Quando a SPE quis tomar conta da loja do clube e da operação do bar do Estádio Amigão nos jogos do Galo como mandante, a associação demonstrou incômodo. E no fim das contas, os dois pleitos fazem sentido. A SPE quer todo tipo de possibilidade receita que advém da dinâmica do futebol. Afinal, ela nasce da ideia de gerir o futebol.

Também nunca entendi a razão pela qual a agenda de gestão de Raul Pequeno não pudesse ter sido colocada em vigor dentro do modelo associativo, com ele assumindo a presidência no próximo pleito ou mesmo alçado a dirigente de futebol com total autonomia para fazer o seu plano de gestão. A situação jurídica atual é bem solucionável. A Justiça quer apenas esclarecimentos e autorizar cada ato da SPE. O que sempre me incomoda nesses casos é a falta de transparência para o torcedor, que pouco sabe do contrato entre a SPE e a associação.

Parada

Não haverá jogos da Libertadores durante a realização da Copa do Mundo Feminina que acontecerá no Brasil

BRASILEIRÃO

Clássicos são atrações da 25ª rodada

No Maracanã, o Flamengo enfrenta o Botafogo; na Neo Química Arena, o Corinthians joga contra o Santos

Da Redação

A 25ª rodada do Brasileirão terá sequência hoje com a realização de mais seis partidas, destaques para os jogos: Flamengo x Botafogo e Mirassol x Palmeiras. O clássico paulista Corinthians x Santos também chama atenção pelo retorno de Neymar, que não jogou contra o Palmeiras na última quarta-feira (26) pela Copa do Brasil.

No Maracanã, Flamengo e Botafogo voltam a duelar. No primeiro turno, no dia 14 de março, no Estádio Nilton Santos, vitória do Rubro-Negro por 3 a 0. Os times vivem situações distintas na tabela. Enquanto o Rubro-Negro segue na caça ao líder Palmeiras, o Fogão começou a rodada 25 na 11ª posição. E por falar no Alvinho, a novidade pode ser Tiquinho, já regularizado desde a última quinta-feira (27), e que só depende do técnico Rodrigo Bellão.

O paraibano Tiquinho treinou juntamente com o grupo e deve ser relacionado para o jogo. O clássico no Maracanã é uma grande oportunidade para o elenco botafoguense sair da crise após resultados ruins, que culminaram na eliminação precoce na Sul-Americana e afastaram o clube do G5 do Brasileirão, na briga por vaga na Libertadores.

Tanto Flamengo como Botafogo vêm de derrotas na rodada anterior. O Fla perdeu de 2 a 1 para o Cruzeiro, em Belo Horizonte, enquanto o time de General Severiano foi derrotado em casa pelo Athletico-PR por 3 a 2. O jogo será exibido pela Globo, na TV aberta.

Athletico-PR x Fluminense

A rodada de hoje começa mais cedo com o jogo, na Arena da Baixada, entre Athletico-PR e Fluminense, às 11h. O confronto vale muito mais do que apenas três pontos na tabela. É uma briga pela consolidação dentro do G4 da competição. Se o Athletico-PR vencer, chega aos 47 pontos, e briga pela vice-liderança com o Flamengo. Já se a vitória for do Flu, a equipe consolida-se na quarta posição na rodada, e chega aos 44 pontos.

O Athletico-PR tem a terceira melhor defesa da competição, atrás apenas de Flamengo e Palmeiras, os dois primeiros colocados. O Furacão sofreu 22 jogos nas 24 rodadas do Brasileirão. São oito jogos sem ser vazado, ou seja, um terço da campanha.

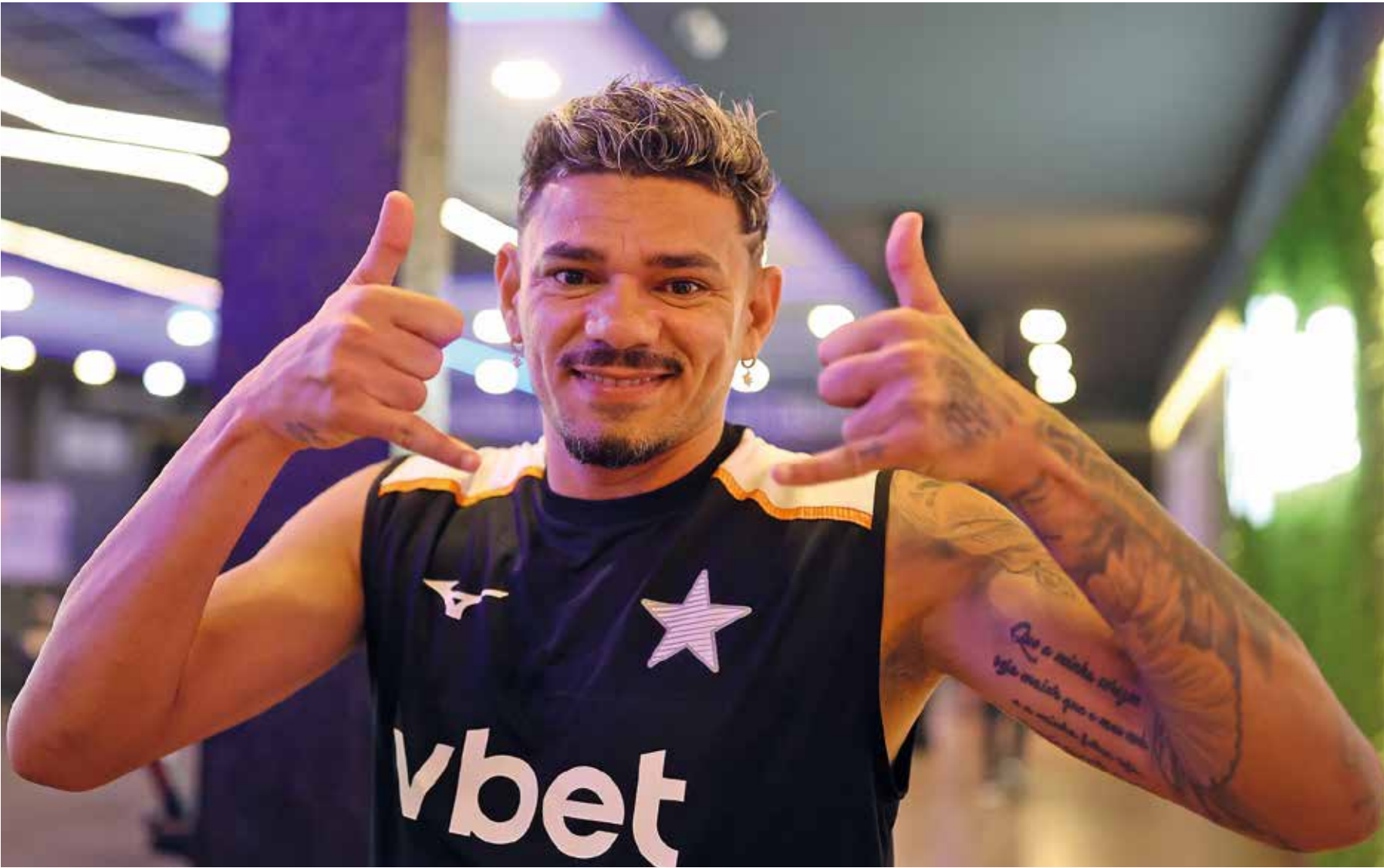


Foto: Vitor Silva/Botafogo

De volta ao Botafogo e já regularizado junto à CBF, o paraibano Tiquinho pode participar do clássico contra o Flamengo, hoje à tarde, no Maracanã

O Fluminense, por sua vez, tem o quarto melhor ataque da competição, atrás de Botafogo, Flamengo e Palmeiras. A equipe marcou 36 vezes em 24 jogos e fez seis gols nas últimas três partidas no Brasileirão.

Na última rodada, o Athletico-PR venceu o Botafogo por 3 a 2 e Fluminense passou pelo Remo com o placar de 2 a 1. O jogo será exibido pelo Premiere.

Corinthians x Santos

A grande novidade neste clássico paulista será a presença de Neymar, ausente no jogo do meio de semana contra o Palmeiras, pela Copa do Brasil. E o jogador vai precisar jogar muito para buscar a vitória visando tirar o time da difícil situação na tabela, onde segue flertando com a zona de rebaixamento. Tem 27 pontos, três a mais que o pri-

meiro clube que abre o Z4. Já o Corinthians aparece em situação bem melhor com 32 pontos e de olho numa vaga na Libertadores. O jogo será exibido a partir das 16h pelo Premiere.

No Brasileirão, existe um grande equilíbrio no clássico entre Corinthians e Santos, mas o Timão ainda leva pequena vantagem. Ao todo, são 73 encontros: 25 vitórias do Corinthians, 24 vitórias do Peixe e 24 empates. Na última rodada, o Santos empatou com o Mirassol em 1 a 1 e o Corinthians perdeu de 2 a 1 para o Coritiba.

Mirassol x Palmeiras

O técnico Abel Ferreira, após a vitória sobre o Santos por 3 a 0, na Copa Brasil, deixou muito claro que não vai poupar nenhum jogador contra o Mirassol, no Estádio Maião, a partir das 18h30, porém perdeu Arias

e Piquerez por motivo de lesão, mas no restante do time será o mesmo do meio de semana. O adversário do Palmeiras está numa situação complicada na zona de rebaixamento e necessita reagir. A campanha deste ano é um contraste em relação a do ano passado, quando garantiu vaga na Copa Libertadores.

No Brasileirão, na rodada anterior empatou de 1 a 1 com o Santos. Já o Palmeiras atropelou o Vasco por 4 a 1. O Prime Video transmite a partida.

Grêmio x Chapecoense

O time gaúcho tem a chance de afastar-se ainda mais da zona de rebaixamento ao enfrentar a Chapecoense, às 18h30, em sua arena. O adversário está na lanterna e dificilmente deixará de cair para a Segunda Divisão. O jogo será exibido

do pelo Premiere. Na rodada anterior, o Grêmio perdeu para o Bragantino por 1 a 0 e a Chape conseguiu a sua segunda vitória na competição e sobre o São Paulo também por 1 a 0.

Bahia x Internacional

Motivado por ter vencido o clássico diante do Vitória por 2 a 0, o Bahia recebe o Internacional, às 19h30, na Arena da Fonte Nova, com transmissão do Premiere e SporTV. O Inter não faz boa campanha e empatou sem gols contra o Atlético-MG pelo Brasileirão. Além disso, o Colorado vem de outro empate, também sem gols no clássico Gre-Nal, partida válida pelo jogo de ida das quartas de final da Copa do Brasil. O duelo decisivo entre as equipes acontece, na próxima quinta-feira (3), apenas quatro dias após o confronto contra o time baiano.

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO
11h
Athletico-PR x Fluminense
16h
Flamengo x Botafogo
Corinthians x Santos
18h30
Mirassol x Palmeiras
Grêmio x Chapecoense
19h30
Bahia x Internacional

SÉRIE B
16h
América-MG x Ponte Preta
Avai x Atlético-GO
18h
CRB x Criciúma
18h30
Vila Nova x Ceará

SÉRIE D
16h
Gama x ASA
17h
ABC x Uberlândia



Foto: Letícia Martins/EC Bahia

Depois de vencer o Vitória na rodada anterior, o Bahia terá pela frente, na Fonte Nova, o Internacional, hoje, pela 25ª rodada do Brasileirão

■ O líder Palmeiras vai jogar com sua força máxima para enfrentar o Mirassol, no Estádio Maião, hoje, a partir das 18h30

Um cangaço feminino

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Foram as memórias das avós das integrantes do grupo Cangaceiras de Lampião, formado por mulheres 60+ de João Pessoa, que motivaram o nome dado ao coletivo. As histórias ouvidas na infância daqueles que tinham sido coiteiros ou que tinham visto, ao menos pela fresta das janelas, cangaceiros como Antônio Silvino e o próprio Lampião, transformaram uma roda de conversa com pessoas idosas em uma atividade cultural regular que enveredou pela estética do cangaço, presente nas vestes e nas apresentações de xaxado. O ritmo popular, aliás, executado originalmente apenas por figurantes masculinos, surgiu na segunda década do século 20 e teria sido difundido pelo bando de Virgulino Ferreira, o Lampião.

Aos 79 anos, Valdileine Alves, uma das integrantes do grupo desde que foi fundado há 15 anos, conta que se apresentou vestida de cangaceira até em Brasília, além de cidades da Paraíba e de Pernambuco. Entre as amigas, ela é conhecida como “Linda”, mas vez por outra assume o papel de Maria Bonita, a quem considera uma grande guerreira. “Lampião chegava nas casas e, quando se engraçava com a moça, levava na marra mesmo. A gente veste a roupa dessas mulheres, que é muito bonita, mas a história delas é muito penosa”, afirma.

O figurino conta com vestimentas marrons, chapéu de couro, cartucheira, facão, punhal e cabaças. As 12 cangaceiras apresentam-se ao lado do coordenador do grupo, Raimundo Trajano (o Lampião), dançando xaxado ao som de músicas de Marinês, Luiz Gonzaga e Trio Nordestino. “A gente está representando o cangaço antigo com o xaxado, um pezinho pra lá e pra cá. Os turistas ficam todos doidos para tirar foto com a gente. Às vezes, nem esperam terminar a apresentação e já estão nos chamando”, relata Valdileine, empolgada.

Para a professora e mestre em História, Nadja Claudino, que estuda a história do cangaço desde a graduação, a apropriação da estética e da memória do cangaço pela indústria cultural, seja nas lembranças

nhas, filmes, telenovelas, seja nos grupos de apresentação como o pessoense, revela uma parte importante da identidade brasileira e nordestina. “As pessoas têm muita vontade de conhecer sobre o cangaço. Tudo que você falar ou colocar em uma prateleira sobre isso vai sair rápido, porque as pessoas têm muita curiosidade”, explica.

Autora do livro *Maria Bonita, entre o punhal e o afeto*, que está para ganhar uma nova edição no próximo mês, a historiadora confessa que sempre se via impactada pela forma como as mulheres, especialmente Maria Bonita, companheira de Lampião, eram retratadas: ora como mulheres valentes e espirituosas, ora como vulgares e violentas. Foi então que decidiu analisar, durante o mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os discursos acerca da cangaceira e dos atributos que lhe eram conferidos nos cordéis, obras memorialistas e páginas dos jornais.

“Qualquer história muda quando se conta a partir das mulheres e, com o cangaço, não foi diferente. Por mais que elas não tivessem um papel decisó-

rio nas ações do grupo, elas estavam ali e modificaram a forma como o cangaço foi visto. Não se tem um Lampião sem Maria Bonita, por exemplo. Ele passou a ser visto de outra maneira, como um sanguinário que depois se transformou num guerreiro apaixonado”, relata Nadja.

Apesar do enfoque da obra, a pesquisadora também aprofunda o contexto das demais mulheres no cangaço. A presença feminina foi, de acordo com ela, uma novidade introduzida por Lampião. Quando começou no bando, chefiado pelo Senhor Pereira, a ideia difundida era a de que, enquanto não houvesse mulheres no cangaço, ele seria forte, porque a mulher amoleceria o homem e traria a desgraça. Esse código só seria superado a partir de 1930. Até então, os cangaceiros faziam festas com a participação de mulheres, mas elas não se juntavam ao grupo.

“Lampião abriu caminho para ter uma mulher no bando e os outros cangaceiros foram autorizados, também porque não podia ficar uma mulher sozinha. Minha hipótese é que, como já tinha mais de 30 anos, Lampião percebeu que não iria

sair daquela vida e queria ter uma mulher, filhos, se apaixonar, viver junto com alguém”, argumenta a pesquisadora, com base nas leituras e entrevistas concedidas pelo Rei do Cangaço.

A entrada das mulheres no bando, no entanto, nem sempre foi tranquila. Ao contrário de Maria Bonita, que, segundo relatos de memorialistas, teria entrado para o bando por livre e espontânea vontade, outras, como Sila (Ilda Ribeiro de Souza) e Dadá (Sérgia Ribeiro), que sobreviveram ao fim do cangaço, relataram terem sido forçadas a ingressar no grupo. Sila conta como foi “pega” por Zé Sereno, o companheiro dela no cangaço, quando ainda era menina, durante uma festa. Diante do pedido do cangaceiro, o pai não tinha o que fazer.

“Ela diz que foi muito apavorada, até se jogou num cacimbão, porque achava que, se ele a visse toda molhada, não iria gostar dela, mas, mesmo assim, ele a quis. Quanto a Dadá, o Corisco tinha um problema com o pai dela e chegou lá dizendo que iria levar sua filha de 13 anos, para se vingar. São vários casos como esses, mas nem todas as mulheres foram levadas à força, pois os cangaceiros também estavam no imaginário romântico de muitas delas”, explica Nadja, destacando o papel dos cordéis na difusão dos cangaceiros como guerreiros que faziam justiça e eram homens ricos e poderosos.

Códigos de conduta

Para além das violações dos corpos, a pesquisadora recorda que as mulheres que entravam no cangaço também precisavam renunciar à maternidade. Caso tivessem filhos, deveriam deixar com os chamados “coiteiros”, famílias que lhes

Embora tardia, presença das mulheres nos grupos modificou a forma como o fenômeno é visto



Ilustração: Tônio

Maria Bonita é descrita ora como valente e espirituosa, ora como vulgar e violenta

combate. A beleza sempre foi incentivada para as mulheres na nossa sociedade e não deixou de existir no cangaço; pelo contrário, elas eram extremamente vaidosas e cuidadas, na medida do possível”, destaca, ainda, Nadja.

Revisitar a trajetória das mulheres do cangaço permite lançar um novo olhar, capaz de superar os mitos e a romantização dessas narrativas. Historicamente silenciadas, essas vozes evidenciam tanto as violências sofridas quanto as formas de resistência em um universo profundamente marcado pelo patriarcado. Ao destacar a presença feminina em um momento histórico tão singular, é possível transformar não apenas a leitura do passado, como também ressignificar suas formas de representação.



Foto: Arquivo pessoal

A mulher teve um espaço para sair da vida doméstica, só que a vida do cangaço não era totalmente diferente da do Sertão, com seus códigos de honra

Nadja Claudino



Foto: Arquivo pessoal

Grupo Cangaceiras de Lampião formou-se a partir de memórias das avós de suas integrantes



Com talento marcante para o humor, Ednaldo atuou em peças como O Auto da Compadecida, em que foi João Grilo. O mundo louco do poeta brasileiro e Paraíbaebá

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Arte, resistência e humor, no palco e fora dele, marcaram a trajetória de Ednaldo do Egypto. O ator e construtor de teatros, assim considerado por muitos, contracenou com muitos obstáculos e, com a graça e iniciativa que lhe eram características, deixou um importante legado para o teatro da Paraíba. Sua história confunde-se com a própria história dos palcos que ajudou a erguer, abrindo cortinas para deixar acesa na memória uma luz capaz de atravessar gerações.

Ednaldo Gonçalves do Egypto nasceu no bairro de Cruz das Armas, na capital paraibana, em 19 de junho de 1935. O filho do comerciante Ananias do Egypto e sua esposa, Maria Elvira Gonçalves do Egypto, deslumbrava-se, ainda na infância, com as primeiras peças de teatro que assistia e, sobretudo, com os espetáculos circenses que, com frequência, chegavam à cidade. Não se pode dizer que foi um pulo dos palcos escolares, onde pisou aos 13 anos, aos palcos de teatros como o Theatro Santa Roza, onde estreou. Nesse meio tempo, o pessoense formou-se em Economia e Contabilidade e trabalhou na área administrativa do Hospital Clementino Fraga, no bairro de Jaguaribe, onde conheceu a esposa, Maria do Socorro Batista do Egypto.

O início da carreira só aconteceu aos 25 anos. Ainda que se dissesse tímido, Ednaldo era assíduo frequentador do Santa Roza e desejava, de algum modo, subir aos palcos para arrancar aplausos do público. Em um documentário produzido por estudantes do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ele afirmava, por exemplo, que o Santa Roza era um sonho

e que se perguntava se um dia entraria lá.

Certa vez, enquanto contava uma piada a outro espectador que aguardava, com ele, o início do espetáculo, foi flagrado pelo então diretor, José Domingues Porto, que percebeu o talento de Ednaldo e o convidou para o papel principal na montagem do texto de Millôr Fernandes, *Do tamanho de um defunto*. A obra conta a agonia de um médico que tremia de medo com a presença de um ladrão dentro de casa. “A quebra da timidez foi a melhor coisa quando comecei a fazer teatro. Ficava nervoso, mas lentamente fui me acostumando e hoje eu olho para a plateia e não tenho o menor medo de enfrentar o público”, afirmou Ednaldo, no documentário.

Com o companheiro de infância e aventuras Pereira do Nascimento, fundaram a Juventude Teatral de Cruz das Armas (Juteca), da qual também fizeram parte nomes como a atriz Zezita Matos. “A Juteca era um sonho de Ednaldo do Egypto de ter o primeiro teatro de bairro, perto de três escolas, porque a gente podia trazer os alunos para o teatro ou ir até elas. A gente ficava muito entusiasmado por ter um teatro em Cruz das Armas”, revela a atriz, com quem nutriu uma amizade com o companheiro de profissão fora dos palcos.

Numa das viagens que faziam, na turnê de *O Auto da Compadecida*, ela lembra que, após a parada num restaurante, Ednaldo havia sido deixado, e somente quilômetros depois ela deu pela ausência do amigo. Mesmo que os companheiros dissessem, Ednaldo não tirava da cabeça que tinha sido uma brincadeira de Zezita deixá-lo de propósito. “Ele era muito teimosinho e, de fato, não tirou da cabeça que foi eu que mandou o ônibus sair. Tivemos esses e outros tantos momentos de muita alegria”, recorda.

Na década de 1970, em plena Ditadura Militar, o teatro de bairro de Cruz das Armas tornou-se também um núcleo de resistência cultural paraibana, pelo qual

Ednaldo do Egypto

Artista não apenas atuou, como ergueu palcos de teatro

passaram montagens como *A Farsa da Boa Preguiça*, do paraibano Ariano Suassuna, e *O Planeta dos Macacos*, de Osvaldo Travassos e Félix Galdino, tendo, no elenco, Carlos Valério, Hércules Félix, Ricardo Pereira e Fernando Abath. “O teatro que se fazia na Juteca, até o teatro infantil, quando se fazia, era permeado de denúncias sociais”, relatou Abath no livro *Educação popular: autoras e autores da Paraíba*, relembrando da época em que era estudante secundarista.

Nos palcos, Ednaldo brilhou em espetáculos como *Paraibeabá*, de Paulo Pontes, e *O mundo louco do poeta brasileiro*, de José Bezerra Filho, sempre buscando a profissionalização da carreira. Uma das grandes parcerias de Ednaldo foi com o ator e diretor Fernando Teixeira. Ele recorda-se que o amigo foi o primeiro a se aproximar e estreitar laços quando retornou do sul do país, numa época em que muitos ainda duvidavam de sua atuação e experiência. Teixeira lembra que foi por iniciativa de Ednaldo que algumas portas se abriram, ao convidá-lo para participar da reunião da montagem de *O Auto da Compadecida*, que estava sendo preparada por Ariano Suassuna em parceria com setores da Universidade Federal da Paraíba.

“No meio da reunião, muita gente estava querendo saber quem seria o diretor, e aí, antes que Ariano terminasse de dizer, Ednaldo se adiantou e disse: ‘Quem vai dirigir é o Fernando Teixeira’. Foi aquele burburinho”, conta o diretor. Na montagem, Ednaldo fez o papel de João Grilo, o primeiro dos muitos trabalhos que realizaram juntos. “Ele era um ator maravilhoso, um grande palhaço, um cara mostrão que fez de tudo comigo, de tragédia a comédia. Tinha certa dificuldade e decorava muito mais na prática, no palco”, descreve Teixeira.

Veia humorística

A veia humorística de Ednaldo, no entanto, acabou colocando o amigo diretor em apuros na montagem de *Ôtelo*, de Shakespeare. Já nos ensaios, Fernando percebia que, vez ou outra, o companheiro, que interpretava Petrônio, pai de Desdêmona, imprimia um tom cô-

mico pouco adequado ao personagem sério, e tentava corrigir a situação. Na estreia, porém, não teve jeito. Ednaldo fez uma expressão típica de seu estilo para o público, transformando o que deveria ser a entrada solene do personagem numa situação hilária. Irritado, Fernando afirma que nem chegou a ver o espetáculo até o fim, e reconhece que não deveria ter escolhido o amigo para interpretar aquele personagem.

“Ednaldo era uma pessoa que você não parava de rir um segundo. Tudo dele era uma piada, a ponto de a gente não querer vê-lo em alguns dias. Uma pessoa caía de bicicleta, ele dizia uma piada, e todo mundo achava maravilhoso, porque era muito engraçado mesmo”, ressalta Teixeira, com quem o amigo também ingressou como professor de notório saber na UFPB, lecionando matérias de teatro no curso de Educação Artística.

Na universidade, criaram o Teatro Lima Penante. Fernando destaca o apoio de Ednaldo do Egypto para transformar o antigo prédio onde funcionava um setor do Ministério da Cultura em espaço para apresentação de espetáculos. “Ele era uma pessoa que abandonava qualquer coisa para fazer teatro e era muito reconhecido por isso. Ninguém fechava a porta para ele, ao contrário. O que ele queria resolver, ia atrás e já chegava dizendo que havia conversado com o governador e tal. São essas pessoas que marcam, dignificam e fazem com que o teatro se antecipe e ande”, reforça.

O dramaturgo, ator e diretor de teatro paraibano Paulo Vieira lembra-se do primeiro contato com Ednaldo, na portaria do Theatro Santa Roza, e da convivência no Teatro Lima Penante, onde trabalharam juntos. Ele reforça que a veia cômica do ator era muito espontânea, baseada mais em uma naturalidade própria do que propriamente em uma técnica. “O que fazia Ednaldo ser um ator cômico tão especial era ele mesmo. Entre amigos, ele era uma pessoa muito divertida, cheia de trocadilhos, mas todos muito inocentes, Ednaldo era muito elegante nas suas piadas, nunca foi ofensivo, agressivo ou preconceituoso”, ressalta.

Outra característica que Paulo faz questão de destacar é o quão gentil, agradável e gene-

roso Ednaldo era. Afirmar nunca ter visto o companheiro de palco bravo ou brigando com alguém e, até hoje, emociona-se ao lembrar do gesto dele quando anunciou que tentaria a carreira de ator em São Paulo. Discretamente, enquanto estava no ambiente de trabalho, Ednaldo entrou e colocou no bolso de Paulo um pequeno maço de dinheiro dizendo que era para ajudá-lo na viagem.

“Ele era uma pessoa prática, mas, acima de tudo, muito leve. Nas coisas que exigia mais seriedade, ele botava umas pitadas de humor. Isso foi sempre Ednaldo do Egypto. Tinha um senso de humor incomum, criativo, cheio de trocadilhos, alguns que jamais me saíram da memória, como o dia em que Konstantin Chernenko faleceu e teria dito, segundo o próprio Ednaldo, em suas últimas palavras: ‘o Kremlin não compensa’”, relata o ator e diretor Edilson Alves, que, além das parcerias no palco, foi seu aluno em uma das disciplinas na universidade.

Outros percursos

Além das mais de 60 peças que participou — algumas vezes como diretor, na maior parte como ator —, Ednaldo do Egypto atuou no filme *Por 30 dinheiros*, de Vânia Perazzo, gravado em Areia (PB), poucos meses antes de seu falecimento. Passou também pela telerdramaturgia, segundo o filho Fabiano, participando das primeiras cenas da novela *Vereda tropical*, gravada em 1984, no Porto do Capim, em João Pessoa. Na TV O Norte, fez parte do programa humorístico *Sábado de graça*, dirigido por Cristovam Tadeu.

No campo da pesquisa, Ednaldo reuniu importantes registros de cartazes, programas, livros, revistas, e fotografias de espetáculos e atores paraibanos na obra *Quarenta anos do Teatro Paraibano* (1988). Seu grande projeto, no entanto, foi a construção do próprio teatro, sonho que colocou em prática depois da aposentadoria na universidade, juntando as economias que havia feito durante toda a vida.

Não faltaram quem tentasse dissuadi-lo da ideia, como a esposa e o companheiro de palco, Fernando Teixeira. “Eu era muito amigo dele e pelejei, dizendo para ele pegar o di-

nheiro que guardou a vida toda e ir para a Europa, passar um mês conhecendo aquilo tudo e viajando, mas não teve jeito”, conta Teixeira. Ele e tantos outros lhe eram próximos renderam-se à ideia do artista e ajudaram-no a erguer o Teatro Ednaldo do Egypto, nome que só colocou por insistência dos amigos, já que, por modéstia, pretendia chamá-lo Teatro da Praia.

Fabiano do Egypto, que assumiu o comando da casa de espetáculos depois da morte do pai, lembra de todos os passos dessa história, desde a aquisição da casa no bairro de Manaíra, cujos quartos foram transformados em camarins, até a construção do espaço cênico e da mesa de refletores, comprados com o dinheiro de um *show* beneficente feito pelo humorista paraibano Ze Lezin. O ator Paulo Vieira recorda também que, já com o prédio construído, Ednaldo recolhia móveis descartados nas calçadas e os reformava para equipar o prédio.

“O intuito dele de fazer teatro era incentivar as crianças a gostarem de cultura. Tanto que o Teatro Ednaldo do Egypto era conhecido como o teatro das peças infantis, porque todo mês tinha uma programação diferente de espetáculos. Era um teatro de bolso, pequeno, que tinha esse intuito. E ele gostava muito quando as crianças iam ao teatro assistir. Todo espetáculo que tinha, ele estava lá, assistindo à peça, e eu via que ele ficava vibrando”, recorda Fabiano, que também foi ator, produtor e diretor de teatro.

Nas horas vagas, o palco continuava sendo seu passatempo, só que, dessa vez, com a música. Com um grupo de amigos, chegou a montar o chamado “Menestréis de Manaíra”, no qual cantava boleros e sambas-canções e tocava instrumentos como violão e pandeiro. O agravamento dos problemas de saúde decorrentes de um aneurisma, no entanto, o fez subir ao palco de seu teatro pela última vez em 18 de abril de 2002, como afirmou a reportagem de **A União** sobre seu falecimento: “não para ver o público sorrir com as suas comédias, ou chorar com suas tragédias, e sim, para ser contemplado mais de perto, para que seu corpo fosse velado e se tornasse inesquecível na memória de muitos que, um dia, puderam conhecer seu trabalho e sua vida”.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Pau que bate em Chico também bate em Francisco? Na imprensa, não

Um é “filho do homem”, o outro também é “filho do homem”. Um é filho de Luiz, o outro é filho de Jair. Um é empresário, o outro é candidato à Presidência da República. Um virou pauta recorrente na mídia, com direito a vazamentos seletivos de investigações da Polícia Federal, o outro é blindado pela imprensa — ou quase.

Pau que bate em Chico também bate em Francisco? Na imprensa, não. Quem acompanha o noticiário da política nacional pelos grandes grupos de mídia, ou se informa pelo tiozão do zap, sabe bem de quem estou falando: Lulinha e Flávio Bolsonaro.

O primeiro não é político, mas é filho de Lula, um dos presidentes mais amados e também um dos mais odiados do Brasil, sobretudo por quem é rico, ou por quem acha que é. O segundo é político, presidencialível e filho de Jair Bolsonaro, ex-deputado do baixo clero, que se tornou presidente da República, não se reelegeu, articulou um golpe de estado e foi preso, condenado a 27 anos e três meses de prisão.

Tanto Lulinha quanto Flávio Bolsonaro são alvo de investigações da Polícia Federal. Mas o tratamento dado a um e a outro é diferente. Inclusive é necessário registrar que boa parte da mídia passou a chamá-lo apenas de Flávio,

CARTA ABERTA À IMPRENSA BRASILEIRA

CARTA ABERTA À IMPRENSA BRASILEIRA

30.299 assinaram. Vamos chegar a 50.000

👤 Maria S. assinou 15 minutos atrás

👤 Ana M. assinou 16 minutos atrás

Presença online

Último nome

Email

Petição pública é aberta e está disponível para assinatura na plataforma digital Avaaz.org

numa tentativa de distanciar-las das ações e crimes cometidos pelo pai, Jair Bolsonaro.

Na televisão, no rádio, no jornal, ou na internet, a imprensa que atua com dois pesos e duas medidas não mede seu afã na hora de atacar apenas um lado, seja com a pena, seja com a oratória. Para isso, uns se valem de maledicências, outros de diatribes. Mas o intuito é o mesmo: difamar Lulinha para atacar o presidencialível Lula.

Sobre esse tema, o Grupo Prerrogativas divulgou, no dia 21 de agosto, uma petição pú-

blica, no formato de “Carta aberta à imprensa brasileira”, em que se questiona o tratamento desigual dado pela mídia a casos semelhantes, conforme sobrenome e posição política. A lógica é que “a régua tem que ser a mesma para todos”.

O documento começa assim: “Nós, cidadãos brasileiros que ainda acreditam na função social do jornalismo, vimos a público manifestar nossa indignação diante do abismo entre o tratamento dado pela grande imprensa a um candidato à Presidência da República e a um cidadão comum, que não ocupa cargo públi-

co, não é candidato a nada e não pede voto. A pergunta é uma só: por que um é caçado sem provas, enquanto o outro é blindado com provas?”.

Para o Grupo Prerrogativas, a isonomia é condição inegociável do Estado de Direito. “A mesma regra, o mesmo escrutínio e a mesma presunção de inocência devem valer para todos, independentemente de cargo, sobrenome ou orientação política”, pontuam. E arrematam: “Rigor seletivo transforma apuração jornalística em escolha editorial”.

E a carta pública (disponível para assinatura no Avaaz.org — Petições da Comunidade) ressalta a questão da escolha editorial em forma de apelo à imprensa: “A diferença não está na lei. Está no sobrenome e na orientação editorial. Não aceitamos essa farsa. E cobramos de vocês, que detêm o dever de informar, a mesma energia, o mesmo rigor e a mesma coragem para investigar os dois lados. Se há crimes, que se mostrem as provas e as algemas. Para todos. A história cobrará de vocês. Nós já estamos cobrando hoje”.

Quer você faça ou não parte da mídia, reflita bem sobre suas escolhas: editoriais ou cidadãs. Pau que bate em Chico também deve bater em Francisco. Ou não bate em ninguém.

Tocando em Frente

The Beatles – Forever – II – O Início

Embora tenham sido as duas, mãe (Julia) e tia (Mimi) de John Lennon, que tenham dado a ele a primeira guitarra, foi esta que o advertiu de que ele jamais “ganharia a vida tocando guitarra”, porém foi aquela que sempre estimulou o filho a se tornar uma espécie de metido, enxerido, já que ele tinha um charme próprio, no sentido de conquistar os amigos, colegas de escola e parceiros.

Naqueles momentos iniciais, era até chamamos algum estudante pertencente ao chamado “núcleo musical” de uma escola deixar-se levar pelo gosto de querer tocar algum instrumento, sobretudo com repertório voltado à chamada “música beat”, como se chamava o rock no início dos anos 1950, até porque o gosto denunciava um pouco da rebeldia que dominava a roda de que Lennon fazia parte.

Como já relatado, em coluna anterior, faziam parte do incipiente The Quarrymen os colegas de Lennon, Ivan Vaughan e Pete Shotton, mas foi este o maior influenciador no modo de interpretarem um rock mais áspeto, com um som *skiffle*, uma espécie de cruzamento entre o rock americano com o *rhythm & blues* e o *country*, com guitarra acústica e qualquer “instrumento” de madeira que servisse para definir aquele ritmo. Era, então, qualquer coisa de doméstico, autêntica música de “fundo de quintal”.

Banda The Quarrymen marcou as primeiras incursões de John Lennon na música

De concreto, foi assim que se criou o The Quarrymen, formado por Lennon, Erick Griffiths (o baixista do grupo), Colin Hanton, Rod Davis, Len Garry e Pete Shotton, responsável pelo ritmo *skiffle*, que ele produzia por meio de improvisada tábua de lavar roupa, o que parecia meio estranho, mas perfeitamente enquadrado na “rebeldia” daqueles pré-adolescentes.

Desde o início de sua pretensão de formar uma banda de rock, Lennon já se incorporava num papel de líder, pois considerava-se diferente dos demais companheiros de escola e de banda.

Assim, mesmo indo de mal a pior no aproveitamento escolar, Lennon chegou a merecer elogios do diretor de sua escola, que via nele uma semente promissora e o fez transferir-se para uma escola de arte local. Como se dizia hoje: foi como se juntasse a fome com a vontade de comer. E era exatamente isso que Lennon pretendia.

Seria esse, como aconteceu, o primeiro grande passo dele em busca de sua afirmação definitiva dos rumos que o esperavam no imenso universo dos grandes nomes da música dos Beatles, como a conhecemos hoje.

É aí que, com a mudança de ambiente, veio a aproximação com novos colegas que viriam a ser os futuros parceiros, entre os quais figurava o jovem inglês Paul McCartney, mas aí já seria outra história...

MUNDO CORPORATIVO

Tecnologia ajuda na otimização de escalas

Softwares *automatizam organização da força de trabalho, poupando recursos*

Agência Estado

A gestão de escalas de trabalho deixou de ser tarefa apenas administrativa para se tornar decisão estratégica dentro das empresas. Em operações com centenas ou milhares de colaboradores distribuídos em múltiplos turnos, unidades e níveis de qualificação, montar horários com base em planilhas ou na experiência do gestor tornou-se prática cada vez mais arriscada, tanto do ponto de vista financeiro quanto legal.

Esse cenário explica o crescimento da procura por soluções de Gestão da Força de Trabalho (*Workforce Management*, ou WFM, na sigla em inglês), tecnologia que reúne previsão de demanda, montagem automática de escalas e controle de presença em uma plataforma.

O relatório *Workforce Management Market by Solution Type – Global Forecast to 2030*, publicado em dezembro de 2025, estima que o mercado mundial de WFM passe de US\$ 9,57 bilhões em 2025 para US\$ 15,67 bilhões em 2030. O material aponta como fatores de crescimento a necessidade de aumentar produtividade com equipes menores, a complexidade das regras trabalhistas, os *gaps* de habilidades e a necessidade de maior visibilidade sobre a força de trabalho.

Segundo Adelino Silva, gerente de Suporte ao Desenvolvimento de uma empresa especializada nesse tipo de *software*, o avanço da demanda combina pressões externas e internas: de um lado, equilibrar redução de custos com manutenção da qualidade do serviço; de outro, a complexidade da legislação trabalhista

brasileira, que exige controle rigoroso de jornadas, intervalos e acordos coletivos sob risco de contingências financeiras e judiciais.

“Quanto mais complexa a operação, maior o número de variáveis a considerar ao mesmo tempo: flutuação de demanda por hora, dia e estação do ano, diferentes níveis de habilitação dos profissionais, restrições legais e contratuais, e preferências individuais de cada colaborador”, detalha.

Ele exemplifica que, em um hospital, é preciso garantir enfermeiros com especialidades específicas em cada plantão, respeitando limites de horas extras e de descanso. Em redes de supermercados, os picos de movimento exigem reposição de estoque e atendimento em caixa em horários definidos, enquanto, em empresas de serviços, a sazonalidade de projetos pode exigir realocação dinâmica de equipes com competências distintas.

Para Silva, a gestão manual ou baseada apenas na intuição do gestor torna-se insustentável, pois a capacidade humana de processar tantas restrições e encontrar a solução ótima é limitada. “A tecnologia entra como aliada ao transformar dados históricos e preditivos em recomendações concretas de escalas, permitindo decisões mais rápidas e consistentes e antecipando problemas em vez de apenas reagir a eles”, pondera.

Duas frentes

A tecnologia de WFM atua em duas frentes complementares: automação de processos administrativos e otimização da alocação de recursos. Ao automatizar a construção de escalas, tarefa que antes con-

sumia horas de trabalho manual, a ferramenta libera os gestores para atividades de maior valor agregado, como treinamento, acompanhamento de desempenho e melhoria contínua dos processos.

Do ponto de vista financeiro, aponta o especialista, o ganho vem do dimensionamento preciso das equipes. Ao prever a demanda com base em dados históricos e sazonais, o *software* calcula quantas pessoas são necessárias em cada turno e localidade, evitando tanto o excesso de mão de obra, que gera custo sem retorno em produtividade, quanto a falta de pessoal, que pode significar filas, perda de vendas ou queda na qualidade do atendimento.

“No varejo, isso pode significar menos horas ociosas no caixa; na saúde, equipes mais ajustadas à ocupação dos leitos; em serviços, alocação mais ágil de técnicos em campo”, frisa.

Silva também considera absenteísmo, excesso de horas extras e dimensionamento inadequado de equipes como desafios recorrentes, ligados à falta de visibilidade e de antecipação por parte da gestão.

Erros recorrentes

Entre os erros mais comuns, está tratar a construção de escalas como tarefa meramente administrativa, e não decisão estratégica que afeta custos, qualidade e clima organizacional. Outro ponto de atenção é a falta de integração entre sistemas de WFM, ponto eletrônico, folha de pagamento e RH, o que costuma gerar retrabalho e abrir brechas para erros de conformidade legal.

“Ignorar a voz do colaborador no processo é um erro cada vez mais crítico. Escalas impostas sem considerar preferências ou disponibilidade geram insatisfação, aumentando absenteísmo e rotatividade, especialmente entre as gerações mais jovens”, destaca o executivo.

A solução, segundo ele, passa por um diagnóstico operacional claro, seguido da adoção de uma plataforma integrada que una previsão de demanda, montagem automática de escalas e gestão de presenças, com participação ativa de gestores e colaboradores na definição de regras e prioridades.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Gosto azedo (2) = acre + falado (2) = dito. Solução: creio (4) = acredito.

Charada de hoje: Seu rosto (2) está (1) demonstrando seu aspecto peculiar (3).



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: David Bezkowitz/Wikimedia

Eita!!!!

Presentes!

Instituído em 2010 pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Dia Internacional das Vítimas de Desaparecimentos Forçados é celebrado hoje. A data serve como um lembrete de que a repressão com motivações políticas não está restrita a países, regiões ou intervalos históricos específicos, mas atinge sujeitos sociais diversos em diferentes locais do mundo. Na América Latina, uma das épocas em que relatos desses crimes se tornaram mais comuns foi a das ditaduras militares, vigentes das décadas de 1960 a 1980. Financiados pelos Estados Unidos em meio à Guerra Fria, tais regimes perseguiram seus opositores, sob a desculpa de combate ao comunismo, e deixaram marcas profundas não apenas nos familiares dos desaparecidos e dos mortos, mas em toda a sociedade. Para relemburar algumas dessas histórias e reverenciar a luta contra o autoritarismo, confira, abaixo, três obras que dramatizam ou documentarizam alguns dos episódios mais emblemáticos desse período.

Ainda Estou Aqui (2024)

O longa-metragem de Walter Salles, vencedor do Oscar de Filme Internacional em 2025, conta a busca de Eunice Paiva (Fernanda Torres), advogada e defensora dos Direitos Humanos, por respostas após o desaparecimento de seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva (Selton Mello). A obra baseia-se no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, filho do casal, que divide os relatos políticos com a saga de sua mãe ao descobrir o Alzheimer — uma forma de mostrar, em dois caminhos, a luta pela preservação da memória. A morte de Rubens foi reconhecida somente em 1996.

Zuzu Angel (2006)

Interpretada por Patrícia Pillar, a personagem que dá título ao filme de Sérgio Rezende faz referência à estilista mineira Zuleika Angel Jones — cujo filho, Stuart Angel, desapareceu após ser preso, em 1971, por estar envolvido na luta armada contra a Ditadura. Zuzu nunca havia sido militante, mas, assim como Eunice Paiva, passou a batalhar pela verdade quanto ao paradeiro de seu rebento, atraindo atenção midiática. O incômodo causado ao regime, no entanto, também levou ao assassinato dela, em 1976.

Las madres de la Plaza de Mayo (1985)

O documentário argentino acompanha um grupo que se tornou símbolo da resistência contra o regime autoritário no país: as Mães da Praça de Maio. A associação reuniu mulheres cujos filhos desapareceram ou foram mortos por causa da Ditadura. Em 1977, elas iniciaram passeatas em frente à Casa Rosada, sede do governo local. A obra que conta essa história foi dirigida por Susana Blaustein Muñoz e Lourdes Portillo, tendo concorrido ao Oscar de Melhor Documentário.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

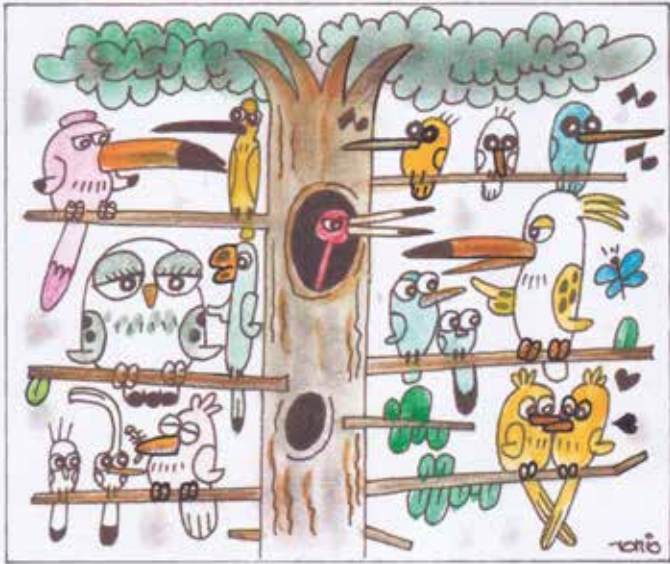
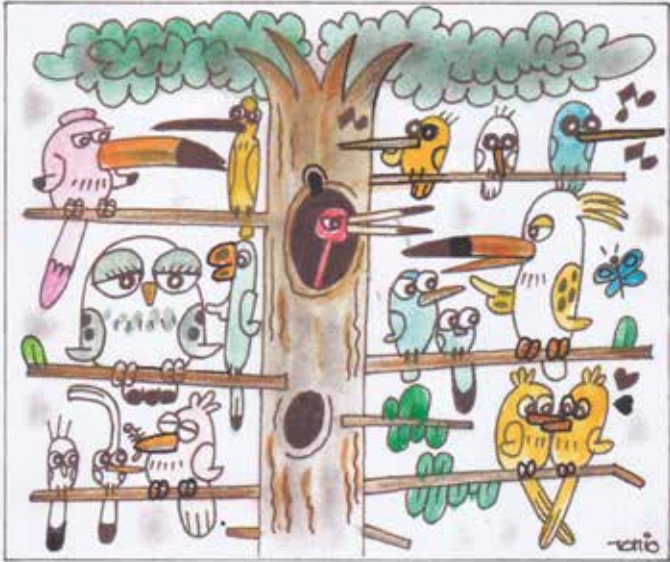
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – galho; 2 – buraco na árvore; 3 – rabo; 4 – folha; 5 – nota musical; 6 – coração; 7 – asa; 8 – asa; 9 – bico